FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1968

ANO 48.º — NÚMERO 16 455

Edição da noite

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: DIBOA — TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O sr. Presidente do Conselho ao receber os presidentes das Corporações, no início da reunião desta tarde

SENTIDO HUMANISTA DA EDUCAÇÃO

pelo prof. Vitorino Magalhães Godinho

É o homem, por excelência, educador e educável: quer isto dizer que não lhe basta para a vida o equipamento inato de condutas e tem de aprender a inventar percentagem esmagadora do seu comportamento. Entre os restantes animais o cabedal de reacções originàriamente automáticas também é completado, em crescendo à medida que se sobe na escala zoológica, pelas reacções de aprendizagem e de inteligência, mas o primeiro basta em larguíssima medida. E ao invés do que acontece com os outros animais, na espécie humana o indivíduo leva longos anos até estar apto a viver pelos seus recursos próprios. Maturação lenta, por conseguinte, que o coloca na dependência do adulto até atingir por seu turno

(Continua na 10.ª página)

O Governo não pode deixar de ser fiel aos ideais corporativos

—afirmou o prof. Marcello Caetano aos presidentes das Corporações

O prof. dr. Marcello Caetano recebeu, esta tarde, no seu gabinete de trabalho em S. Bento, os presidentes das nove Corporações existentes.

Os visitantes chegaram ao Palácio de S. Bento pouco antes das 15 e 15, acompanhados do titular da pasta das Corporações, sr. prof. dr. Gonçalves de Proença, e foram recebidos pelo sr. dr. Paiva Brandão, que os acompanhou ao gabinete do Chefe do Governo.

Ao apresentar os presidentes das Corporações ao sr. Presidente do Conselho, o sr. prof. dr. Gonçalves de Proença começou por agradecer a honra concedida a toda a organização corporativa nacional e, através dela, a toda a população activa

(Continua na 11.ª página)

Mulele é um herói como «Che» Guevara

—afirma Rádio Brazzaville

BRAZZAVILLE, 10 — A emissora «Voz da Revolução Congolesa» de Brazzaville, segundo informa a U. P. I., proclamou hoje: «Pierre Mulele é um herói nacional comparável a Ernesto «Che» Guevara» (o revolucionário da América Latina morto no dia 9 de Outubro do ano passado na Bolívia, exactamente um ano antes da execução de Mulele).

A emissora do antigo Congo francês, que ontem cortou as relações diplomáticas com Kinshasa, afirmou ainda: «O general Mobutu não tem sequer vergonha de não cumprir a sua palavra de soldado, matando Mulele».

Entretanto, em Kinshasa, comentando a execução de Pierre Mulele a Rádio Kinshasa advertiu que o Governo de Mobutu está preparado para utilizar o «direito de perseguição» contra o Congo de Brazzaville e outros países vizinhos «que dão abrigo a revolucionários anticongoleses».

«Eliminaremos os rebeldes sem piedade, mesmo no seu último refúgio» — ameaçou a emissora.

Prof. MILLER GUERRA

CONFIRMA-SE A ESCOLHA DO PROFESSOR MILLER GUERRA PARA BASTONÁRIO DA ORDEM DOS MÉDICOS

Ler notícia na página central

ENCONTRO EM GIBRALTAR: NEGOCIAÇÕES DIFÍCEIS ENTRE WILSON E SMITH

GIBRALTAR, 10 — (R.) — O primeiro-ministro Harold Wilson e o dirigente rodesiano Ian Smith conferenciaram hoje durante três horas e meia para discutirem a questão da Rodésia e mais tarde elementos ligados á comitiva oficial revelaram que as negociações foram difíceis.

O encontro verificou-se a bordo do navio de guerra «Fearless» atracado no porto de Gibraltar.

Cada uma das partes apresentou uma delegação de 12 elementos, os quais se sentaram face a face a uma longa mesa na sala dos oficiais do navio para tentarem chegar a um acordo que ponha fim á crise que se arrasta há três anos, desde que a Rodésia declarou unilateralmente a independência.

O encontro terminou ás 13 horas locais e os dois chefes de Governo combinaram reunir-se novamente ás 15 e 30, prolongando-se esta sessão possìvelmente até ás 20 horas.

Ian Smith almoçou a bordo do contratorpedeiro «Kent» onde está instalado, com a sua comitiva, ao passo que Wilson permaneceu a bordo do «Fearless» onde almoçou com o governador da Rodésia «sir» Humphrey Gibbs.

Este encontro entre Wilson e Smith é o primeiro que os dois estadistas efectuam desde Dezembro de 1966, data em que não conseguiram chegar a um acordo a bordo do cruzador «Tiger».

Fontes ligadas ás conversações disseram que apesar da dificuldade dos problemas debatidos esta manhã o ambiente manteve-se afável e a troca de impressões decorreu sempre num tom pólido.

Wilson e Smith falaram primeiro a sós durante 15 minutos antes de mandarem entrar para a sala os seus colaboradores.

Durante a reunião houve uma pausa de 20 minutos durante a qual foi servido o café.

O CHEFE DO GOVERNO IRÁ AO ULTRAMAR

LUANDA, 10 — (A. N. I.) — O Centro de Informação e Turismo de Angola distribuiu a seguinte notícia:

«O Presidente do Conselho visitará o Ultramar dentro em breve. Esta visita começará pelas províncias da Guiné, de Angola e de Moçambique, em data que oportunamente será indicada.»

Ian Smith, o «leader» rodesiano que levou o seu país a proclamar a independência unilateralmente e agora se encontra em conversações com Harold Wilson, em Gibraltar

HOJE — 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Os bombeiros voluntários ao retirarem do lago o corpo de D. Virgínia Mendes Fernandes

Apareceu o corpo de uma mulher num lago do Porto

PORTO, 10 — Depois das 10 h. de hoje, o jardineiro sr. José da Silva verificou que, na rede que cadeia o lago do Jardim do Campo de 24 de Agosto, se encontrava um casaco e uns sapatos de mulher. Estranhando o caso, debruçou-se, e viu no fundo, um corpo. Imediatamente chamou uma mulher do posto de venda de fruta, e ambos pensaram ser um manequim que, por brincadeira, ali teriam colocado. O facto foi posto de parte por improvável, e o referido jardineiro dirigiu-se a um agente da P. S. P. que ali passava.

Juntou-se gente, e os bombeiros, apenas são alertados cerca das 11 e 30. Ali comparecendo, então, os Sapadores e os Voluntários do Porto que retiraram o corpo da mulher, que transportaram ao Hospital de Santo António.

Após a chegada dos bombeiros e, depois de a Polícia Judiciária, verificou-se o conteudo dos bolsos do casaco abandonado onde se encontrava um bilhete de identidade que se verificou pertencer á vítima. Trata-se de Virgínia Mendes Fernandes, de 43 anos, solteira.

O que acontecera? Queda? Pouco provável, pois a altura da água tinha menos de um metro. Suicídio? Dado o aspecto geral, parece verosímil. Crime? Parece não estar também posta de lado essa hipótese. Caberá, agora, ás autoridades averiguar

CONTRAFACÇÃO LITERÁRIA NO TRIBUNAL DA BOA HORA

O caso do livro «Luuanda» foi ontem mais uma vez adiado no 3.º Juizo Correccional da Boa Hora, sob a presidência do juiz dr. Augusto Pais de Almeida.

O queixoso é o escritor Luandino Vieira, pseudónimo de José Vieira Mateus da Graça, autor daquele volume que foi apreendido em determinada altura, e que foi premiado na Sociedade Portuguesa de Escritores. Da apreensão do livro, da prisão do autor e do prémio se aproveitaram alguns comerciantes, segundo a pronuncia, para fazerem edição clandestina de 4000 exemplares que venderam depois, nas livrarias, em particular, como se ela tivesse sido feita no Brasil.

Os réus são os srs. Inocêncio de Almeida Araujo, de 37 anos, Óscar Pereira Rodrigues, de 41, José António Neves Santos, de 34, e Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro, de 41.

Da contrafacção se queixa Luandino Vieira, pelo seu advogado dr. J. Pires de Lima. Há um pedido de indemnização civil de 191 300 escudos. No pleito intervêm também, patrocinando os réus, os drs. Luís Pedreira, Francisco Salgado Zenha, Moreira da Costa, Sebastião Ribeiro e António Maria Monteiro Junior.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que, depois de amanhã, sábado, dia 12, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO», se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até às 19 horas.

MAGNÍFICOS ANDARES

ÀS PORTAS DE LISBOA — ALGÉS

Situação excepcional, junto à Praça de Touros de Algés, 4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, despensa, etc. Bem servidas de transportes. Temos uma solução para cada cliente.

LOTES 90, 130 e 131

AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES

S. P. O. C. — Soc. Portuguesa de Obras e Construções, Lda.

Telef. 21 22 88 - 21 31 02

A REVISÃO DO ACORDO COLECTIVO DE TRABALHO DO PESSOAL DA C. P.

Do Secretariado Nacional da Informação recebemos a seguinte nota:

«1 — Publicaram, há dias, os órgãos da Informação, a notícia de que fora enviada, em 30 de Setembro ultimo, á Presidência do Conselho, uma exposição subscrita pelo pessoal dos escritórios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C. P.) em que se pedia a revisão das condições de prestação de serviço e a substituição «muito urgente» do vigente acordo colectivo de trabalho.

2 — Porém, a revisão das condições de trabalho de todo o pessoal da C. P., além da concessão de outras regalias, fora já, anteriormente, encarada pelo Governo, tendo naturalmente em conta a situação financeira da empresa e o custo dos transportes em caminho-de-ferro para os respectivos utentes.

3 — Tanto assim que, como aliás o divulgou oportunamente a Imprensa (25 e 26-9-68), o ministro das Corporações e Previdência Social, com a concordância do seu colega das Comunicações, determinou, por portaria de 23 de Setembro do corrente ano, a constituição de uma comissão, de que fazem parte os representantes legitimos dos trabalhadores, cuja tarefa será rever, em vários aspectos, as disposições do acordo colectivo de trabalho actualmente em vigor para o pessoal daquela companhia.

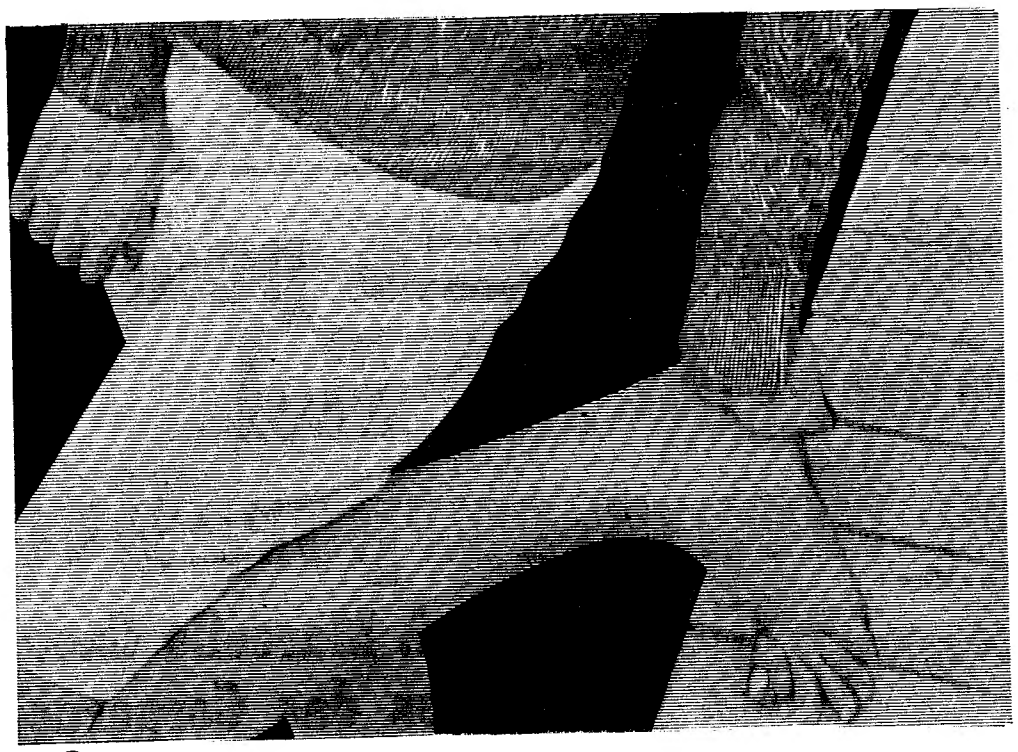
4 — A referida comissão foi assim constituída:

Presidente, director-geral do Trabalho, dr. José Carlos Ferreira. Vogais, dr. Diamantino dos Santos Marques, do Ministério das Comunicações; dr. Mário Ferraz de Oliveira, do Ministério das Corporações e Previdência Social; dr. Mário Malheiro Reimão e engos António Costa Macedo e Roberto Espregueira Mendes, da C. P.; Olímpio da Conceição Pereira, presidente do Sindicato dos Ferroviários do Sul de Portugal; João Moita Dinis, presidente do Sindicato dos Ferroviários do Centro de Portugal; Luís Ramos Dias, presidente do Sindicato dos Ferroviários dos Serviços Centrais; Mário Gonçalves, presidente do Sindicato dos Electricistas do Distrito de Lisboa; e Pulquério Martins de Almeida, presidente do Sindicato dos Profissionais de Enfermagem.»

Problemas de trânsito em Almada

O «Diário do Governo» publica hoje várias alterações á postura de trânsito em vigor na vila de Almada, pelas quais fica proibido o estacionamento de veículos e animais na R. Francisco Andrade (entre a R Bernardo Francisco da Costa e o n. 15 daquela artéria) e são estabelecidos parques de estacionamento na mesma Rua Francisco de Andrade e na Praça Prof. Cavaleiro de Ferreira, a assinalar devidamente por placa.

CANAL 1



NÃO SOFRA UM MINUTO MAIS dos SEUS PÉS

É um facto...
Ainda há quem diga "tenho horror aos sapatos novos"
Agora que tudo mudou com o lançamento do calçado PODOLIZADO até custa a crer em tanto conforto, mantendo a elegância, sem custar mais.
Este tipo de calçado foi de tal forma concebido que evita as deformações e atrofiamentos dos pés, dado que possui um alojamento adequado, além de manter a forma permanentemente.
Diga NÃO ao seu calçado habitual e verá como temos razão.
PODOLIZADO para homem, senhora e criança.

PODOLIZADO · sapato novo... conforto de velho

Exija o selo de garantia

Gabinete Português de Podolização

Ora diga-nos...

— Irá este ano a algum concerto?

Estamos a entrar na temporada de concertos. O leitor já sabe que, até Março, pelo menos, vai ter à sua disposição trinta dessas manifestações musicais, que vão desde os concertos coral-sinfónicos até aos simplesmente sinfónicos, passando pela música de câmara.

● — Há poucos dias que cheguei de férias — *disse-nos a jovem Júlia Maria Jales, aluna dum curso de secretariado de direcção.* Por isso não tive ainda tempo de fazer quaisquer planos. Quanto a concertos posso dizer-lhe que todos os anos assisto a alguns. Desta vez ainda não sei se terei tempo e... dinheiro. Dificilmente resisto a Beethoven. Vamos ver!!

● *Ouvimos depois o sr. Henrique Caetano Simões:*

Fui durante algum tempo empregado no cinema Tivoli. Por isso ás vezes ouvia concertos. Sem querer, claro, porque não é coisa que aprecie.

● *Foi finalmente a sr.ª D. Lídia Luz,*

funcionária pública, que nos declarou:

— Garanto-lhe que se arranjar umas borlas, não perco um dos concertos da E. N. E há todas as possibilidades de o conseguir. Gosto muito de ir a concertos e mesmo em casa, ás vezes, ouço música sinfónica. Depende do meu estado de espírito. Se estou então aborrecida não falho!!!

NOVO MERCADO EM CAXIAS

Na Camara Municipal de Oeiras, procedeu-se hoje, de tarde, ao concurso publico para adjudicar a empreitada de construção do novo mercado municipal de Caxias, com base de licitação de 974 000$00.

As propostas apresentadas baixaram á respectiva repartição para devida apreciação.

CHOQUE MORTAL

Faleceu hoje de manhã no Hospital de S. José, onde dera entrada ontem á tarde, Alípio Maria Candeias, de 33 anos, cobrador da União Eléctrica Portuguesa, residente na Avenida Afonso Henriques, 41, 2.º-Esq. no Barreiro. O sinistrado tinha sido vítima de choque entre a motocicleta que conduzia e um automóvel, junto ao parque infantil de Monsanto.

Estão abertas a partir de amanhã (e até 21 do corrente) as inscrições para os que já são alunos das Faculdades de Letras

A partir de amanhã, e até ao dia 21 do corrente, estão, finalmente, abertas as inscrições para os alunos das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto (agora também com o curso de Filologia Românica) e Coimbra, que já as tenham frequentado, com aproveitamento em algumas cadeiras, nos anos anteriores. Entretanto, continuam abertas, até á próxima segunda-feira, as inscrições para os alunos que vão frequentar pela primeira vez a Faculdade, ou, de qualquer forma, se desejem inscrever sem mais na nova reforma.

Não se sabe ainda, por outro lado, em que condições ficarão esses alunos que já frequentam, em qualquer dos seus anos, a Faculdade. Quer dizer: não há normas fixas estabelecidas, e de aplicação geral, a regular a sua integração na nova reforma. Assim, todos os problemas individuais serão resolvidos casuisticamente atendendo ás particularidades de cada um — o que implicará certamente um grande, e não sabemos se longo, esforço. Com efeito, ainda se ignora quando os alunos da velha reforma terão conhecimento da sua situação escolar dentro da nova.

Entretanto, mantêm-se as inscrições segundo os modes anteriores nos Cursos de Ciências Pedagógicas e de Preparação de Professores Adjuntos do 8.º e 11.º Grupos do Ensino Técnico Profissional, que não sofreram alteração.

Uma nota a pôr em destaque: a reforma de 1968 não aboliu, ao contrário do que alguns supõem, a defesa de tese nem o acto de licenciatura. Quanto ao programa de estudo da nova reforma, ele foi já dado a conhecer quanto ao 1.º ano, e é o seguinte:

FILOLOGIA CLÁSSICA: Introdução aos Estudos Linguísticos — Língua Grega I — Língua Latina I — História da Civilização Romana — Literatura Portuguesa I.

FILOLOGIA ROMÂNICA: Introdução aos Estudos Linguísticos — Língua Latina I — Língua Francesa I — Literatura Portuguesa I — História de Portugal.

FILOLOGIA GERMÂNICA: Introdução aos Estudos Linguísticos — Língua Inglesa I — Língua Alemã I — Literatura Inglesa I — Literatura Alemã I.

HISTÓRIA: Pré-História — História da Antiguidade Oriental — História da Civilização Grega — História da Civilização Romana — História da Cultura Clássica.

FILOSOFIA: Introdução á Psicologia — Lógica — História da Cultura Clássica — História da Filosofia Antiga.

«PARODIANTES»: NOVA ORIENTAÇÃO DO PBX

Os «Parodiantes de Lisboa» deram ontem a conhecer, durante uma reunião de Imprensa realizada na sua actual sede, um décimo terceiro andar na Avenida dos Estados Unidos da América, as perspectivas da nova orientação do PBX. O programa tem sido falado ultimamente em virtude do conflito gerado entre os realizadores, Fialho Gouveia e Carlos Cruz, e os produtores, os «Parodiantes de Lisboa», conflito que terminou com a saída dos dois primeiros da equipa responsável.

O programa — dizem os Parodiantes — terá «um modo de apresentação baseado em comunicabilidade mais simples e solta, embora com economia de palavras». Tentará uma «transmissão mais frequente de estudos sonoros e ensaios radiofónicos e fará experiências para uma Rádio-arte-nova». Entretanto, dirá «não ao sensacionalismo e não aos círculos fechados, aos clãs de ouvintes».

Sobre as razões da saída de Carlos Cruz e Fialho Gouveia do PBX, os irmãos Rui Andrade e José Andrade dizem também de sua justiça. Os realizadores são acusados de abusos de autoridade, como muitas decisões tomadas sem prévia consulta dos produtores, envolvendo embora despesas sérias, a leitura a destempo e indisciplinada da publicidade, a concessão de férias, sem conhecimento dos produtores, a elementos da equipa do PBX e o envio de gravações com apontamentos dos programas de PBX para programas alheios á organização, sem a respectiva autorização dos produtores. O problema mais grave foi o da selecção musical, que os Parodiantes afirmam não ter agradado á maioria do publico. Os Parodiantes declararam também que a especulação criada á volta de uma possível cedência do título a favor dos locutores Fialho Gouveia e Carlos Cruz não tem fundamento, pois não se justificaria abandonarem esse título quando já investiram no programa algumas centenas de contos. Os ex-realizadores são ainda acusados de darem, por motivos da sua vida profissional, pouca assistência ao programa, o que obrigava ao aumento das despesas.

MILITARES FALECIDOS NO ULTRAMAR

LUANDA, 10 — (L.) — Por desastre, faleceram, nesta província, os soldados 027913/67, António da Costa e Silva, natural de Lisboa, filho de Vítor Tavares da Silva e Maria da Costa e Silva, casado com Deolinda Teixeira da Silva; e 007569/66, Jorge Manuel Barroca Jacinto, natural de Coruche, filho de Manuel Jacinto Junior e de Maria Natércia Barroca.

★

LOURENÇO MARQUES, 10 — (L.) — Faleceu nesta província, vítima de desastre o soldado 0452146/67, Manuel Anjos Pinto Granado, natural da Metrópole.

QUER APRENDER A LÍNGUA RUSSA?

No Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina estão abertas, como nos anos anteriores as inscrições para a frequência dos cursos livres de Russo e de Cultura e Civilização Eslavas, (ambos para os 1.º e 2.º anos). As aulas começarão no dia 31 e funcionam depois das 18 horas.

DIÁRIO DO PORTO

UMA ESCOLA DE ENFERMAGEM JUNTO DO HOSPITAL DE S. JOÃO

Ficou adiada para 8 de Novembro próximo o concurso público marcado para hoje, ás 15,30, na sede da Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias, em Lisboa, para adjudicar a empreitada de construção da escola de enfermagem junto do Hospital de S. João, no Porto, incluindo todos os trabalhos de construção civil e instalações especiais. A base de licitação é de 19 932 contos.

FALECIMENTO

Eng. António Manuel de Almeida

Confortado com os sacramentos da Igreja, faleceu, ontem, na sua casa á Rua Tenente Valadim, 231, nesta cidade, o sr. eng.º António Manuel de Almeida, vice-presidente do conselho de administração do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e da Companhia de Seguros «Tranquilidade». Era viúvo da sr.ª D. Olga Andressen de Almeida, irmão do sr. Carlos Octácio de Almeida e tio da sr.ª D. Maria de Jesus de Almeida Noronha e Pizarro e da menina Ana Isabel de Magalhães Ribeiro.

O funeral, a cargo da Casa Alberto Pereira, realiza-se amanhã, ás 11 horas, com missa de corpo presente na igreja do SS. Sacramento, findo o qual será trasladado para o cemitério de Agramonte, onde fica inumado em jazigo de família.

CLAUDIA CARDINALE LANÇADA NO TURBILHÃO DE UMA VIDA INCERTA E DIFICIL DESPERTA A PRIMEIRA AVENTURA SENTIMENTAL NUM JOVEM DE DEZASSEIS ANOS JACQUES FERRIN

UM FILME PREMIADO NO FESTIVAL DE CANNES

4.ª SEMANA DE ENCHENTES

A RAPARIGA DA MALA

/LA RAGAZZA CON LA VALIGIA/

estudio 444

Exclusivo DOPERFILME — Às 15.30, 18.30 e 21.45 — ADULTOS

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de lisboa

DIAS 11, 12 E 13 ÀS 18,30 HORAS

COM 50 % DE DESCONTO PARA ESTUDANTES

BILHETES À VENDA • ADULTOS

FESTIVAL RICARDO BANDEIRA

O HISTRIÓNICO ARTISTA BRASILEIRO EM PORTUGAL COM O PATROCÍNIO DA EMBAIXADA BRASILEIRA APÓS LONGA «TOURNÉE» PELA EUROPA

1.º ESPECTÁCULO

«BRASIL EM RITMO DE ALEGRIA»

PRÓXIMAMENTE

«AUTOBIOGRAFIA PRECOCE» de EVTUCHENCO e «HAMLET» de SHAKESPEARE

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

MARIA VITÓRIA

«Grande Poeta é o Zé!...»

Lisboa inteira está passando pelo Maria Vitória, que todas as noites esgota as duas sessões, ás 20 e 45 e ás 23 horas, com a engraçadíssima revista «Grande Poeta é o Zé!...».

Giuseppe Bastos e Vasco Morgado são os produtores deste sensacional espectáculo, que tem uma excepcional montagem, dirigida por Hernani e Rui Martins e um lindo guarda-roupa, confeccionado nos Ateliers Paiva, sob a direcção de Josefina Soares, segundo figurinos de Mário Alberto.

A revista foi escrita por Aníbal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana (Prémios de Imprensa — 1967) e tem linda música de João Nobre e Carlos Dias.

À frente da grande companhia do Maria Vitória, estão os queridos artistas Salvador, José Viana, Mariema, Max, Anita Guerreiro, Dóra Leal, e Vitor Mendes, com a colaboração de Mariano Franco, Rosemary, Nina Flores, Sara Rafael e Tânia Mota e de um notável grupo de bailarinas, bailarinos e «girls».

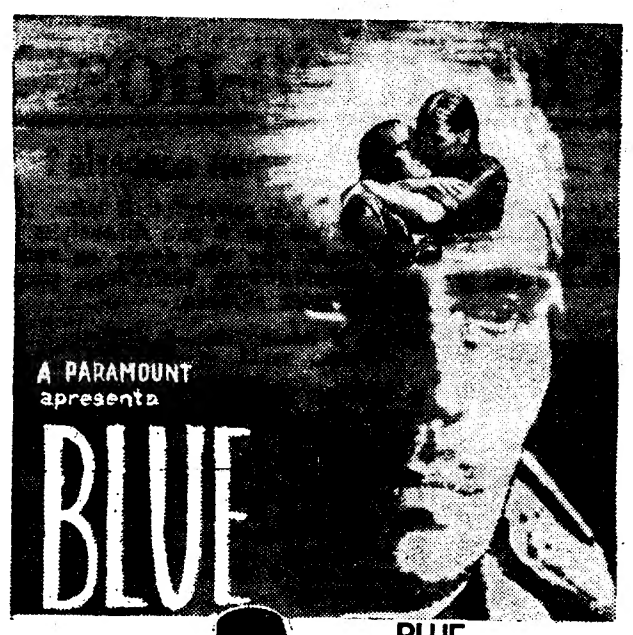
Todas as noites nas duas sessões, o Maria Vitória deita por fora, com a sensacional e engraçadíssima revista «Grande Poeta é o Zé!...».

HIPPIES

FAÇA-SE MEMBRO DA **HIPPIES** E OBTENHA O SEU CARTÃO.
PEÇA CONSELHOS DA NOVA MAQUILAGE DE INVERNO

Rua Rodrigo da Fonseca, 82-A — Telefone 4 58 91

ALMOCE E JANTE
NO
CIRCUITO
AV. CASAL RIBEIRO, 17-A



PODEROSOS NA FORÇA!
INCRÍVEIS NA AUDÁCIA!
PRODIGIOSOS NA AGILIDADE!

NADA OS DETÉM NAS SUAS ESPETACULARES AVENTURAS

com

TONY KENDALL
BRAD HARRIS
NICK JORDAN

EASTMANCOLOR

OS 3
SUPER-HOMENS
E AS MAIS PERTURBANTES BELDADES!

ESTREIA AVIS
AMANHÃ — ADULTOS

são sete
são famosos
são diferentes
e são

Quinteto Académico +2

que cria e interpreta

LOVE LOVE LOVERMAN
LET ME HEAR IT FROM YOU
THE INCREDIBLE MISS BROWN
I'LL NEVER BE THE SAME AGAIN

DISCO A VOZ DO DONO 7LEM 3215

À venda nos revendedores habituais e em
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

TEMPORADA DE 1968/69 • LISBOA • TIVOLI, às 18.30 h.

* 1.ª SÉRIE DE CONCERTOS — 23 de OUTUBRO • 13, 20 e 27 de NOVEMBRO 4, 11 e 18 de DEZEMBRO
* 2.ª SÉRIE DE CONCERTOS — 21, 22 e 29 de JANEIRO • 5, 12 e 26 de FEVEREIRO 5, 12, 19 e 26 de MARÇO

MAESTROS

Gianfranco Rivoli, Helmut Müller-Brühl, Carlo Zecchi, Manuel Ivo Cruz, Ernesto Garcia Asensio, Pierre Salzmann, David Zinman, Maurice Suzan, Mario Benzeckry

SOLISTAS

Piano: Nikita Magaloff, Fou Ts'ong, Fernando Laires, Marisa Borini, Kjell Baekelund, Olga Prats
Violino: Leonor Prado, Jean-René Gravoin, Ana Lysy
Violoncelo: Aurora Natola, Elias Arizcuren
Flauta: Jean-Pierre Rampal • **Clarinete:** Hans Rudolf Stalder
Cravo: Maria Malafaia, Cremilde Fernandes • **Harpa:** Clotilde Rosa
Vibrafone: Júlio Campos
Cantores: Helena Cláudio, Álvaro Malta, Elsa Saque, Fernando Serafim, James Bowman, April Cantelo, Raimund Herincx, John Mitchinson, Norma Procter

PROGRAMAS EM DISTRIBUIÇÃO NA BILHETEIRA A PARTIR DE HOJE

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA: Hoje e amanhã — Venda de assinaturas a antigos assinantes; dias 12, 13 e 14: venda de assinaturas a novos assinantes; dia 16 — início da venda de bilhetes avulso para todo o público.

50% de desconto a estudantes • Concerto de 21/Janeiro (excepcionalmente, ás 21.30 h.): maiores de 12 anos • Restantes concertos: maiores de 6 anos.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Sobral de Monte Agraço no restaurante «Toca do Coelho» do sr. Joaquim Francisco Eleutério.

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

QUARTO DOS BRINQUEDOS E OUTRAS NINHARIAS

— Bem. Pelo menos no «Quarto de Brinquedos» desta vez não se cantou. Foi lucro. Sensaborona, sem encanto, sem poesia, sem nenhuma espécie de alma a lição de engenharia de pontes. Aquela complicação das pontes levadiças!!... E o jogo dos baldinhos, o jogo do macaco, enfim. Continua a voz desagradável, a falta de naturalidade, a incapacidade de Maria Isabel para aproveitar as virtualidades criadoras dos meninos. Ontem, o que aconteceu de vivo partiu deles. Mas não esteve lá ninguém que soubesse aprender a lição das crianças, despertas apesar de todos os espartilhos.

Eliminem aquele tormento final do espelho. Já viram o que é aquilo, aquela voz cruelmente inexpressiva, aquele desfiar de nomes terminados pelo SI, que nem gramatical é, já repararam o que é aquilo 150 vezes por ano, pelo menos? Vá, poupem-me, ké pra ver se duro mais um bocadinho com o juizo todo, ao tempo a que cheguei já a nada mais aspiro.

Deixem ver se me recordo o que veio a seguir. Ah, já sei. Foi o Programa Feminino, com a locução de Maria Leonor (pois claro, fartava-se de trabalhar!). O programa, como oportunamente se declarou, veio a ter «*acentuado cunho de elegancia*». Eram casacos e chapéus. Cabedal do Alasca, cintos de pele de lontra, chapéus de raposa e assim por diante. O tal «cunho». E os desgraçados dos bichos é que pagam o patau. Haverá na natureza forças erosivas mais poderosas do que a «mulher elegante?»

A «mulher elegante é aquela mulher que...» Agora sabia-me bem uma imitaçãozinha de Padre António Vieira. Porém não tenho tempo, indispensável, como ainda me é, referir-me a «Vida Sã em Corpo São».

Afinal, enganei-me. A lição sobre a arte de respirar foi, na realidade muito util, mas só ouvi-la. Explicá-la não tem jeito. Recordo aquela expressão da cabeça levantada: há que respirar bem, de cabeça levantada.

Ramiro da Fonseca e eu de perfeito acordo: respirar, sim, mas de cabeça erguida. Claro que esta posição exige por vezes sacrifícios. Ora respondam lá: para viver de cabeça baixa vale a pena respirar?

TV MUNDO, COM NANCY SINATRA — Toda a rubrica foi preenchida pela actuação da filha do pai a quem se meteu na cabeça que cantava um migalhinho.

E canta. Não tenhamos também esta mania que o paizinho é que faz tudo. O paizinho pode muito, isso pode. Dinheiro, influências, jornais, emissores de televisão e rádio, estudios de cinema, casinos, «boîtes» (vocês sabem, Las Vegas...) e assim por diante. De maneira que. Logo ao principio do *TV Mundo* quando a Nancy sobe no balão, a gente percebe logo que quem assopra o balão e o faz subir, subir, subir, é o pai. O pai Sinatra. «*Daddy*», como se lhe chama no genérico.

Aliás, em toda a rubrica esteve presente, como acentuou Pedro Moutinho, «a ternura do pai pela filha e a devoção da filha pelo pai». Dá vontade de dizer como Augusto Gil: «Santo amor de família...»

Fora piadas: na publicidade de Nancy, através desta rubrica, investiram-se nomes, qualidades técnicas e dinheiro em quantidades verdadeiramente excepcionais. Seria impossível não resultar. Resultou, claro, em especial como espectáculo, como demonstração da linguagem televisiva que os americanos dominam tão completamente. Tudo se conjugou para servir Nancy. Inclusivamente, nomes como Dean Martin e Sammy Davis Jr., deram-lhe montaria. Sinatra manda, não se pode desobedecer, Yes, boss.

Não, isto nem sequer leva muita água no bico. Nancy nem sequer canta mal. Não canta, não senhor. E' certo que se não cantasse, nunca se notaria grande diferença no mundo. O pior de tudo é a terrivel falta de sal que há em Nancy, esta Nancy inexpressiva, feita de neve. Nancy não tem gracinha nenhuma.

Claro que eu digo isto porque não pertenço ao clã do Sinatra nem a clã nenhum. Se eu pertencesse ao clã do Sinatra estava a estas horas, se calhar, a fazer reverendíssimas reverências, e se calhar tinha colaborado no texto da fita e posto o meu nome no genérico. Parece que, monetáriamente, isto de pertencer ao clã Sinatra, deixa. Até dá para ter casa com piscina, barcos, aviões particulares, o caneco. Enfim, dá para tudo, menos para ter o prazer de dizer: «o rei vai nu». Ou seja para dizer: Nancy não tem mesmo gracinha nenhuma.

E não tem. O resto é Sinatra...

MISSÃO IMPOSSÍVEL — Esta rubrica inaugurou ontem outro estilo. O outro estava, como costuma dizer Maria Leonor, muito visto. Já não houve aquela fantasia do sr. Phelps a ir buscar as ordens aos locais mais disparatados. E também já não utilizaram as fantasias electrónicas. E não fizeram furos na parede. Resumindo: vestiram o fato clássico das séries de propaganda ideológica americana.

Um especialista em *ov* de mísseis refugiou-se na América «porque estava descontente com o seu governo e queria ajudar o povo ameri-

(Continua na * página)

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 55: Noite de cinema**

Na sua rubrica «Noite de cinema», a R. T. P. apresenta esta noite, o filme de grande metragem intitulado «O ultimo hurrah», que foi realizado por John Ford e interpretado pelos artistas Spencer Tracy, Jeffrey Hunter, Dianne Foster, Pat O'Brien e Basil Rathsbone.

RICARDO BANDEIRA: UM «HOMEM-ESPECTÁCULO» COM IEVTUCHENKO E SHAKESPEARE NA BAGAGEM

É um verdadeiro homem de sete ofícios o actor Ricardo Bandeira, que ontem foi apresentado a um publico restrito de actores, jornalistas e personalidades ligadas ao teatro, no decorrer de um «cocktail» realizado no teatro Villaret, com o patrocínio da Embaixada do Brasil.

Apenas com trinta anos de idade, Bandeira é actor, autor, bailarino, mímico, encenador, escritor, musico, o «one-man» da sua criação «One-man-show», poeta e prepara-se para ser também realizador de cinema...

Depois de ter estudado violino, teatro, literatura, «ballet» e cenografia, escreve as suas primeiras peças para o teatro declamado. Intérprete de Offenbach, em S. Paulo, aluno de Jean Louis Barrault e de Marcel Marceau, em Paris, amigo de Ievtuchenko e de outros intelectuais da moda, na União Soviética, primeiro prémio do Festival de Teatro de Helsinquia em 1962, cria no Brasil vários espectáculos para actor só, mais frequentes na América do Sul que na Europa. Entretanto, prepara, para quando voltar ao Brasil, a montagem de «História da Incivilização» e um filme em que pretende «prosseguir, mas em termos brasileiros, no caminho que Charles Chaplin interrompeu em «Luzes da Cidade».

— Venho a Portugal a convite de Vasco Morgado e Raul Solnado para dar quatro espectáculos — declarou. — Sou um actor com um estilo próprio, que deve muito á mímica. Conto estar um mês em Portugal.

Ricardo Bandeira dará três espectáculos no Villaret, a partir de amanhã, e até ao dia 13, no horário das 18 e 30: «Brasil em ritmo de alegria», «Autobiografia Prematura», de Ievtuchenko, com poemas de Maiakowsky, e «Hamlet», de Shakespeare, em mimodrama e para um unico actor.

Durante o «cocktail», Ricardo Bandeira, que apesar de perfeito nunca se separa de uma elegante bengalinha, respondeu a várias perguntas:

— Porque usa essa bengala?

— É a minha gravata de mão...

— Quer dizer que a gravata...

— É a bengala de pescoço.

COLISEU

HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

ATRACÇÕES DE CATEGORIA
PALHAÇOS

No CADAVAL o «DIARIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

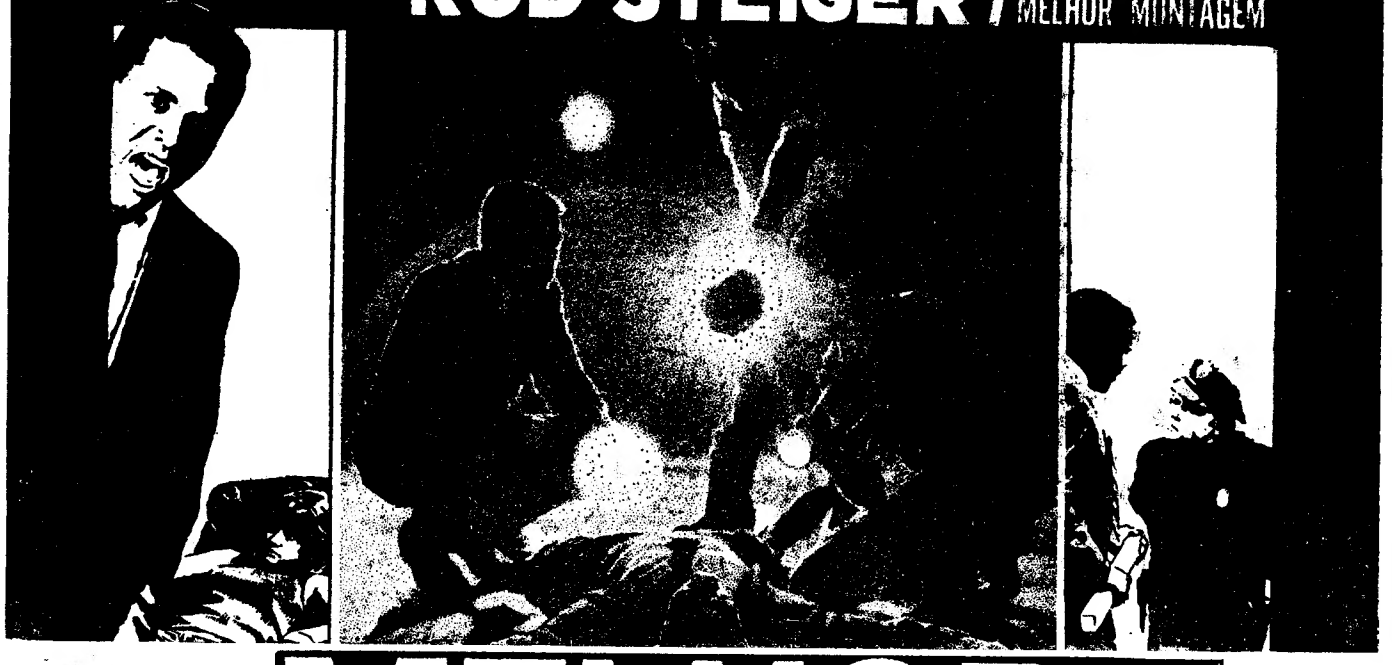
APRESENTA EM 2.ª SEMANA

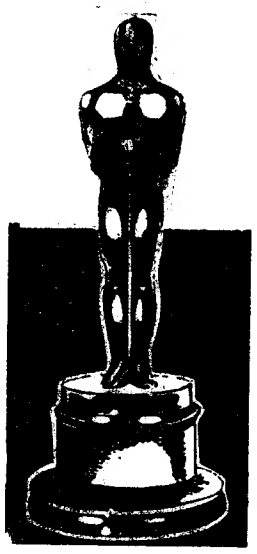
DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

NO CALOR DA NOITE

IN THE HEAT OF THE NIGHT

MELHOR ACTOR ROD STEIGER / MELHOR ARGUMENTO MELHOR SOM MELHOR MONTAGEM





MELHOR FILME DO ANO

VENCEDOR DE 5 OSCARS

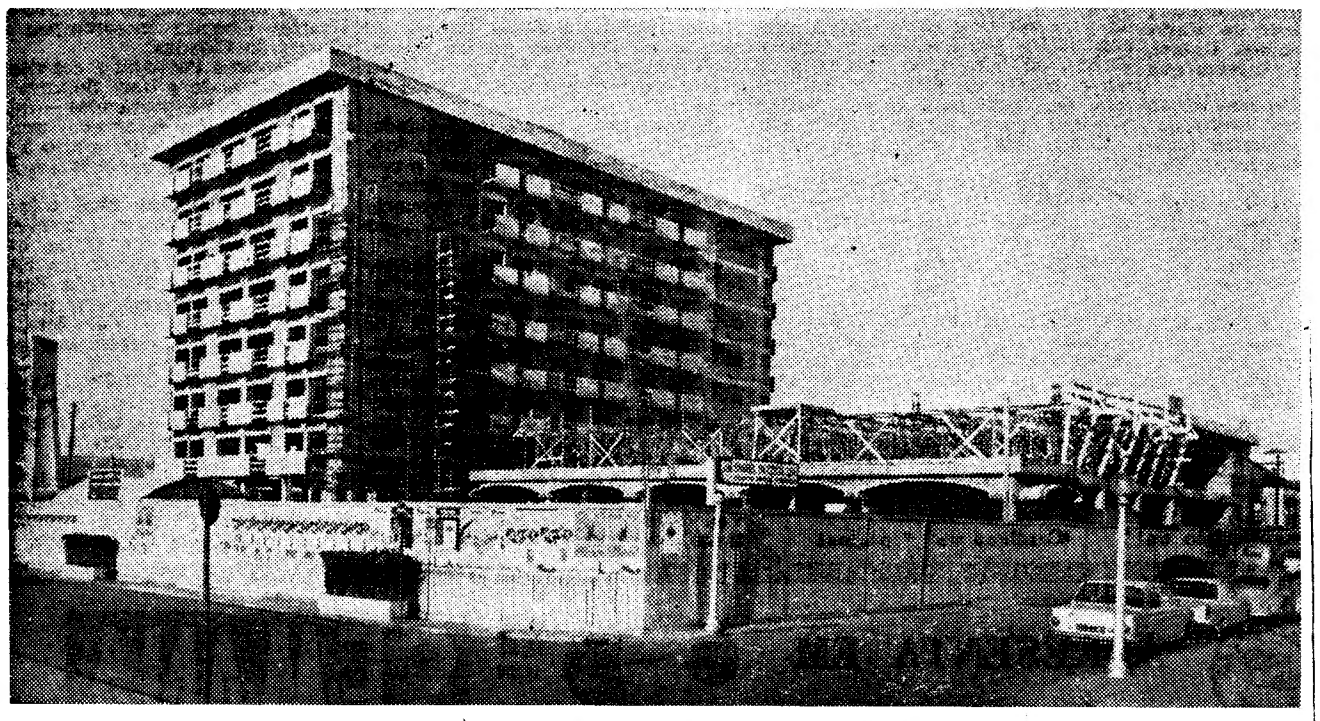
United Artists COM SIDNEY POITIER • ROD STEIGER

ADULTOS
COLOR DeLuxe

RANK FILMES

«Escalando» o País: Casos do Norte

ESPINHO A SOCIEDADE DE TURISMO CANDIDATA-SE NOVAMENTE À CONCESSÃO DA ZONA DE JOGO



Custará mais de 40 mil contos o Hotel de Turismo de Espinho

APESAR dos dividendos mínimos que repartiu pelos accionistas nos últimos dez anos (387 contos de um lucro líquido de 6840), a Sociedade de Turismo de Espinho vai candidatar-se novamente à concessão da zona de jogo temporário. O seu argumento de maior peso é um hotel de 120 quartos, cuja construção pode considerar-se em fase muito adiantada e representa, já hoje, um empate superior a 40 mil contos.

De um nosso enviado especial

Os dividendos são mínimos, mas a empresa vai inaugurar um grande hotel

— Mais que o jogo — disse-nos um membro do corpo de gerentes da S. T. E. — queremos a promoção da vila. Veja-se a remuneração dos administradores, que é puramente simbólica: ganhamos metade do ordenado de alguns funcionários da empresa.

Espinho — mais de 10 mil habitantes fixos, o triplo ou o quádruplo na época de Verão, não contando milhares de pessoas que aqui se deslocam durante umas horas, sem necessidade (ou sem possibilidade) de sublocar uma residência de férias.

Espinho — ritmo acelerado da construção civil, aumento constante da rede de energia eléctrica. Problemas vários. Posição algo secundária (apesar de tudo) do capítulo «fomento turístico», por falta de verbas condizentes com a situação excepcional da vila-praia. Ligações ferroviárias excelentes (linha do Norte, linha do Vale do Vouga), mas algumas estradas péssimas, em especial os acessos norte e sul.

OS LUCROS DO JOGO

Termina no ultimo dia deste ano «o exclusivo da exploração dos jogos de fortuna ou azar nas zonas de jogo temporário de Espinho» concedido á S. T. E. em reunião do Conselho de ministros e dado a conhecer através do *Diário do Governo* (III série, de 23 de Julho de 1958).

Aí se vê que a sociedade espinhense foi obrigada a cumprir, entre outras cláusulas, três muito significativas:

— contribuir com 30 por cento dos lucros líquidos para as antarquias locais de assistência, cultura e desporto;

— entregar a oito instituições locais, para serem integradas no respectivo património. 300 acções da empresa, no valor de 300 000$00;

— e aplicar o remanescente dos lucros em propaganda da zona e na realização de obras de fomento de utilidade local, designadamente a construção de um hotel.

Parece um articulado severo. Mas foi a própria S. T. E. a incluí-lo na sua proposta de candidatura.

— Tudo isso — ouvimos — tinha sido encarado pela administração da sociedade. Não é de mais dizer que fomos pioneiros no assunto. O jogo deve aproveitar, principalmente, aos verdadeiros necessitados.

Pelos oito beneficiários accionistas (Santa Casa da Misericórdia, Centro de Assistência Social, Patronato da Divina Providência, Bombeiros Voluntários de Espinho, Bombeiros Voluntários Espinhenses, Sporting Clube de Espinho, Associação Académica de Espinho e Orfeão de Espinho) repartiu a S. T. E., no ultimo decénio mais de 2300 contos. Entretanto, houve sete instituições não accionistas a beneficiar duma verba conjunta de quase 240 contos: Academia de Musica de Espinho, Banda de Musica de Espinho, Aero-Clube da Costa Verde, Grupo Columbófilo de Espinho, Oporto Golf Club, Grupo de Bem Fazer e a própria Federação Portuguesa de Xadrez.

Verbas extra vieram a ser atribuídas á promoção da festa de touros (uma tourada com *deficit* superior a 300 contos), da Exposição Canina Nacional (em anos alternados com Miramon) e das três edições do Festival da Canção da Costa Verde. A propósito do festival, registámos o seguinte:

— É um investimento grande, e estamos interessados em dar-lhe projecção autêntica. Até agora, porém, falhou num ponto: o nível modesto dos compositores a concurso.

Em dez anos foram gastos oito mil contos na beneficiação do Casino (cinco mil por mera iniciativa da S. T. E.) Está uma casa bonita, com um ambiente que vai do familiar ao cosmopolita. Mesa excelente no restaurante, boas atracções nos sucessivos «shows» cinema com muita frequência — e um pequeno bar onde se toma a «bica» ao preço normal.

No período agudo das obras houve que remover terra com cestos, lembram, dissimulando mal uma ponta de orgulho, os administradores mais antigos.

— Somos precursores de uma coisa honrada — acrescentam. — Chegámos a ter um ano de pouquíssimo lucro. As colectividades batiam á porta, queriam saber como era... Demo-lo todo, até ao ultimo tostão.

SETE PISOS À BEIRA-MAR

A grande unidade hoteleira em construção chamar-se-á Hotel de Turismo de Espinho. Decorre de uma obrigação contratual, mas a parte dos lucros que lhe destinam não passou, em dez anos de 3600 contos. Vai custar mais de 40 mil, segundo a traça sucessivamente actualizada pelo arquitecto Jerónimo Reis.

Obtido um financiamento de 13 mil contos do Fundo de Turismo e considerado já os escassos lucros pró-hotel, a Sociedade de Turismo de Espinho lançou mão de vultosos empréstimos particulares.

— Só o juro destes capitais — sublinhou um administrador — representa um pesado encargo para a exploração futura do hotel. Exploração que se sabe de antemão deficitária, com o hotel ocupado durante dois meses no ano, ou pouco mais. Mas Espinho tem de sair da relativa mediania, tem de dar um salto.

São sete pisos á beira-mar, 120 quartos com casa de banho anexa (incluindo 12 *suites*, duas por andar habitado), sala de jantar, restaurante, bares, salas de convivio, sala de conferências, garagem privativa. O Hotel de Turismo disporá também, de *mini-golf* e campo de *badminton* sobre a laje do tecto da garagem. Na face voltada á praia está prevista a implantação de cinco estabelecimentos comerciais.

Inédito (em Espinho): uma *boite* aberta durante todo o ano, o que poderá constituir a desejada atracção extrabalnear para a gente nova. Faz parte do projecto do hotel.

Na vila-praia, onde o tema é comentado a todos os níveis, não deixa de referir-se que a S. T. E. actuou sempre com exemplar desprendimento dos lucros. O dirigente de uma colectividade regulamentar beneficiada vai mais longe e acrescenta:

— Devemos ao «Casino» estes dez anos de vida. Sem ele já não existiríamos.

—• TV DIA A DIA •—

(Continuação da 5.ª página)

cano» ou vice-versa, isso é que já não me recordo muito bem. Ò depois, há um grupo que pretende matá-lo e a sério, a sério, não faz nada para isso, pelo contrário, faz os jeitinhos todos ao Jim, ao Rollin, á malta da «Missão Impossível», o que não deixa de ser estranho, dada a perícia criminosa do grupo. Imaginem o seu requinte: vai ao ponto de tencionar partir o dedo miudinho do Phelps só para fazer crer que ele morreu ao cair na banheira. Não se percebe bem a relação entre as duas coisas. Não percebemos nós, mas percebem os americanos, ora essa. A estatística ianque determinou que, em tantos por cento, nos acidentes de banheiras, parte-se o dedo miudinho. Lá é tudo assim: á base de estatística. Logo, dedo miudinho prá frente!

Enfim, eu gostei muito foi daquele morse do olho. Jim pede socorro através do S. O. S. das pestanas. Formidável. Mas não há duvida: a pestanejar é que a gente se entende. — *M. C.*

AO TÁXI

Pede-se entrega urgente três sacos esquecidos percurso R. Carmo, Cinema Aviz, dia 7, 19 horas. Gratifica-se. Tel. 4 34 82.

CONCERTOS PELA ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

É já no próximo dia 23 que se inaugura a nova temporada de concertos da Orquestra de Camara Gulbenkian, no Tivoli. Esta temporada compreende um total de dezasseis concertos, que se realizarão ás quartas-feiras, pelas 18 e 30, até ao final de Março do próximo ano.

A orquestra será dirigida pelo maestro titular Gianfranco Rivoli e pelos maestros convidados Carlo Zecchi, David Zinman, Ernesto Garcia Assensio, Helmut Müller-Brühl, Pierre Salzmann, Manuel Ivo Cruz, Maurice Suzan e Mario Benzeckry.

O elenco de solistas inclui, entre outros, os nomes prestigiosos dos pianistas Nikita Magaloff, Fou Ts'ong e Fernando Laires, flautista Jean-Pierre Rampal, violinista Leonor de Sousa Prado, cravista Maria Malafaia, violoncelista Aurora Natola, cantores April Cantelo, Raimund Herlcx, James Bowman, Elsa Saque, Helena Cláudio, Fernando Serafim e Álvaro Malta.

O Coro Gulbenkian dará também a sua colaboração, para efeito da interpretação da oratória «O Messias» de Haendel, do «Requiem» de Campra (1660-1744), do «Magnificat» de J. S. Bach e dos «Cantos da Prisão» de Dallapiccola.

Além desta ultima, o reportório da temporada inclui diversas obras contemporaneas particularmente significativas, tais como a «Musica para cordas percussão e celesta» e o «Divertimento para cordas» de Bela Bartok, o bailado «Apollon Musagète» de Stravinsky e a «Sinfonieta concertante para cravo, harpa, piano e orquestra» de Frank Martin. A musica portuguesa está representada por peças de Lopes Graça, Armando José Fernandes, Joly Braga Santos, Álvaro Cassuto e Sousa Carvalho.

A venda de assinaturas para estes concertos inicia-se hoje para antigos assinantes, e no sábado para novos assinantes.

«Diário de Lisboa»

Da direcção dos Inválidos do Comércio recebemos uma carta em que se agradecem as referências feitas á instituição e ao seu grande dinamizador Alexandre Ferreira, em recente «Nota do Dia» publicada pelo «Diário de Lisboa».

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Mal por Mal, Antes com Elas» («The Odd Couple»).

REALIZADOR — Gene Saks — 1967.

INTÉRPRETES—Jack Lemmon, Walter Matthau, John Fielder, Herbert Edelman, etc.

«Mal por Mal Antes com Elas» («The Odd Couple») parte de uma comédia teatral de Neil Simon que Lisboa viu no teatro Villaret, com encenação de Artur Ramos e interpretação dé Raul Solnado e Armando Cortez (respectivamente nos papéis de Félix e Oscar, agora vividos no cinema por Jack Lemmon e Walter Matthau). Em Lisboa, porém, a peça teve como título «A Guerra do Espanador» e, curiosamente, ainda estamos ligados ao espectáculo dirigido por Artur Ramos, de quem fomos, na altura, assistente. Este facto permite-nos falar, com um certo conhecimento de causa, do interesse e das limitações da obra teatral, bem assim como da sua adaptação cinematográfica, agora empreendida por Gene Saks (que já havia adaptado outra comédia de Neil Simon: «Descalços no Parque»).

«The Odd Couple» fala-nos de dois americanos divorciados que vivem durante algum tempo na mesma casa, formando um estranho e inconfundível casal: Oscar, comentador desportivo, e Felix, redactor de noticiário de TV. Enquanto o primeiro se caracteriza pelo seu espírito desarrumado e desregrado, boémio e noctívago, o segundo concilia virtudes que vão do gosto pelos cozinhados, pela arrumação das salas, pela limpeza e desinfecção de toda a casa até á mais obstinada timidez. Da conjugação de duas personalidades tão díspares poder-se-ia esperar o melhor, a felicidade, a compreensão... ou o pior. Mas, a verdade é que nada nasce senão o desassossego, a irritação, a histeria. Um tal argumento pouco interesse oferece, excepto numas quantas anotações da vida americana. Essa é, aliás, a grande pecha das obras de Neil Simon. O seu teatro caracteriza-se essencialmente pela fluidez de um diálogo bem trabalhado, por um jogo de situações que referenciam indesmentìvelmente o *boulevard*, mas a parte mais interessante (e importante, na medida do possível) é indubitàvelmente o seu tom americano, que é adquirido não só no desenho das figuras, como ainda (e sobretudo) no delineamento dos ambientes. Essa será a curiosidade maior de «Mal por Mal Antes com Elas», enquanto argumento. Curiosidade bastante limitada, mas mesmo assim apreciável.

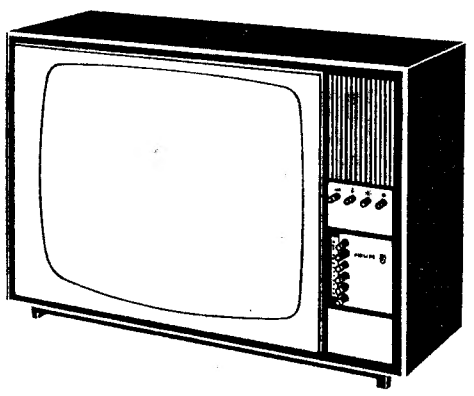
Passando do teatro para o cinema, «The Odd Couple» só muito dificilmente poderia deixar de ser o que é na realidade: uma peça de teatro razoàvelmente transposta para a película, sem inovações de maior. Outra coisa não seria de esperar, pois a peça de Neil Simon não abandona nunca o cenário único (a sala de estar da casa de Oscar) e vive fundamentalmente de um diálogo vivo e cortante que Gene Saks não soube enriquecer (mas também não empobreceu).

Lembramo-nos, agora, de uma outra peça («Doze Homens em Fúria»), de Reginald Rose, que Sidney Lumet adaptou ao cinema, e que vivia exclusivamente, de uma sala de tribunal, onde se reuniam doze indivíduos que compunham um júri e tinham de deliberar sobre a inocência, ou culpabilidade, de um réu. Aí, porém, Lumet assumiu a situação por inteiro, nunca abandonando o cenário único e procurando trabalhar *cinematogràficamente* esse espaço humano. O mesmo não aconteceu com Gene Saks, que se limitou, muitas das vezes, a planos de conjunto, que transpõem para o *écran* o espaço teatral de um palco.

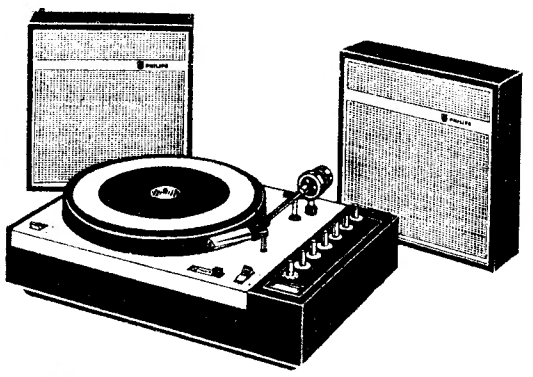
Onde, contudo, «Mal por Mal Antes com Elas» merece referências especiais é precisamente na interpretação, onde se defrontam dois dos mais notáveis actores da comédia americana, Jack Lemmon e Walter Matthau (que havíamos já visto juntos recentemente no admirável «Como Ganhar um Milhão», de Billy Wilder) justificam todo o entusiasmo possível, desdobrando-se em interpretações á altura do seu talento. Para além deles, cite-se, ainda, Herbert Edelman, David Sheiner, Larry Haines e Monica Evans, em pequenos apontamentos.

LAURO ANTÓNIO

PHILIPS avançou de tal forma no domínio da electrónica que hoje já lhe pode apresentar a técnica de amanhã!

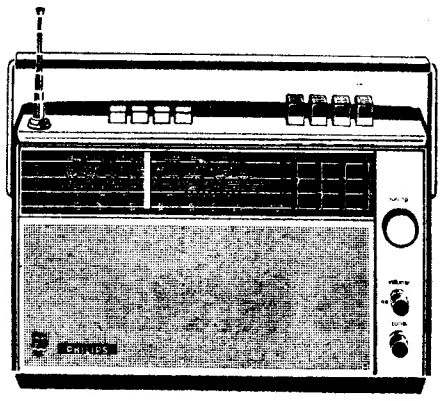


23 T 640
TODOS OS NOVOS MODELOS DA VASTA GAMA DE TELE-RECEPTORES DA SÉRIE **TRIUNFO DA TÉCNICA** PARA 1969 ESTÃO EQUIPADOS COM **V.H.F.** E **U.H.F.** PERMITINDO A CAPTAÇÃO DO 2.º CANAL.



GF 417
ELECTROFONE DE QUALIDADE INSUPERÁVEL, COM GIRA-DISCOS DE **HI-FI.** DUAS SURPREENDENTES CAIXAS ACÚSTICAS, DE PEQUENAS DIMENSÕES, DÃO NOVA VIDA AOS SEUS DISCOS.

RL 583
ESTE É O PRIMEIRO PORTÁTIL COM "MEMÓRIA", TANTO PARA **F. M.** COMO PARA AS OUTRAS TRÊS ONDAS: 4 TECLAS PERMITEM A SELECÇÃO IMEDIATA DE 4 ESTAÇÕES DA SUA PREFERÊNCIA.



veja as NOVIDADES da série TRIUNFO DA TÉCNICA

NOS AGENTES PHILIPS DE TODO O PAÍS

PHILIPS TRIUNFO DA TÉCNICA

PHILIPS-TRIUNFO DA TÉCNICA EM TODA A LINHA

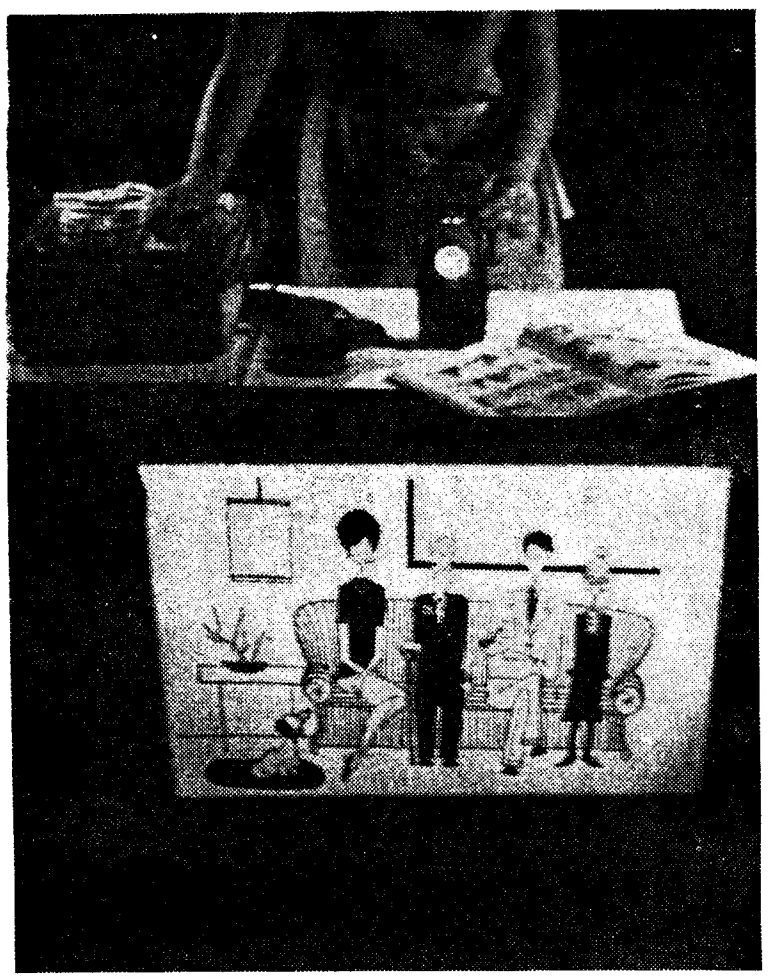
Aprenda línguas em laboratório experimental: a inscrição é gratuita

No Centro Paroquial da igreja de S. João de Deus, á Praça de Londres, vai funcionar a quarta secção dos Laboratórios Experimentais de Línguas do I. M. A. V. E. A inscrição é gratuita e encerra-se na próxima terça-feira.

Estas secções de línguas destinam-se, através de processos actualizados, a promover uma aprendizagem ou recuperação progressiva, rápida e eficiente, que assentará no uso de imagens e gravações feitas por nativos da língua a aprender. Proporciona-se, assim, o contacto com várias vozes — todas elas documentos orais autênticos —, o que conduz ao treino intensivo das capacidades auditivas e articulatórias dos alunos. As três secções anteriormente criadas funcionam na Faculdade de Letras de Coimbra, Liceu Normal Pedro Nunes e Escola Comercial Ferreira Borges.

A secção do Centro Paroquial de S. João de Deus é dedicada, mais do que as outras, a um trabalho experimental. No presente ano lectivo vai ali ser tentada uma experiência que abarcará não só os cursos intensivos de recuperação de alunos com especial dificuldade na aprendizagem das línguas, como, também, cursos de iniciação para crianças, adolescentes e adultos.

Entre as vantagens da aprendizagem em laboratório avultam as seguintes: todos os alunos falam em tom normal de voz, sem que se incomodem uns aos outros, pois fazem-no em cabinas individuais e usando auscultadores, o que motiva uma sensação de recolhimento e facilita a concentração e o contacto mais íntimo com a lição; porque os alunos são em pequeno número, o professor pode prestar-lhes uma atenção mais cuidada e obter informações mais fiéis sobre as suas capacidades e os seus progressos; os modelos sobre os quais o aluno trabalha são antênticos, coerentes e infatigáveis; a aprendizagem é enriquecida por se associar a vozes diferentes, mas obedecendo todas ás mesmas normas de pronuncia.



Nos Laboratórios Experimentais de Línguas os estudantes são colocados perante situações reais da vida quotidiana, por meio de gravações e projecções, sobre as quais se faz a sua aprendizagem

O 28.º aniversário do curso de milicianos de Infantaria 8

Os antigos cadetes do C. O. M. de Infantaria do R. I. 8 vão reunir-se mais uma vez em dois jantares de confraternização, assinalando agora o 28.º aniversário da sua frequência. Os repastos serão no próximo dia 26. Até uma semana antes (19) recebem-se inscrições nas seguintes moradas: Rua Padre Sena Freitas, 20, 2.º, Esq., em Lisboa, e Rua Fernandes Tomás 790, Porto.

Créditos no valor de 35 mil contos para o Ciclo Preparatório

O «Diário do Governo» (I Série) publica hoje um decreto do Ministério das Finanças pelo qual são abertos, a favor do Ministério da Educação Nacional, créditos especiais no montante de 35 100 000$00, destinados à «prover á realização de despesas não previstas no orçamento respeitante ao corrente ano económico do segundo dos mencionados ministérios», mais particularmente para remunerações certas (30 050 000$00) e acidentais (2 000 000$00) ao pessoal do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, bem como para outros encargos do mesmo ciclo (3 0500 000$00).

A concessão destes créditos determina a anulação de várias verbas incluídas no orçamento vigente do Ministério da Educação Nacional, consideradas agora desnecessárias.

EM TRÊS LINHAS

Um decreto do ministério das Finanças abriu créditos no valor de mais de 255 mil contos para reforçar verbas insuficientemente dotadas no orçamento do ministério das Comunicações.

///

O ministério da Marinha criou, por portaria, a secção n.º 2 de mergulhadores-sapadores.

///

Foram providos nos carpos de agentes de 2.ª classe da P. I. D. E., e colocados em Angola, os srs. Jorge Alexandre da Cruz e Alcídio Pedrosa Ferreira Angélico.

///

Foram nomeados directores de ciclo do Colégio Militar os licenciados Joaquim Rodrigues Lufinha (1.º), Cristóvão de Sousa Lima (2.º) e Julio de Jesus Martins (3.º).

///

O licenciado Carlos Alberto de Faria, até aqui secretário do ministro das Corporações, foi nomeado presidente da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais da Industria Hoteleira.

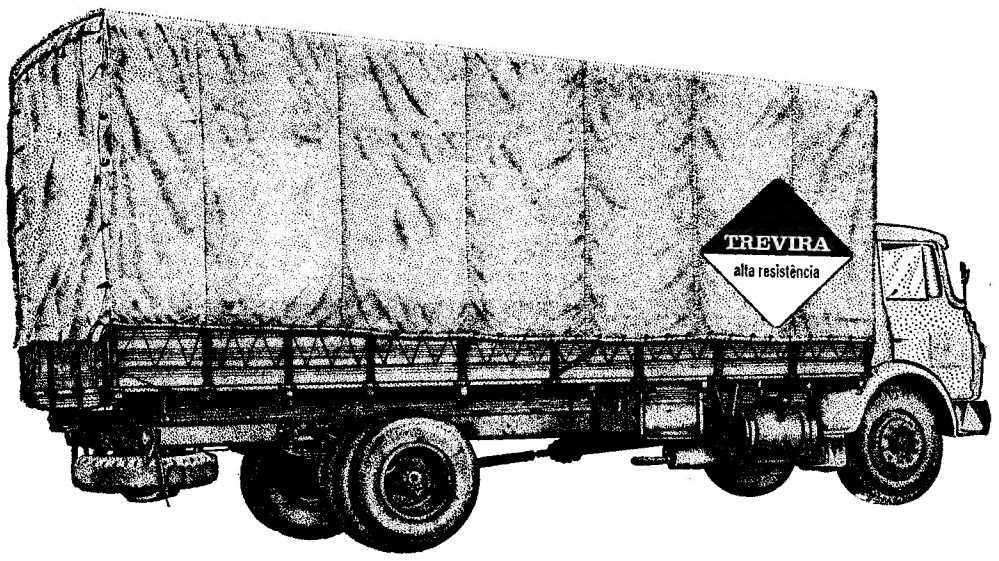
///

Foi contratada para o lugar de segundo-assistente de Filologia Românica da Faculdade de Letras de Coimbra a licenciada Alda Fernanda Dias.

Policlínica do Rossio

L. D João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º
Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h
Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental—3.ª e 5.ª—18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h
Dr. J Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.



McCANN

A experiência destas firmas garante as vantagens dos encerados TREVIRA®

Albano & Miguel
Alvaro Figueiredo & C.ª
Camionagem Rosa d'Ouro, Lda.
Fábricas Triunfo, S. A. R. L.
Freitas & Araújo, Lda.
Oliveiras-Transportes e Turismo, S.A.R.L.
Sogrape
Transportes Jaime Dias

TREVIRA® garante que:

— São pràticamente incombustíveis
— Resistem aos maiores esforços
— São impermeáveis e mantêm-se leves

TREVIRA alta resistência

Confecção e Distribuição
FÁBRICA DE ENCERADOS DA RESTAURAÇÃO, LDA.
Rua da Restauração, 132 — PORTO

FERIADO DE NOVEMBRO (DIAS 1-2-3)

SEVILHA

Incluindo transporte, alojamento no Hotel em quartos c/ casa de banho privativa e todas as refeições
ESCUDOS ..... 740$00

PRAIA DA QUARTEIRA
(ALGARVE)

Incluindo transporte, alojamento em quartos c/ casa de banho privativa e todas as refeições.
C/ estadia em Pensão ..... 560$00
C/ estadia em Hotel ..... 660$00

Em automóvel s/ condutor

C/ direito a 750 Km e incluindo alojamento em quartos c/ casa de banho privativa e todas as refeições.
2 casais ou 4 pessoas, preço por pessoa
C/ estadia em Pensão ..... 600$00
C/ estadia em Hotel ..... 760$00
Casal ou 2 pessoas, preço por pessoa
C/ estadia em Pensão ..... 900$00
C/ estadia em Hotel ..... 1060$00

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
AGÊNCIA GLOBO DE VIAGENS
Rua S. Julião, 5, 1.º — LISBOA — Telefones 869593 - 870788

ABRINDO CAMINHOS DE PROGRESSO

O
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
anuncia que
em 10 de Outubro
inaugura as instalações
da sua agência de:

SANGALHOS

Rua do Comércio
Telef. 74381
(instalações provisórias)

impacto

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Trabalhamos mais para servir melhor.

SENTIDO HUMANISTA DA EDUCAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

esta fase da sua existência, sem dúvida. Mas este imperativo biológico conjuga-se com a extrema complexidade da sociedade em que vai integrar-se e com a profusa riqueza da cultura de que vai ter de servir-se; ora tal património cultural equivale, no fundo, ao acervo de comportamentos para que não dispõe de apetrechamento inato e cujos modelos e configurações recebe a pouco e pouco dos mais idosos.

Neste condicionalismo inescapável entronca o papel principal, absolutamente decisivo, que na existência humana reveste tal transmissão, pelas gerações que precedem às gerações que lhes sucedem, de todo um legado de objectos culturais, gestos, maneiras de agir, símbolos, carris de conduta com os nossos semelhantes, ideias e valores. Essa transmissão é que constitui a educação. Não podemos afinal conhecer e compreender uma sociedade, uma civilização, se não atendermos a como educa os mais novos, se fizermos a sua história tão sòmente com os seus adultos nas respectivas relações recíprocas sem entrarmos em linha de conta com as crianças e os jovens.

A BASE TRADICIONAL DO PROCESSO EDUCATIVO

Esse era o fundamento da educação tradicionalmente aceito como tal: passagem aos mais novos do cabedal de conhecimentos de toda a ordem de que virão a necessitar quando adultos (instrução) e sua conformação aos valores e padrões da sociedade a que pertencem (educação, em sentido mais restrito). Em todas as sociedades e em todas as épocas a instrução e a educação procedem segundo esquemas socialmente aprovados e dão lugar a cerimónias (ritos de iniciação ou de passagem, por exemplo), conquanto de diversos significados. Todavia nem em todas o processo educativo se institucionalizou em instituição especializada em tal função — a escola —, se bem que fosse comum a existência de um educador revestido especialmente dessa missão. Uma grande parte da instrução e da educação efectuava-se difusamente, ao sabor das circunstâncias da vida.

Foi verdadeiramente o século XIX, com a revolução industrial e o acesso das massas à vida pública e cívica, que tornou a escola um dos pilares da economia, da organização social e da cultura. A escola, até então extremamente restrita, visava mais a cultivar o espírito (no sentido de mobilar a mente dos pertencentes às minorias privilegiadas com um recheio tradicional de fraca aplicabilidade prática) do que a servir o mundo do trabalho e a contribuir para que o homem se elevasse a como que dono e senhor da natureza. A génese da burguesia é que leva a criar, no outono medieval, as escolas de comércio, germe de uma demorada transformação. Será preciso esperar pelo liberalismo e pelo industrialismo para que se difunda a concepção da escola como preparação de massas para a vida, ao serviço, portanto, dos que terão de trabalhar para a ganhar — e ao serviço da prodigiosa aventura que transforma o meio natural em meio técnico, isto é, construído fabricado pelos homens. A uma geografia que em boa parte condiciona os grupos humanos sucede uma geografia *humana*, quer dizer, em que a paisagem é predominantemente afeiçoada pelo trabalho dos homens.

O NOSSO SÉCULO PERANTE O IDEAL DO SÉCULO XX

Desde a revolução industrial que o ritmo da história se acelerou sensacionalmente, e foi numa civilização em mudança que o nosso século se instalou. Daí que, alteradas em forte percentagem as exigências postas à escola, se alterasse a própria concepção do acto educativo que o século XIX enraizara, nos seus fins e nos seus meios. Desde o período de entre as duas guerras mundiais prestou-se mais atenção à criança e aos jovens, concluindo-se que não basta, nem talvez convenha fazê-lo frequentar uma escola que não passe de mera preparação para a vida de adulto: o educando tem de viver a sua vida própria, com as características da fase em que se encontra, e não apenas de estar a preparar-se para o futuro, sob pena de o ensino se reduzir a uma imposição externa mal assimilada e não frutificar, gerando desadaptações e insucessos.

Em segundo lugar, a sociedade e a cultura complicaram-se a ponto tal, e a especialização em constante progresso tornou-se de tal modo exigente, coactiva, que a escola, estendida embora como englobando a universidade, já não basta tanta vez para ministrar a preparação profissional. O ensino classificado de superior tem de restringir as suas ambições e assentar as bases gerais (que devem porém ser bem sólidas e amplas) sobre as quais os estágios, internatos, cursos de terceiro ciclo ou de graduação, cursos acelerados de altos estudos ou formação especializada vêm enxertar o apetrechamento indispensável à entrada no exercício da profissão. E o profissional não pode nunca adormecer sobre a preparação feita, nunca deve considerar-se definitivamente preparado: tem de estar sempre a actualizar os seus conhecimentos, as suas técnicas, quando não a refundir por inteiro os esquemas do seu trabalho; daí os cursos de aperfeiçoamento e de actualização, que tendem a tornar-se periódicos — e indispensáveis até o indivíduo passar à reforma. E a promoção na carreira, a melhoria de condições do desempenho do cargo, exigem igualmente a frequência de novos cursos pós-técnicos ou pós-universitários, a diversos níveis.

Em terceiro lugar, a cultura passou (ou deve vir a passar) a fazer parte integrante da existência quotidiana do maior número, deixou de ser deleite de uns tantos: frequência da ópera, do bailado e dos concertos sinfónicos, visitas a museus e a catedrais, palácios e outros monumentos, audição de conferências e participação em colóquios, utilização da rádio e da televisão, leitura do «livro de bolso», excursões de fim-de-semana, viagens de férias, colecção de reproduções de obras de arte, assistência a espectáculos teatrais e de cinema. Outrora, viajar, reservado a alguns, era considerado um dos mais poderosos meios de enriquecer o espírito e de lhe rasgar amplas aberturas; pois hoje, com o turismo popularizado, eis que a elevado número é dado esse ensejo. Se dantes havia que dividir a sociedade em classes ociosas e classes trabalhadoras, cabendo àquelas, graças precisamente ao ócio e à posse dos recursos, o acesso à cultura, em nossos dias a possibilidade do ócio alargou-se notàvelmente (e convém que a todos abranja), a cultura ligou-se ao trabalho, e por isso o tempo livre tem de ser preenchido culturalmente — por algo que é afinal trabalho também, conquanto não remunerado e mais variado; algo que implica, pelo menos, esforço. Tendemos para a civilização do ócio e do consumo — dos bens acessíveis a todos e produzidos segundo as necessidades profundas de todos, dos lazeres em que se trabalha para deleite e se vive a cultura na sua plenitude.

REPENSAR A EDUCAÇÃO

A educação tende, pois, a identificar-se com a própria vida, em todas as suas fases, em todos os seus momentos e aspectos: é um perpétuo fazer, a recusa do já feito como algo mais do que simples trampolim para novas fainas criadoras. Por todas essas razões, repensar não apenas o ensino e a escola, mas sobretudo toda a educação, o acto educativo, as noções mesmas de educador e educando, eis uma das tarefas urgentes, inadiáveis, que maior esforço requerem, da nossa presença no nosso tempo — e não em tempos revolutos. Não pode ser essa, e avaliamos-lhe já a gravidade para os destinos colectivos, senão obra comum de todos os participantes no processo educacional — professores, pais e alunos, mas também, adivinhamo-lo sem dificuldade depois do que dissemos, o conjunto dos cidadãos conscientes, cada qual com a contribuição da sua experiência, do ponto de vista que é o seu, dos seus resultados, ou pelo menos tentativas de reflexão própria, das apreciações de valores entre os quais decidir e dos juízos sobre a adequação dos meios aos fins.

Para essa colectiva meditação e confronto, entusiástico mas crítico e aberto a todos os ângulos, incumbe aos que têm a pedagogia como ofício, todavia, esclarecer os outros, facultar-lhes os indispensáveis elementos para julgar. A tal incumbência, não fica aqui deslocado registar, não se furtou o melhor especialista que actualmente temos em Portugal destas questões, Rui Grácio, apoiado nas tentativas experimentais de sua iniciativa, quer de prolongamento da escola em convívio não direccional de mestre e educandos, quer de formação permanente dos próprios mestres. Continuador de um Sérgio (que se impõe reler) nas opções fundamentais e na inspiração profunda — um racionalismo aberto, uma confiança nos homens que leva a entregar-lhes o seu próprio destino em vez de lho ditar do exterior, Grácio, como aquele pensador ensaísta, revela no volume de ensaios agora saído dos prelos o rigor de raciocínio, o escrúpulo em se documentar, a clareza de entender e de expor, um estilo fluente e diáfano, castigado e vivo. Ensaios — mas não está o ensaio na essência mesma da modernidade, consoante mostrou Silvio de Lima? Com esta obra, bem como com a anterior, excelente, de Rogério Fernandes, e outras, ficamos apetrechados para nos orientarmos nesta problemática em que se jogam os rumos da nação, de igual modo que lá fora se jogam os de outras nações. É pela educação que o homem se faz a si próprio — e que a civilização do porvir nascerá nas entranhas do presente.

ANTES DE MAIS: SABER ESCOLHER

É dos valores entre os quais se escolhe, das normas que são aceites ou rejeitadas que a educação depende sempre em primeiro lugar. Essas opções são, evidentemente, condicionadas social e culturalmente, em dada época e ambiente, mas por isso mesmo é que convém torná-las conscientes, iluminá-las com todos os projecotres. Ora, Sérgio já o viu perfeitamente: a escolha fundamental é, hoje pelo menos, entre heteronomia e autonomia.

No primeiro termo da alternativa, a lei vem de fora, é imposta ao indivíduo, que não concorreu para a sua elaboração e não dispõe de meios para levar à sua revogação ou sequer modificação. Por isso o acto educativo é hierárquico, como a estrutura social-estadual em que se insere, manifesta a autoridade de quem profere e o acatamento daqueles a que se profere. Trata-se de conformar os indivíduos aos padrões social e juridicamente aprovados, de o moldar de maneira tal que se integre sem desajustamentos sem inconformismos. Neste contexto, o professor sabe o que ensina (programas rígidos), sabe como ensinar (a didáctica reduz-se a um conjunto de receitas infalíveis para ministrar os conhecimentos), não lhe cabe escolher os meios de ensino, e este culmina necessàriamente no exame, verificação de que foi assimilado o que havia que assimilar. Na escola há a aula, em que se aprende, e o fora-da-aula («o pátio») em que se convive — e há o fora-da-escola, em que se vive. A educação heteronomista é a de todas as sociedades desigualitárias, em que as oportunidades são radicalmente diferentes consoante o nascimento e outras circunstâncias extrínsecas ao valor individual, em que a cidadania é restrita a alguns grupos ou meramente tolerada, em que as escolas são diferentes de harmonia com as posses, que determinam as carreiras.

Na educação pela autonomia e para a autonomia, a lei vem de dentro, é elaborada (directa ou indirectamente) pelos que têm de a cumprir, pois todos concorrem para a soberania; destina-se a norma a fazer de cada qual precisamente um cidadão em toda a plenitude, capaz de julgar-se a si próprio, abstendo-se de impor seja o que for seja a quem for, porque pedindo o concurso de todos em igualdade. Sem dúvida ainda em tal contexto há padrões sociais que entram na estruturação da personalidade de cada qual — de todas as pesquisas de psicologia social sabemos que a sociedade é a matriz do *eu* dos indivíduos; não implica tal constatação científica, porém, a posição valorativa heteronomista: para esta o modelo é alguma coisa de fixo e intangível, ao passo que na concepção autonomista o modelo não é sagrado, varia, apresenta-se com a flexibilidade que permite a cada um contribuir com o melhor de si mesmo para se forjar incessantemente a si próprio. Assim a educação é, na síntese lapidar de Rui Grácio, uma oficina de humanidade. Não se trata, aqui, de transmitir algo de dado de uma vez para sempre; o acto educativo é, diz tão pertinentemente o mesmo autor, na sua raiz, provocatório, promovedor, emancipador. Provocatório, porque vai ao mais recôndito do indivíduo chamar, para que se manifestem, as suas virtualidades, transformando-as em actos, em realizações que vêm do íntimo em lugar de serem comandadas de fora; promovedor, porque, acicatando cada qual a agir pelas suas impulsões internas tornadas conscientes, lhe rasga insuspeitadas possibilidades de se afirmar entre os demais; emancipador, porque, forjando assim cada indivíduo a sua personalidade por iniciativa própria e transformado pela sua acção em cidadão consciente, se emancipa de toda e qualquer tutela, de toda e qualquer coacção normativa externa, porquanto ele é que se tornou fonte da norma e da responsabilidade — o acto educativo é, no fim de contas, aquele que acaba por negar-se a si próprio, por se tornar inútil, e na sua inutilidade encontrar a sua plena razão de ser.

CONFIANÇA NOS HOMENS

Peça fundamental, e alavanca, de uma sociedade de iguais oportunidades e de iguais responsabilidades, cuja ética evita a sanção e não assenta na ideia de obrigatoriedade porque o dever e o timbrar em cumpri-lo é algo que a própria personalidade assume, peça fundamental, e alavanca, de uma organização social-estadual constelada em torno da plenitude da cidadania, a educação autonomista é a que se afirma como *processus* permanente ao longo de toda a vida, e como a própria vida, não como preparação para ela; é (disse-o Sérgio magistralmente) a que forma o cidadão no trabalhador. A sua escola, única para todos (quer dizer que oferecendo iguais ensejos a todos), mas diversificada de modo a talhar-se á medida de cada educando (Claparede), isto é, aos seus interesses, ás suas aptidões, á sua vocação, alicerça-se na acção do próprio educando, na sua iniciativa e na sua escolha de meios e fins (escola activa), organiza-se em comunidade para cuja gestão todos concorrem tanto quanto possível em pé de igualdade, sem imposições hierárquicas extemporaneas mas em firmíssima autodisciplina. Não reduz, é evidente, o professor á passividade, mas desampara-o de receitas fáceis e cómodas, obriga-o a uma constante invenção de maneira a fazer partir o máximo dos próprios educandos, perante os quais assume, tanto quanto possível, atitude não directiva. A escola é, em tal opção, um núcleo de cooperação democrática.

Temos, portanto, de nos instalar no desconfortável, de resistir ás seduções dos caminhos trilhados, dos formulários em que se encontra solução para tudo, das atitudes estereotipadas. Pois não é o novo humanismo a constante invenção e fabrico do homem por si mesmo, na interacção de todos os homens? Deixou a concepção humanista de ser a adopção de um sistema de valores e normas e de um modelo dados de uma vez para sempre — deixou de ser algo de feito e congelado, para ser um perpétuo fazer-se. Não escondamos que este devir contém surdas ameaças; mas só ele pode, como queria Jean Perrin, encaminhar-nos rumo a um futuro possivelmente igual ao mais ambicioso dos nossos sonhos.

V. M. G.

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248 - 556580

LUSTRES
de sonho para a sua casa. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. — Tel. 77 16 39, (Ao Campo Pequeno)

Os presidentes das Corporações recebidos pelo Chefe do Governo

(Continuação da 1.ª página)

portuguesa, com a audiência do Chefe do Governo, a primeira concedida a organismos representativos das actividades nacionais, o que só por si se reveste do maior significado.

Seguidamente, o ministro afirmou que as Corporações se encontravam presentes para saudar e prestar a sua homenagem não apenas ao Chefe do Governo, como o mais alto responsável pela Administração, mas também ao mestre insigne e doutrinador, que, com os seus ensinamentos e acção política, tanto contribuiu para a institucionalização e aperfeiçoamento do sistema corportivo constituindo garantia segura da sua continuidade constitucional e, sem dúvida a melhor homenagem ao seu fundador.

Fala o presidente da Corporação da Indústria

Pelos presidentes das Corporações usou da palavra o presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto de Sá Viana Rebello, que depois de prestar homenagem ao Presidente Salazar e de aludir com respeitosa deferência ao Chefe do Estado e á sua importante decisão de escolher o novo Presidente do Conselho, exprimiu a satisfação de todas as Corporações por verem assumir essa posição o prof. dr. Marcello Caetano, de quem fez o elogio.

Seguidamente e fazendo menção mais expressa ao discurso de 27 de Setembro de investidura do Presidente do Conselho, conferiu especial relevo ás declarações respeitantes á continuidade da linha de pensamento e acção dentro das estruturas constitucionais, ao desejo manifesado pelo Governo de se apoiar no País para a sua acção governativa e á esperança de unidade de todos os portugueses.

O presidente da Corporação da Indústria sublinhou com expressiva firmeza o desejo de calaboração da população activa do País e a disposição de «abrirem um incondicional crédito» a favor da acção do Governo, tal como fora pedido.

Seguidamente associou-se á esperança manifestada pelo Presidente do Conselho de que, em momento de tanta responsabilidade histórica para a Nação, todos os portugueses conscientes e responsávis se unam para fazer frente ás imensas tarefas que se põem ao País para prosseguir o seu desenvolvimento

No final das suas considerações o dr Sá Viana Rebello cumprimentou o novo Presidente do Conselho assegurando-lhe em nome de todos os presidente o desejo de um trabalho profícuo, em conjunto.

Declarações do prof. dr. Marcello Caetano

Por ultimo, usou da palavra o sr. Presidente do Conselho, que afirmou:

«E' com sincera alegria que recebo os presidentes das Corporações. Alegria bem compreensível quando se pense que a minha vida publica está intimamente ligada ao Corporativismo. E alegria justificada por ver completa a arquitectura do Estado concedido pela Constituição de 1933.

Se a organização das actividades morais e culturais partiu de elementos espontaneamente surgidos e de há muito criados, a das actividades económicas representa um longo, árduo e paciente esforço. A partir práticamente do zero e acompanhando a industrialização do País foram surgindo os Grémios e os Sindicatos Nacionais. A' medida que ia progredindo o desenvolvimento económico, o Estado, em íntima ligação com os organismos corporativos, promoveu o desenvolvimento do direito do Trabalho e da Previdência. Sem lutas, sem prejuízos, sem ruínas, os trabalhadores portugueses foram obtendo todos os justos benefícios que noutros países e noutras épocas custaram á classe operária e á economia nacional sacrifícios sem conta. Hoje a Organização Corporativa constitui uma rede extensa e complexa que funciona como aparelho vital da Nação.

São as Corporações instrumentos de conciliação das tensões formadas dentro das grandes actividades nacionais. Servem para transmitir ao Estado as necessidades e aspirações dos interesses que representam. Mas, tendo já de considerar esses interesses á luz do interesse geral, devem também ser colaboradores dos órgãos do Estado na realização dos princípios superiores que impõem a subordinação das conveniências particulares aos imperativos do bem comum.

O Estado Corporativo, que a nossa Constituição consagra, é, necessáriamente, um Estado social, isto é, um poder político que insere nos seus fins essenciais o progresso moral, cultural e material da colectividade, numa ascensão equilibrada e harmoniosa que, pela valorização dos indivíduos e pela repartição justa das riquezas, encurte distâncias e dignifique o trabalho. Tarefa bem árdua como todas as que assentam na formação, no esforço, na contribuição das pessoas, nela têm largo e importante papel as associações de base e, em especial, as associações profissionais ou de empresas. O Governo por si só não pode tudo. Só o esforço conjugado dos governantes e dos interessados pode conduzir com mais rapidez aos fins almejados.

As pessoas de V. Ex.as, srs. presidentes das Corporações, constituem garantia suficiente de que nelas se vive o espírito corporativo e, mais do que isso, que nelas se praticará esse espírito. Ao agradecer a vossa presença e as vossas palavras quero sublinhar que o Governo, fiel á Constituição Política, não pode deixar de ser fiel aos ideais corporativos: e sabe que para os levar a cabo pode contar com as Corporações.»

*

O presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, recebeu ontem á tarde em audiência de trabalho o ministro do Exército, brigadeiro Bettencourt Rodrigues, o embaixador de Espanha, prof. Ibanêz Martin, o governador-geral de Angola, ten.-cor. Rebocho Vaz e o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha.

Esta tarde o Chefe do Governo trabalhou com os titulares das pastas das Finanças, Interior e Negócios Estrangeiros.

● Ministério do Interior

O ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, recebeu em audiência esta manhã, as seguintes individualidades: governadores civis de Coimbra e Évora, presidente da Junta-Geral do Funchal e dr. Mário Arez, administrador da Sacor.

● Ministério das Obras Públicas

O titular da pasta das Obras Públicas, eng.º Rui Sanches, recebeu esta manhã, em audiências separadas de trabalho, as individualidades seguintes: dr. Armando Rocha, director-geral dos Desportos, acompanhado do director do Conselho Nacional do Fundo de Fomento Desportivo; presidente da Junta Geral do Funchal, cor. Homem da Costa; presidentes das Câmaras Municipais de Cascais e do Cartaxo; governador civil de Coimbra e presidente da Câmara Municipal da mesma cidade; governador civil de Viseu com os presidentes das Câmaras Municipais de Arouca e de Mangualde; presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras; e o ministro-conselheiro da embaixada de Espanha, D. José Carlos Gonzalez-Campo.

Um aspecto da reunião de trabalhos do ministro de Estado no Secretariado Técnico da Presidência do Conselho

O ministro de Estado visitou esta manhã o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho

O ministro de Estado, sr. eng. Vaz Pinto, visitou esta manhã o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho onde trabalhou com o director-geral e directores de serviços apreciando problemas respeitantes á execução do Plano de Fomento.

A visita vem na continuação das que ultimamente aquele membro do Governo tem feito a alguns serviços dependentes da Presidência do Conselho, com o objectivo de assegurar um conhecimento cada vez mais perfeito da respectiva organica.

O sr. eng. Vaz Pinto chegou cerca das 9 e 30, tendo visitado primeiro as instalações do Secretariado. Seguiu-se uma reunião de trabalho em que colaboraram os srs. dr. Nuno Alves Morgado, director-geral do Secretariado; dr. João Salgueiro, director do Planeamento; dr. Miguel Caetano, chefe de divisão do Planeamento Regional; dr. Caldeira Guimarães, chefe de divisão do Planeamento Global; eng. Correia Gago, chefe de divisão do Planeamento Sectorial; dr. Octávio Cruz, director dos Serviços de Integração Económica; e dr. Carmelo Rosa, chefe dos Serviços de Administração.

REFORMA DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS LIGADOS À EDUCAÇÃO

Por via aérea, chegou hoje a Lisboa o sr. prof. George Langrod, catedrático da Universidade de Paris e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Polónia, que vem a Portugal participar nos trabalhos da reforma dos serviços administrativos ligados á Educação.

O prof. Langrod, que se desloca ao nosso País no ambito da assistência técnica da O. C. D. E., é um dos mais conhecidos especialistas da ciência da administração publica. Durante a sua permanncia em Lisboa, que se prolongará até ao próximo dia 25, o prof. Langrod terá várias sessões, devendo ainda fazer uma conferência sobre «L'information — instrument de developpement».

COMANDANTE DA P. S. P. NO FUNCHAL

FUNCHAL, 10 — (L.) — Em comissão de serviço, foi nomeado para o cargo de comandante distrital da P. S. P. do Funchal o capitão Abílio Amorim Campos.

NO BRASIL, A CAMINHO DE SANTIAGO DO CHILE

EUSÉBIO: «Não desistirei, quero ter um rapaz como sucessor»

RIO DE JANEIRO, 10 — (A. N. I.) — Falando aos jornalistas no Aeroporto do Galeão, na escala pelo Rio de Janeiro, o futebolista português Eusébio desmentiu que abandone em breve o futebol, pois tem agora 26 anos e pretende jogar ainda uns seis ou sete anos, até completar a sua independência financeira.

Noutro ponto declarou que é jogador do Benfica e quer continuar a jogar naquele clube. Manifestou a sua grande admiração pelo técnico Otto Glória e disse que também gosta muito do técnico Jorge Zagalo, do Botafogo, do Rio de Janeiro.

Finalmente, declarou que gostaria de jogar na equipa «Do Resto do Mundo» que vai defrontar a do Brasil, em Novembro, e que pretende passar no Brasil as suas próximas férias.

Eusébio segue para Santiago do Chile onde vai participar no jogo Chile-Resto do Mundo. E na sua pasagem pelo Rio, falando com os jornalistas no aeroporto, declarou: «O Brasil é o grande favorito do Campeonato Mundial de 1970, no México, pois não acredito que os brasileiros jamais voltem a repetir os erros do campeonato de 1966, na Inglaterra».

Eusébio, que é considerado um dos maiores jogadores de futebol do mundo, lembrou que os grandes futebolistas, infelizmente, não são pais de filhos, mas sim de filhas: «Isto aconteceu comigo, com Pelé e com Garrincha. Só temos filhas, e não temos filhos. Mas eu não desistirei, quero ter um rapaz como sucessor». E logo os jornalistas o informaram de que Palé vai ser pai outra vez e que também espera agora um filho.

Mostrando-se bem informado sobre o futebol brasileiro, Eusébio salientou que a última excursão da selecção do Brasil pela Europa e pela África deixou excelente repercussão entre os europeus, que viram na nova equipa brasileira uma futura grande equipa.

«O importante — disse Eusébio — é manter sempre a mesma equipa a jogar. Com a renovação que observámos e mais Gerson, Jairzinho e Rivelino, o Brasil não tardará a reconquistar o hegemonia do futebol. E eu não falei de Pelé».

Perguntaram-lhe quais as equipas brasileiras que mais o impressionaram recentemente, entre as que enfrentaram o seu clube (o Benfica). Eusébio apontou o Botafogo como a melhor argumentando:

«O Santos é um grande «team», mas o Botafogo tem a vantagem de jogar um futebol mais rápido e objectivo. O Botafogo é mais rápido a chegar à grande área adversária e é difícil penetrar na sua defesa».

Sobre a recente excursão do Benfica pelas Américas, em que perdeu (seguidamente) com o Santos e com o Botafogo, Eusébio declarou:

«As derrotas não nos impressionaram pois, afinal, perdemos com grandes equipas e estávamos num período de treino. Andávamos em preparação para o Campeonato Nacional, que começou há pouco, e do qual já somos os «gulas». Naquela excursão eu não estava totalmente recuperado da operação ao joelho e a equipa ainda não tinha chegado à sua melhor «forma». Agora o Benfica já voltou a jogar o seu melhor, com Otto Glória outra vez no comando. Ele estará, também, à frente da selecção portuguesa que, em breve, começa os treinos para as eliminatórias do campeonato mundial».

Eusébio afirma que a Inglaterra não conseguirá repetir a proeza e vencer o próximo campeonato mundial, no México, em 1970. E explica:

«A Inglaterra tem contas a ajustar com a Hungria, com a Alemanha e com Portugal, para não falar do Brasil. Em 1966 ela não podia prder, porque já estava «decidido» que ganharia, a não ser que tivese que disputar a final com os brasileiros o que não aconteceu. Isto não quer dizer que seja fácil vencer a Inglaterra. Pelo contrário: a sua defesa joga firme e bem. Atacam com dez e defendem com onze. Têm o mérito de jogar sempre com a mesma formação mas, mesmo assim, em campo neutro, não ganha ao Brasil e connosco, os portugueses, é jogo nivelado».

Jantar de homenagem a José Núncio

Hoje, no restaurante «Muchacho», é oferecido ao cavaleiro José Núncio, que vai prestar serviço militar em África, um jantar de despedida e homenagem às suas grandes qualidades de toureiro equestre.

AS COMEMORAÇÕES DO 50.º ANIVERSÁRIO DAS OFICINAS GERAIS DE MATERIAL AERONÁUTICO

O Chefe do Estado presidiu hoje, em Alverca, á cerimónia comemorativa do cinquentenário das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, onde descerrou uma lápida alusiva ao acto, inaugurando, em seguida, uma exposição de fotografias e desenhos.

Depois de uma visita de inspecção ao avião «Caudron G-3», falou o director das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, seguindo-se a distribuição de medalhas aos servidores com mais de 40 anos de casa, um discurso do Secretário de Estado da Aeronáutica e uma visita ao «Triton». O sr. almirante Américo Thomaz foi acompanhado na sua visita por outros membros do Governo e pelo cardeal-patriarca de Lisboa.

o reporter de serviço

Joaquim Benite

ESPADINHA, ATÉ À MORTE

Num repente, enquanto via passar Espadinha numa das suas voltas ao quarteirão do Monumental, uma luz minúscula acendeu-se-me no cérebro. A luzinha foi aumentando de intensidade e posso, já agora, declarar que se tornou num verdadeiro clarão que de hoje para o futuro iluminará a minha vida. E também a vossa, se assim o desejarem.

Tudo parecia difícil e, afinal, não há nada tão simples. Pois não estão a ver? Daqui para o futuro, basta dar umas voltinhas para se resolver todos os problemas. Não é admirável? Não é esta, verdadeiramente, a grande descoberta deste século?

Imaginemos que uma pessoa, de modestos recursos mas teimosa, se lembra de obter um lugar no conselho de administração da C. P.? Já viram que não custa nada? Basta umas voltinhas no Rossio: «Ou me dão o emprego ou morro mesmo aqui, pertinho da porta árabe da estação!»

Outro que deseje lugar de administrador de um dos bancos da «baixa», não tem nada que errar: dá umas voltinhas a um pombalino quarteirão. Quem quiser entrar para a equipa do Benfica, dá voltinhas ao Estádio da Luz. Os que desejam um fato e não têm dinheiro para o pagar podem — como isto é fácil — dar voltas à alfaiataria. Os sem-profissão podem dar voltas ao Fundo de Fomento da Mão-de-Obra. Os automobilistas que tiverem pressa podem dar voltas ao sinaleiro Os empregados bancários podem dar voltas ao Sindicato. Os políticos de todo o Mundo podem passar a dispensar o Parlamento e o jogo eleitoral: dão voltas aos palácios governamentais. E, finalmente, para não vos aborrecer com exemplos, os que desejam a glória podem dar voltas ao Globo.

Eis como, de repente, se pode fazer uma grande descoberta. De hoje para o futuro, não há dúvida, a frase «vai dar uma voltinha ao quarteirão» deixou de ter sentido pejorativo. Muito pelo contrário, será um conselho a dar aos homens persistentes, aos que desejam, de facto e com firmeza, vencer na vida. E tudo isto, graças a um único homem: Vítor Espadinha. O seu exemplo aí está: dar voltinhas; dar voltinhas até à obtenção do que se deseja ou, na pior das hipóteses, até à morte! Rogo a todos que não deixem de o seguir.

E agora adeus: vou dar umas voltinhas ao chefe da Redacção, porque já agora sempre gostava de ver a crónica publicada!

NOVA DEPENDÊNCIA DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO FOI ESTA MANHÃ INAUGURADA NO TERREIRO DO TRIGO

No Terreiro do Trigo foi esta manhã inaugurada nova sucursal do Banco Português do Atlantico.

A cerimónia inaugural constituiu acontecimento de relevo naquela importante zona comercial e industrial da cidade, tendo estado presentes o presidente do conselho de Administração daquele estabelecimento de crédito, sr. Arthur Cupertino de Miranda, o administrador-delegado sr. Braz Cabrita de Almeida Conde, os administradores eng.º Saraiva e Sousa e João Anjos Rocha, bem como o director-geral, dr. Vasco Vieira de Almeida, e os directores drs. Francisco Veloso, Gomes Mota, eng.º Vaz Antunes. Pela Misericórdia de Lisboa esteve o dr. Mário Gouveia. Presentes também muitos representantes das actividades daquela zona.

Usando da palavra o sr. Arthur Cupertino de Miranda salientou o esforço que o banco vem fazendo para dotar o País de uma eficiente cobertura bancária.

Evocou a história do bairro e alguns dos seus grandes edifícios do passado, mas «a marcha do tempo se não obscurece o esplendor do passado, vai-o alterando e colorindo á luz de novos e mais complexos condicionalismos». Focou depois especialmente a constante e crescente actividade do Porto de Lisboa e da Alfandega. Disse:

«As receitas da Alfandega de Lisboa que eram em 1960 de 2226 milhares de contos, passaram em 1967 a 3477 milhares de contos, o que traduz uma taxa de crescimento médio anual de 6,6 %. Tais números, pelo seu significado, dispensam só por si qualquer comentário.»

Acrescentou depois o sr. Cupertino de Miranda: «O III Plano de Fomento, no tocante ao porto de Lisboa, prevê, para o período de 1968 a 1973, o investimento de 800 00 contos, repartidos em estudo e planeamento do porto, conclusão de obras em curso, melhoramentos diversos nas infra-estruturas e superstruturas aquisição de equipamento portuário. Assim se espera intensificar o movimento de mercadorias e de passageiros, isto é, alcançar o objectivo do Plano neste ponto específico, que é o de «concretizar um conjunto de medidas que se impõem com premência na programação de complexos portuários eficientes» e «polarizar maiores tráfegos no porto de Lisboa, tornando-o concorrencial.»

Foi depois servido um beberete a todos os presentes, tendo-se trocado impressões na mais agradável das convivências.

«Quando dirijo não sou uma mulher sou um maestro» — diz-nos Sylvia Caduff

O Tivoli vai ser pequeno, no sábado, ao fim da tarde, para conter a multidão que todos os anos ali acorre para assistir ao primeiro espectáculo da habitual série de concertos apresentados pela E. N. com a sua Orquestra Sinfónica.

«Na estante de regência não sou a mulher, sou [illegible] antes do nosso repórter fotográfico ter captado esta [illegible] Dvorak com a O[illegible]

É uma tradição já velha, todos os Outonos renovada, agora com uma ampliação, constituindo a série de câmara, que sucederá á sinfónica, a estender assim a temporada ao longo de seis meses.

Como o leitor já teve oportunidade de verificar, vêm a Lisboa alguns grandes artistas, destacando-se, do naipe dos regentes, três maestros portugueses e dois estrangeiros. Frederico de Freitas regerá dois concertos, Silva Pereira um e António de Almeida outro. Quatro concertos serão dirigidos por Piero Bellugi sendo o outro, da série de nove, confiado a Sylvia Caduff.

Foi justamente com a jovem maestrina que conversámos, tentando saber se se sente bem com a profissão que escolheu e como encara o facto de lhe caber inaugurar, no próximo sábado, a série de concertos deste ano, no Tivoli.

Sylvia Carduff é uma simpática senhora de carácter aparentemente nada voluntarioso. Fala com suavidade e, para não negar a sua condição de suíça, começou por nos falar do tempo. Não era protocolo, era uma espécie de deslumbramento que se desprendia dos seus olhos, ao apontar o arvoredo banhado de sol.

— *Não tarda que venha a neve no meu país. Faz frio e vento e aqui parece estarmos no Verão. É lindo! É pena que a minha estadia de oito dias em Lisboa não me deixe tempo para passear. Cheguei no domingo e partirei na segunda-feira.*

Já ensaiei duas vezes com a vossa Orquestra Sinfónica Nacional, no Teatro de S. Carlos. Tenho-me dado bem, sendo esta a primeira vez que aqui venho reger. Estou contente por me terem dado oportunidade de escolher, entre várias peças propostas, Beethoven e Dvorak. São obras que conheço bem e já tenho regido várias vezes, mormente a «4.ª Sinfonia». O trabalho com a orquestra está assim facilitado, além da própria capacidade de adaptação, técnica e maleabilidade deste vosso agrupamento sinfónico.

— Não tem tido problemas? Não lhe parece difícil a profissão que escolheu? — perguntámos.

— *Na verdade — esclarece-nos a maestrina — a minha tarefa é um pouco dura, tantas vezes porque os homens não gostam de ser dirigidos por mulheres. Mas nunca tive problemas. Aliás, quando ocupo o estrado da regência, esqueço-me de que sou uma mulher. Sou um músico trabalhando entre músicos e isso facilitará enormemente as nossas tarefas.*

Uma carreira alemã ganha em Nova York

— *Há cinco anos que me tornei maestrina — continuava a nossa interlocutora pausadamente e sorrindo sempre. — O meu primeiro curso, no Conservatório de Lucerna, foi de pianista. Mas quando ainda era estudante dirigia já duas orquestras de câmara. Era a minha vocação.*

Mas tudo foi muito duro para mim até 1966.

Foi há dois anos, na verdade, que comecei verdadeiramente a minha carreira, ao ganhar o 1.º prémio do Concurso Internacional Dimitri Mitropoulos, em Nova York. Tive por acaso a oportunidade de reencontrar neste ano o vosso maestro Alvaro Cassuto, também concorrente, como eu. Já nos conhecíamos, aliás, pois Cassuto foi meu colega em [illegible] de direcção de [illegible] assistente quan[illegible] ia ensinar. Es[illegible]em deve just[illegible]ar do tempe[illegible] referência qu[illegible] repertório rom[illegible]em sempre [illegible]nente, escolhe[illegible] erdade, contue[illegible] e sempre peç[illegible] oncertos.

Agora, por e[illegible]ões que me in[illegible] pouco é a pr[illegible] que irei em b[illegible] ávia. Quando [illegible] Zurique, on[illegible]os, antes dos [illegible] fazer com a O[illegible] de Zagreb e a[illegible]

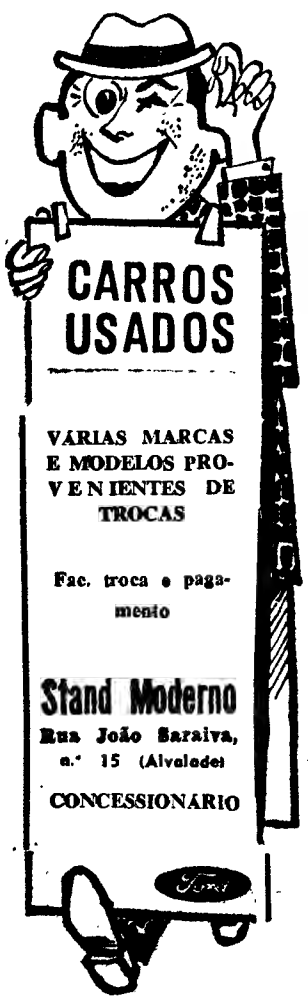
O prof. [illegible] será o n[illegible] da Ordem

Como ontem marcada para pelas 21 hora organismo, a [illegible] tonário da Or[illegible] eleição compet[illegible] ral da Ordem, [illegible] legados dos Co[illegible] Lisboa, Porto [illegible] bém marcada [illegible] a eleição da [illegible] Geral.

Entretanto, [illegible] apresentação [illegible] do os delegad[illegible] ral recebido já[illegible]

Para o alto [illegible] da Ordem foi [illegible] sr. prof. Miller[illegible] confirmar a [illegible] pelo nosso jor[illegible] rávamos essa [illegible] a mais provav[illegible]

Também par[illegible] bleia geral f[illegible] um lista, na [illegible] mário, o prof[illegible] de Coimbra, [illegible] cargo de pre[illegible] sidente está in[illegible] Tavares, do P[illegible] rios os srs. dr[illegible] a e Lino da [illegible] boa.



A EXPANSÃO DA PROVIMI PORTUGUESA

GERARD VISSER VISITA PORTUGAL

Com o fim de observar o modo como está a desenvolver-se o programa de expansão da Provimi Portuguesa, chegou ontem a Lisboa o sr. Gerard Visser, brilhante homem da grande industria e destacado dirigente da Organização Internacional Provimi.

Gerard Visser, a quem a Organização Provimi deve algumas das suas mais arrojadas iniciativas e os maiores triunfos, e que nutre a maior simpatia pelo nosso País, visitará departamentos e unidades industriais da Provimi Portuguesa, nomeadamente a grande fábrica em construção em Alverca.

Na agenda de trabalhos do sr. Gerard Visser contam-se, além de actos de natureza social, várias sessões de trabalho com o Director da Provimi Portuguesa, sr. Van Den Heuvel, com o fim de estudar a programação e aceleramento do novo plano de expansão da Provimi Portuguesa, iniciado neste ano em que esta prestigiosa organização comemora o seu X aniversário.

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
— Fundada em 1895
ARTISTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

7.º ANDAR
AO RESTELO, 4 ASSOALHADAS, 2 CASAS DE BANHO, AQUECIMENTO, PRÉDIO DE LUXO POR ESTREAR, VISTA DESLUMBRANTE. ALUGA-SE ESC. 2500$00 — TELEF. 633723

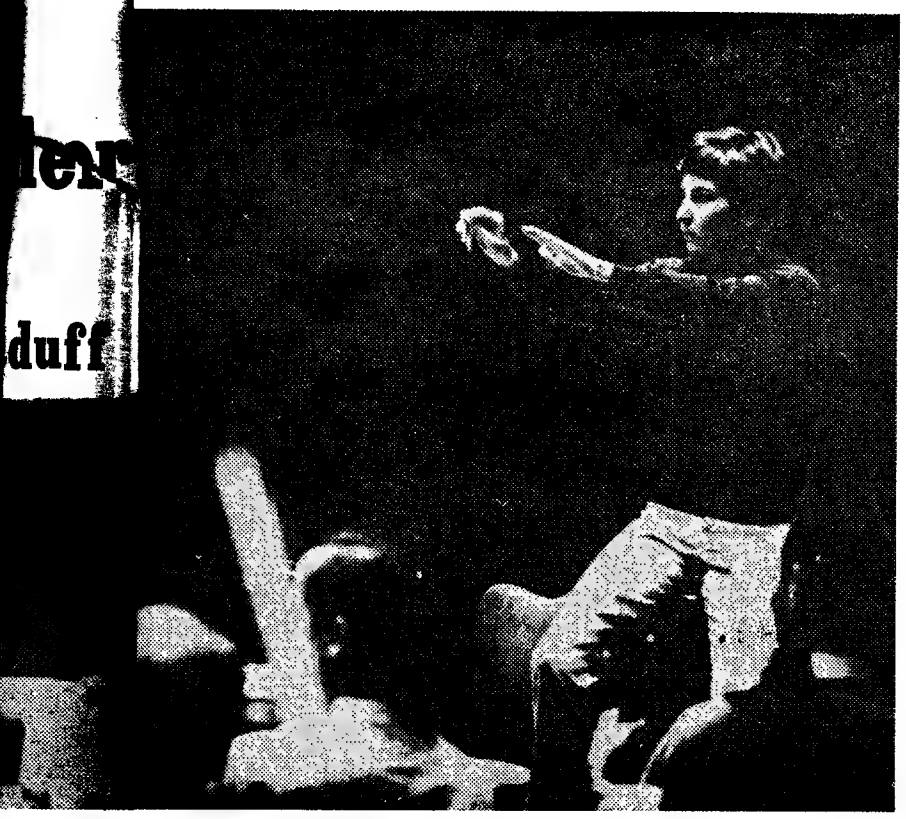
CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

NÃO DEIXE FUGIR A SORTE!
Ela espera-o
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LOTARIA DE OUTUBRO - 6.000 CONTOS
apenas por 240$00

Ourivesaria da [illegible]GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA POR[illegible]
RUA D. [illegible]
(Edifício d[illegible]



...cia não sou a mulher, sou um musico entre musicos» — dizia-nos Sylvia Caduff pouco ...ter fotografado capta esta imagem, em S. Carlos, quando a maestrina ensaiava Beethoven ...vorak com a Orquestra Sinfónica Nacional

...maleabili... ...mento sin...

...emas? Não ...fissão que ...

...rece-nos a ...refa é um ...porque os ...ser dirigi... ...nunca tive ...o ocupo o ...ueço-me de ...u um mú... ...músicos e ...ite as nos...

...emã ...York

...me tornei ...nossa in... ...e sorrin... ...neiro cur... ...Lucerna, ...ndo ainda ...duas or... ...a minh...

...luro para ...

...verdade, ...amente a ...ar o 1.º ...ernacional ...a Nova ...portunida... ...no o vos... ...uto, tam... ...u. Já nos ...assuto foi

...ULHÃO ...omático ...5 ...162-B ...B O A

...AR ...SOA- ...S DE ...MEN- ...UXO ...ISTA ...ALU- ...00 —

...eu colega em Berlim, nas aulas ...e direcção de Karajan, ou do seu ...ssistente quando ele não nos po... ...ia ensinar. Essa minha aprendiza... ...em deve justificar um pouco, a ...ar do temperamento, a marcada ...referência que tenho por todo o ...epertório romantico alemão. Mas ...em sempre podemos, evidente... ...ente, escolher os programas. A ...erdade, contudo, é que incluo qua... ...e sempre peças novas nos meus ...concertos.

...Agora, por exemplo, uma das ra... ...ões que me impede de passear um ...ouco é a preparação das obras ...ue irei em breve reger na Jugos... ...ávia. Quando deixar Lisboa volto ...Zurique, onde darei três concer... ...os, antes dos outros dois que irei ...azer com a Orquestra Filarmónica ...e Zagreb e a Orquestra Sinfónica de Luisiana. Por isso a estadia de uma semana em Lisboa não é mais do que mais um elo nesta longa correria para o trabalho. Mas eu gosto, porque trabalho naquilo que sempre desejei.

— No sábado vai ter uma tarde apoteótica, estamos certos — assegurou o repórter.

Sylvia Carduff não se desconcertou.

— É a vida. Uma mulher como eu, as mulheres que escolhem carreiras como a minha têm de estar preparadas para tudo. O bom, o mau, a rádio, a TV e os homens dos jornais, que de repente nos apanham distraídas, como o senhor fez, para nos porem ás vezes questões embaraçosas.

Tinha chegado a vez de ser o repórter a sorrir e... partir!

...) prof. Miller Guerra ...será o novo bastonário da Ordem dos Médicos

Como ontem noticiámos, está marcada para o próximo dia 19, pelas 21 horas, na sede daquele organismo, a eleição do novo bastonário da Ordem dos Médicos. A eleição compete á Assembleia Geral da Ordem, constituída pelos delegados dos Conselhos Regionais de Lisboa, Porto e Coimbra. Está também marcada para a mesma data a eleição da mesa da Assembleia Geral.

Entretanto, terminou o prazo de apresentação de candidaturas, tendo os delegados á Assembleia Geral recebido já as respectivas listas.

Para o alto cargo de bastonário da Ordem foi proposto, apenas, o sr. prof. Miller Guerra, o que vem confirmar a notícia dada ontem pelo nosso jornal, na qual considerávamos essa eventualidade como a mais provavel.

Também para a mesa da assembleia geral foi proposta apenas um lista, na qual o actual bastonário, o prof. Lobato Guimarães, de Coimbra, é indigitado para o cargo de presidente. Para vice-presidente está indicado o sr. dr. Abel Tavares, do Porto, e para secretários os srs. drs. Castel-Branco Mota e Lino da Silva, ambos de Lisboa.

Torre de Babel

João Medina

«PARADISE NOW!»

Se houvesse, algures na terra, em Pequim ou em qualquer outro sítio, um concurso de frases revolucionárias, de estribilhos ditos «subversivos», creio que o primeiro prémio iria para aquele que serve de título a uma peça teatral posta em cena durante o XX.º Festival de Avinhão, cidade papal a viver hoje uma merecida reforma histórica. Chamava-se pois a peça «Paradise now», ou seja, O Paraíso Imediatamente. *Sobre o grau de saturação subversiva desta peça di-lo, melhor do que um comentário, o facto de a municipalidade e as autoridades da cidade provençal terem decidido proibir as representações cénicas convidando os anarquistas do «Living Theater» a abandonarem o burgo. Orquestrada por um jornal local que apodava de «freudianos» os actores do «Living Theater», a campanha xenófoba e antiparadisíaca teve momentos de delírio que não me compete averbar aqui, interessado como estou em sublinhar apenas o conteúdo explosivo do título da peça.*

O título de «O Paraíso já» tem qualquer coisa de provocador e devia ingressar desde já no léxico dos grandes slogans que agitam, sapam, minam e corroem as instituições, as murallhas, os conceitos e os hábitos inveterados. Receio mesmo que, à semelhança do caso pitoresco relatado pela Bíblia, o retumbar de mil tubas clamando este «Paradise now!» seria mesmo capaz de comover e abrir brechas nas Jericós da tradição e do privilégio. Mas onde estão os Josués capazes de se apoderarem do estribilho e de o irem soprar com gana e fôlego diante das muralhas do nosso vasto mundo urbano e técnico?

Deixemos todavia a Josué o que é de Josué e tornemos a Avinhão.

Parece-me sumamente inquietante reclamar que o Paraíso (seja ele místico, laico, técnico, social, político, económico, metafísico, lascivo, casto, químico, mental, etc.), em vez de estar no futuro e na utopia (que era, como se sabe, uma ilha situada em lugar nehum), se faça, apareça e se manifeste JÁ, AQUI, AGORA. *Como assim?! — Como assim? O paraíso já, o paríso aqui, sem esperar, sem requerimentos, sem papel selado, sem delongas, sem pedidos, sem tédios, sem mediações, sem intermediários, sem labirintos...-! É lá possível! — assim fala a Sabedoria, assim fala a Paciência, assim fala o chamado Bom-Senso. «Paradise now?»* Later, *dirão. «Later» ou «never»?*

Que fazer dos bogomilos, anabaptistas e outros anarquistas desavergonhados que reclamam, com impudor, com frases e gestos libidinosos o direito ao Eden-sem-Espera, ao Paraíso-agora-mesmo, ao Prazer e à Felicidade imediatas? A prisão? O bastão? O duche frio? Uma receita de neurolépticos e de anticolinérgicos? O haloperidol? Seja como for, com terapêuticas para as distonias psíquicas e neurovegativas ou com o chicote, estes carbonários devem ser banidos das nossas cidades, das nossas ruas, de nossa vista. Foi aliás o que lhes fez a sensata municipalidade de Avinhão: pegou naqueles mariolas do «Living Theater» e mandou-os procurarem a Icária ou a Pasárgada dos sonhos deles noutras terras, noutras voluptuosas latitudes.

Strasbourg. Outubro de 68.

Os edifícios escolares e os que lá estudam

Na primeira reunião do Conselho de Ministros da presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano, foi examinada a deficiência dos edifícios onde funcionam algumas escolas superiores da capital e resolvido considerar de primeira prioridade a rápida solução do assunto.

Se aceitarmos que «o investimento de maior rentabilidade é o da educação», a decisão é importante e oportuna. Conhecem-se, efectivamente, as condições mais que precárias e de chocantes deficiências e insuficiências em que funcionam certos estabelecimentos de Ensino Superior. E pode servir como exemplo flagrante (quase inacreditável!), relativamente a Lisboa, a pobre Escola Superior de Belas-Artes, encafuada nas catacumbas do velho edifício da Biblioteca Nacional.

Até quando?

E só de pensar nisto se tem de aplaudir sem reservas a transcendente resolução, muito embora saibamos todos que nem só de bons edifícios vivem as boas escolas. Mas um bom edifício já é um importante passo para que desapareçam os entraves a um adequado apetrechamento e surjam melhores condições de estímulo. Estímulo para que os estudantes se interessem (a sério) pelos cursos que frequentam e pelas matérias que devem dominar, de modo a estarem aptos a desempenhar um papel consciente no futuro; estímulo para que os mestres se interessem (a sério) pela preparação dos seus alunos.

Certo é que, mais importante do que as paredes de um edifício escolar, avulta o «clima», a «atmosfera» científica, pedagógica e humana do estabelecimento que aí funciona. E para que tal «atmosfera» exista é tão importante um director à altura das suas responsabilidades como um corpo docente competente e colaborante com a população escolar. E isto tão importante como a colaboração voluntária de uma interessada massa escolar com um compreensivo e consciente corpo de professores. Mau seria que, em novos edifícios escolares, se proseguissem velhos métodos de indesejável e medieva imposição de comportamento. M. de A.

...esaria da ...UIA

...A OURIVESARIA PORTUGUESA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

LIBRAS OURO

Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º

5 JÁ ANUNCIADAS

1.º — DIONISIO S. Do VALE — PORTO
2.º — J. GONÇALVES SILVA — LISBOA

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e higiene. Mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

Depressa, tome Rennie!

O SEU EXTINTOR DE BOLSO

A tensão do dia-a-dia abate-se sobre nós Atinge-nos por dentro, no estômago, pela indigestão, azia, excesso de ácidos

Digestif Rennie apaga esse ardor como se fosse um extintor de bolso. Sem água, sem um minuto de espera! Uma Digestif Rennie elimina imediatamente a sensação de ardor. Uma segunda Rennie, dissolvida lentamente na boca, assegura-lhe um alívio mais duradouro.

Rennie
Força digestival

CIBA-NOK

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Comecou a segunda audiência do julgamento de Litvinov

MOSCOVO, 10 — (F. P.) — Pouco antes das 10 horas foi aberta a segunda audiência do julgamento de Larissa Daniel, de Pavel Litvinov e dos seus três co-réus, na presença apenas dos parentes mais chegados e das testemunhas.

Como já acontecera ontem, uma pequena multidão de amigos juntou-se à entrada do tribunal, mas desta vez sob forte aguaceiro. Soube-se esta manhã que Larissa Daniel recusou o auxílio de um advogado, encarregando-se ela própria da sua defesa.

Pavel Litvinov será defendido pelo dr. Kaminskaya, Vadim Delone pelo dr. Kalistratova, Vladimir Dremluga pelo dr. Monakhov e Constantino Babitski pelo dr. Dizdeev.

Conhecem-se, entretanto alguns pormenores da audiência de ontem por intermédio de pessoas a que a ela assistiram. Assim, os réus começaram por solicitar o adiamento do julgamento no sentido de se efectuarem investigações complementares quanto aos jovens que agrediram alguns deles na altura da manifestação na Praça Vermelha. Afirmaram igualmente que o tribunal não tinha o direito de discutir o caso de Victor Feinberg, o qual foi libertado e colocado num instituto psiquiátrico. Todavia estes requerimentos foram indeferidos pelo tribunal depois de a audiência ter sido interrompida por 90 minutos.

Além de calúnia e de perturbação da ordem pública, os réus foram acusados de estarem a preparar uma conjura criminosa e de terem «pontos de vista errados quanto ao auxílio fraternal prestado ao povo checoslovaco».

Todos negaram a acusação de conspiração criminosa, reafirmando ao mesmo tempo, segundo as pessoas que assistiram à audiência, que a entrada das tropas do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia fora, em sua opinião, um «trágico erro».

Três jovens checoslovacos sentados na escadaria de um museu, na Praça Venceslau, em Praga, exibem emblemas com a efígie de Dubcek e com a seguinte inscrição: «Amo a liberdade». Estes emblemas estão á venda na capital da Checoslováquia.

O preço do petróleo da Argélia

Acabado de solucionar o caso do «Boeing» israelita, a Argélia faz uma nova demonstração de força num campo — o principal campo — em que a sua posição é vantajosa: o do petróleo. O embargo ás exportações de petróleo realizadas a preços que considera insuficientes é uma medida unilateral que ninguém parecia esperar em Paris. Ficara estabelecido, com efeito, nas últimas conversações entre o Governo francês e o argelino, que para melhorar o clima de cooperação entre os dois países cada parte evitaria colocar o seu parceiro perante um facto consumado.

A decisão de Argel faz para já, correr o risco de perturbar correntes de abastecimento cujo principal destinatário é, de longe, a França. Mas, para além das suas consequências imediatas, esta decisão é séria, na medida em que parece voltar a pôr em causa um princípio formulado em Évian e retomado nos acordos de 1965, o da liberdade de dispor da sua produção reconhecida aos titulares de concessões de exploração. Pedindo ás companhias que aumentem os preços de contratos tidos por insuficientemente remuneradores, o Governo de Argel parece considerar que aquelas são más comerciantes e conhecem mal o seu mister, desperdiçando um petróleo que acredita ser de qualidade excepcional.

Argel foi talvez levada a semelhante opinião ao observar que os contratos recentemente concluídos pela sua sociedade nacional, a Sonatrach, foram feitos em condições mais vantajosas que outros realizados por companhias estrangeiras anteriormente á Guerra dos Seis Dias, a qual provocou um forte aumento das cotações. Pode então perguntar-se se o conhecimento das condições reais do mercado petrolífero está, realmente, de acordo com o desejo de Argel de aumentar o seu papel neste mercado.

Perante as decisões do Governo do coronel Boumedienne, todas as companhias estrangeiras que operam no Sahara entram no mesmo saco, quer sejam públicas ou privadas. Umas e outras, que em troca de rendimentos garantidos á Argélia pensavam dispor livremente da sua produção, serão incitadas, pela última iniciativa de Argel, a forçar ainda mais a política de diversificação das fontes de abastecimento. É este, em particular, o caso do grupo Elf-Erap, para o qual a Argélia continua a ser, de longe, a principal fonte de petróleo, e que se tinha comprometido profundamente na experiência de cooperação inaugurada em 1965.

Na prática, esta cooperação, cujo dispositivo só foi efectivamente posto em acção há pouco mais de dois anos, é das mais laboriosas. «A cooperação forma um todo», segundo a fórmula de Argel, e negócios como os do vinho ou da mão-de-obra, a respeito dos quais a França não foi isenta de culpa, ou a nacionalização, por Argel, de inúmeras empresas francesas, não oferecem um clima particularmente propício ao bom desenrolar da cooperação petrolífera propriamente dita. Neste terreno, os argelinos censuram aos franceses simultâneamente dois factos: não fomentarem decididamente a exploração e explorarem, a ritmo excessivo, alguns dos jazigos descobertos. No importante sector do gás natural, por outro lado, se foram feitos contratos importantes de exportação com a França, a realização prática da cadeia de evacuação em território argelino, que necessita de pesados investimentos de capital, fica consideràvelmente travada. A evolução do mercado internacional do gás, com as descobertas no Mar do Norte e a consequente baixa dos preços que se lhe seguiu, contraria as esperanças postas pela Argélia nesta riqueza, e disso retira este país o sentimento de que existe uma espécie de conspiração capitalista internacional contra si, e que a França seria, até certo ponto um dos conspiradores.

Pergunta-se se este processo — de que o objectivo dos acordos de 1965 era impedir o desencadeamento — poderá um dia ser travado. A última iniciativa de Argel a este respeito não incita ao optimismo.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

O «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda no SALÃO ROYAL, em CASTELO DE VIDE, no próprio dia.

SAIGÃO DESMENTE A TENTATIVA DE UM GOLPE DE ESTADO

SAIGÃO, 10 — (F. P.) — O gabinete da presidência da Republica desmentiu hoje as informações e os «rumores» de que teria sido abortada uma rebelião. Acrescentou: «Há dois dias que correm boatos, lançados pelos comunistas e certo numero de pessoas irresponsáveis. Dizem estes que o Exército teria tomado medidas contra uma rebelião, havendo prisões. O gabinete da presidência tem a honra de anunciar que as medidas militares tomadas, têm carácter normal para a defesa das instalações militares, e que todas as unidades do Exército vietnamiano, continuam, sem quebra, a lutar contra o inimigo.

«Até á data, nenhum general, nenhum oficial superior, nenhum civil do antigo partido «Cam Lao» foi detido» (o partido «Cam Lao» tinha sido fundado por Ngo Dinh Nhu, irmão do antigo presidente Ngo Dinh Diem).

A declaração do gabinete da presidência da Republica segue-se ao anuncio do aborto de um golpe de Estado, por uma fonte oficial.

JOHNSON: NINGUÉM PODE PREVER O FIM DA GUERRA

WASHINGTON, 10 — (F. P.) — O presidente Johnson declarou ontem que ninguém pode prever quando acabará a guerra do Vietnam. No entanto, sublinhou ser mais claro do que nunca que o inimigo falhara em todas as suas tentativas para impor os seus desígnios políticos por meios militares.

O presidente, que tomara a palavra para desejar as boas vindas a Keit Holyoake, primeiro-ministro da Nova Zelandia, chegado de manhã a Washington para uma visita oficial de três dias, acrescentou estar convencido de que a agressão comunista sofrera uma derrota clara e significativa.

Propostas de reforma agrícola no Mercado Comum

BRUXELAS, 10 — (R.) A comissão executiva do Mercado Comum está a redigir propostas para uma reforma radical da comunidade agrícola, segundo revelaram a noite passada fontes bem informadas.

Disseram que as propostas, que serão apresentadas ainda este ano aos ministros da Agricultura dos seis Estados membros, visam a elevar o nível dos salários dos trabalhadores rurais até ao de outros operários por meio da modernização de métodos agrícolas.

Meios possíveis de conseguir isso: encorajar pequenos agricultores a fundirem as suas propriedades em unidades maiores e impor uma congelação temporária aos preços dos produtos agrícolas.

Esperava-se que uma melhoria na eficiência desse campo conduziria a uma redução dos subsídios á agricultura, que se aguardava totalizem 2500 milhões de dólares em 1960.

É provável que o plano de reforma depare com grande oposição de certos sectores da comunidade agrícola. No princípio deste ano agricultores protestaram enérgicamente contra um plano que previa a mudança da produção de lacticínios para a de carne de vaca por causa dos excessos de manteiga da comunidade.

O autor de tal plano e o homem responsável pelas propostas apresentados agora á comissão é Sicco Mansholt, o holandês vice-presidente da comissão.

Os comissários iniciaram anteontem as suas discussões acerca das ideias de Mansholt durante uma sessão especial e esperava-se que realizassem mais sessões desse género, antes de apresentarem um relatório ao conselho de ministros.

Fontes bem informadas desmentiram notícias de que os comissários tinham já concluído a redacção das suas propostas aos ministros e que os subsídios agrícolas da comunidade poderiam totalizar 4000 milhões de dólares em 1970.

Quando o chanceler Kiesinger discursava numa reunião eleitoral do Partido Cristão Democrata realizada, recentemente, em Hassia (Alemanha Ocidental), manifestantes presentes na sala levantaram-se e gritaram: «Sieg heil» (Viva a vitória». Kiesinger não interrompeu a sua alocução

DUBCEK PROPOSTO PARA NOBEL DA PAZ

BRUXELAS, 10 — (F. P.) — O rev. Dominique Pire, Prémio Nobel da Paz em 1958, acaba de apresentar a candidatura de Alexandre Dubcek, secretário do Partido Comunista Checoslovaco, ao Prémio Nobel da Paz do próximo ano.

O padre Pire fez esta sugestão numa carta dirigida ao «Comité) Nobel em Estocolmo.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Conversações entre o Governo e os estudantes mexicanos

CIDADE DO MÉXICO, 9 — (A. N. I.) — Decorrem na Cidade do México conversações entre representantes do Governo e dirigentes estudantis, a fim de se pôr termo ás manifestações de rua na capita. mexicana.

Jorge de La Vega e Andres Caso, os dois representantes do Governo, afirmaram que as conversações, que têm decorrido num restaurante e nas suas residências particulares, se destinam «a estabelecer as bases para a formulação das questões de interesse geral» entre o Governo e os estudantes.

Entretanto, o movimento estudantil, cujo principal dirigente parece ser agora Marcelino Perello, aluno de Matemáticas, afirma que continuará activo.

No entanto Perello afirmou que os dirigentes de «linha dura», presos durante os tumultos do dia 2, são «traidores da causa estudantil».

Outros dois dirigentes estudantis detidos, Carlos Martin Del Campo Ponce de Leon e Servando José Davila Jimenez, declararam, em conferência de Imprensa, que lhes foram entregues cartuchos de dinamite, que deveriam lançar sobre a Polícia, durante as manifestações.

Jimenez, que tem 21 anos, acrescentou ter participado na sabotagem de um colector, no dia 3, e reconheceu que o movimento estudantil «foi além dos limites legais» e está dominado pela «anarquia e pelo erro».

Estudantes peruanos em luta com a Polícia numa rua da capital. Os manifestantes queriam desfilar através de Lima a fim de protestar contra o golpe de Estado do general Velasco Alvarado

Os homens de negócios apoiam Nixon

WASHINGTON, 10 — (A. N. I.) — Richard Nixon conquistou um apoio importante: o dos homens de negócios, apoio que há seis meses pertencia em grande parte a Hubert Humphrey.

Os membros do Conselho dos Homens de Negócios que responderam ao inquérito da U.P.I., mostraram-se favoráveis ao candidato republicano e só um declarou estar convencido que Humphrey ganhará as eleições no dia 5 de Novembro.

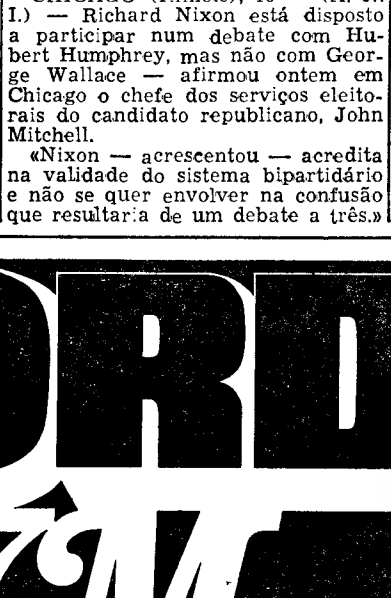
O Conselho é constituído por 120 industriais, banqueiros e dirigentes de companhias e reune-se duas vezes por ano com individualidades do Governo para discutir questões políticas.

Quando o Conselho se reuniu em Maio passado, antes das convenções dos Partidos Republicano e Democrático, o inquérito então feito revelou que cerca de trinta por cento dos representantes do Conselho esperavam que a campanha eleitoral pusesse frente a frente Nixon e Humphrey e as preferências entre ambos eram equilibradas.

Dos 66 membros do Conselho que responderam ao inquérito da U.P.I., esta semana, sete declararam que preferiam Humphrey, mas 58 manifestaram-se a favor de Nixon, havendo um que declarou estar ainda indeciso.

A sondagem da U.P.I. mostra ainda que os tumultos urbanos foram o elemento essencial para a escolha do candidato presidencial.

Nos assuntos principais da campanha, Nixon é considerado como o candidato que oferece melhores soluções.



Richard Nixon, candidato republicano á presidência dos E.U.A., obteve um apoio importante: o dos homens de negócios norte-americanos.

As margens entre os candidatos republicano e democrático para a guerra do Vietnam, por exemplo, é de 55 para 8, nos tumultos urbanos de 57 para 6, no crime organizado de 60 para 2, na política internacional de 53 para 9.

Wallace teve dois votos como o candidato com melhor solução para o problema do crime, mas ninguém votou nele para presidente.

NIXON REJEITA UM DEBATE COM WALLACE

CHICAGO (Illinois), 10 — (A. N. I.) — Richard Nixon está disposto a participar num debate com Hubert Humphrey, mas não com George Wallace — afirmou ontem em Chicago o chefe dos serviços eleitorais do candidato republicano, John Mitchell.

«Nixon — acrescentou — acredita na validade do sistema bipartidário e não se quer envolver na confusão que resultaria de um debate a três.»

A fortuna de Humphrey

NOVA YORK, 10 — (A .N .I.) — A fortuna total de Humprey eleva-se a 281 423 dólares (cerca de oito mil contos). Esta cifra foi divulgada pelo gabinete do vice-presidente, horas depois de ter sido revelado o montante dos bens de Richard Nixon (meio milhão de dólares). Em relação a diversos senadores, ou do presidente Johnson, sem falar do governador Nelson Rockeffeller e da família Kennedy, estes haveres parecem relativamente modestos.

Suspensa a actividade administrativa na Cidade Universitária

CIDADE DO MÉXICO, 10 — (F. P.) — O conselho universitário — órgão administrativo da Universidade nacional autónoma — decidiu hoje suspender toda a actividade administrativa na cidade universitária de 12 a 27 de Outubro, ou seja enquanto durarem os Jogos Olímpicos. Os funcionários serão considerados em período de férias, mantendo-se nas instalações escolares um pessoal de vigilância reduzido.

OS PAÍSES ÁRABES REJEITAM O PLANO DE PAZ ISRAELITA

— ESCREVE O JORNAL «AL AHRAM»

CAIRO, 10 — (R.) — O autorizado jornal cairota «Al Ahram» afirma hoje que os países árabes rejeitam «total e parcialmente» o plano de paz de nove pontos para o Médio Oriente, apresentado no princípio desta semana pelo ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Abba Eban.

«Al Ahram», que reflecte o pensamento oficial egípcio, descreve as propostas de Eban, formuladas num discurso pronunciado na terça-feira perante a assembleia geral das Nações Unidas, como «uma manobra e táctica diversionista».

O jornal acrescenta que o discurso de Eban «terminara» com o mandato para estabelecer a paz do enviado da O.N.U., dr. Gunnar Jarring.

A comunicação do «Al Ahram» surgiu poucas horas antes do ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, Mahmoud Riad, discursar na assembleia geral da O.N.U.

O tom da notícia tornava aparente que Riad declarará a rejeição do plano pelos árabes.

A TURQUIA OFERECE-SE COMO MEDIANEIRA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 10 — (F. P.) — Soube-se aqui de fonte árabe que a Turquia tenciona oferecer-se para medianeira entre Israel e os países árabes.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Isan Sabri Caglayangil, oferece na quinta-feira um almoço em honra dos ministros e dos representantes dos países árabes que assistem á sessão da assembleia geral das Nações Unidas.

Desmentida no Rio de Janeiro qualquer ligação da Polícia com o «Esquadrão da Morte»

RIO DE JANEIRO, 10 — (R.) — O governador e o comandante da Polícia desta cidade-estado de quatro milhões de almas negaram conjuntamente a responsabilidade da Polícia por uma vaga de assassínios misteriosos atribuídos ao «Esquadrão da Morte».

Na semana passada, cerca de 10 cadáveres de criminosos notórios foram encontrados nas bermas das estradas ou em terrenos baldios do Guanabara ou no estado vizinho do Rio de Janeiro.

Os corpos, crivados de balas, trazem habitualmente etiquetas com uma caveira e tíbias e as iniciais «E. M.» (Esquadrão da Morte) e, algumas vezes, a alegada razão da execução sumária, como «era um ladrão de automóveis» e «planeavamos assaltos a bancos».

O jornal da tarde «Ultima Hora» afirma que recebe regularmente informações pelo telefone feitas por um homem com voz cava, que se intitula a si próprio como «Rosa Vermelha» e atribui os assassínios a um pelotão de execução da Polícia «em defesa da sociedade».

Contudo o governador do estado de Guanabara, Francisco Negrão de Lima, desmentiu formalmente que a sua Polícia tivesse qualquer participação nesses crimes.

O secretário-geral da segurança do estado, Luís Franco, afirmou que o «Esquadrão da Morte» era um mito e que o seu emblema da caveira e tíbias e as temíveis iniciais «E. M.» eram usadas pelos assassinos para cobrir o seu rasto.

EM LISBOA

STAND MODERNO
Rua João Saraiva, 15-Telef. 71 10 66/9
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A-Telef. 4 96 69

LINCURI
Av. da República, 32-A-Telef. 77 70 91

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos, com vista excepcional de mar de todas as janelas, terá acabamentos especiais com materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio.

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora, Centro da Amadora frente à estação do C. F., Portas de Benfica, Parede, Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NÃO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇAO DE BEM SERVIR COM SIMILARES

INFORMAÇÕES:

Lisboa — R. Conde Redondo, 53, 4.º, Esq.º — Tel. 47843 e 45843
Queluz — R. D. Maria I, 30 — Telefs. 952021 e 952022
Amadora — Reboleira — Tel. 933670

MORADIA EM CASCAIS

Av. Marechal Carmona, N.º 30

Vende-se, com 11 assoalhadas, sendo algumas excepcionalmente grandes, 5 roupeiros, 3 casas de banho, lavabo, 3 halls, grande cozinha, despensa, lavanderia, garagem, enormes varandas, jardim, vistas agradáveis. Área 1050 m2.

TRATA-SE NO LOCAL

●

MORADIAS NO ALTO DE PAÇO D'ARCOS

RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO

Compondo-se de r/c, 1.º andar e garagem, 10 casas assoalhadas, cozinha, lavabos, etc.

PREÇO 1.500 CONTOS

Em construção com acabamentos ao gosto dos interessados.

INFORMAÇÕES: **No próprio local ou nesta organização.**

AZULEJOS

Nacionais e Estrangeiros DESDE $60

Distribuidores exclusivos nos distritos de Lisboa e Setúbal dos azulejos Celena

BANHEIRAS DE FUNDIÇAO E CHAPA ESMALTADA

Grande quantidade de polibains de ferro fundido

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

PLÁSTICO PVC RIGIDO

Distribuidores exclusivos do material plástico PVC rígido, para revestimentos de paredes, tectos, divisórias para escritórios, portas extensíveis e planas e chapas de cobertura da Fábrica de Plásticos Valverde

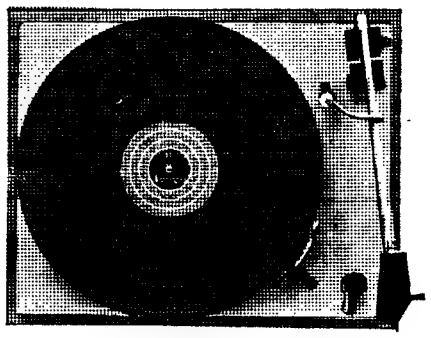
A BOA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

A maior gama de materiais de construção especialmente revestimentos, tintas, drogas, ferragens e ferramentas

●

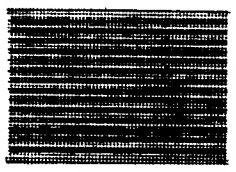
J. PIMENTA, LDA.

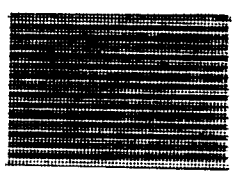
RUA D. MARIA I, 30 QUELUZ
PRAÇA PADRE EDUARDO FERREIRA DO AMARAL, 3-A AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)



LENCO LAB-52

SABE QUE PODE COMPRAR UMA CADEIA DE ALTA FIDELIDADE ESTEREOFÓNICA POR UM PREÇO ACESSÍVEL ?



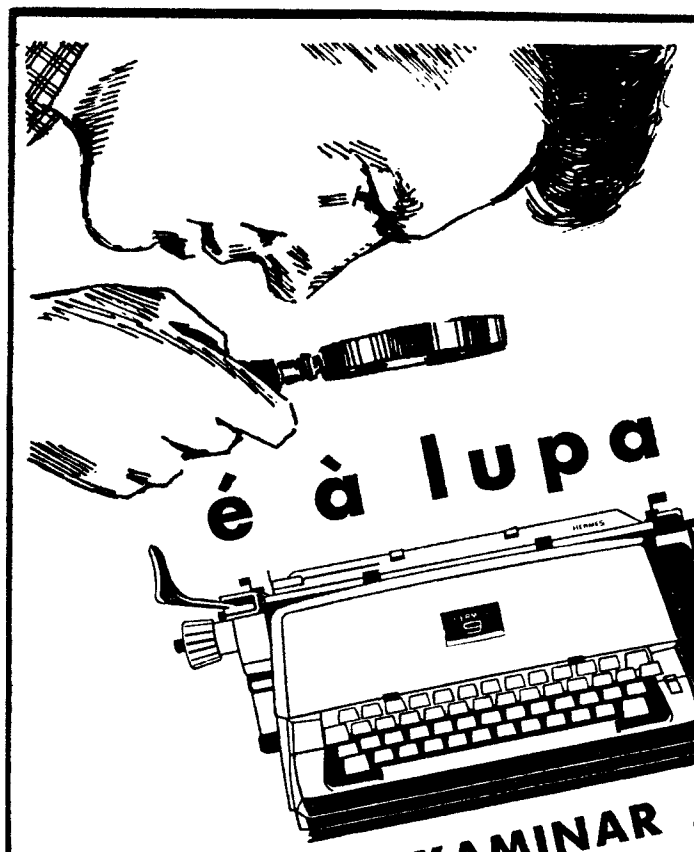


PEÇA UMA DEMONSTRAÇAO AOS

PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.



é à lupa

QUE SE DEVE EXAMINAR A PRIMOROSA CONSTRUÇÃO SUIÇA DA HERMES 9

(CARRETOS DE 33, 38 E 47 cm.)

A MÁQUINA QUE ESTÁ CAUSANDO SENSAÇÃO NO MUNDO COMERCIAL!

DISTRIBUIDORES:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S. A. R. L.

68, RUA DA PRATA, TEL. 36 15 45 — LISBOA
208, R. S.TO ANTÓNIO, TEL. 2 55 82 — PORTO
62, R. D. DIOGO SOUSA, TEL. 24979 — BRAGA

BAQUELITES E EBONITES

EM CHAPAS, TUBOS E VARÕES
CARTÃO HIDRAULICO DESDE 0,10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS
VENDE AOS MELHORES PREÇOS

SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 262-3.º — LISBOA — Telef. 36 61 87

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L. 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

A TÁCTICA DE LUÍS ABEL: assaltos nocturnos a casas isoladas com os locatários a dormir

Luís Sertfim Ribeiro, conhecido por «Luís Abel», de 37 anos de idade, casado, natural do lugar do Pó, Bombarral, e autodenominando-se negociante (o que não veio a ser provado), lançou o pânico nas populações ordeiras das Caldas da Rainha, Tornada, Vale de Maceira, Alfeizerão, S. Martinho do PPorto, Amoreiras de Óbidos, Lourinhã, Bombarral, Cadaval e Torres Vedras com uma série de assaltos a que a Polícia Judiciária pôs agora cobro.

Em informação distribuída aos jornais, esta Polícia explica que Luís Ribeiro «deu sobejas provas de gatuno audacioso e destemido, bem como de inegável perícia na prática dos crimes».

Eis como actuava o audaz, destemido e perito serrano do lugar do Pó: entrando, por escalamento ou com a utilização complementar de chave falsa, em moradias de bom aspecto, situadas sempre no extremo das povoações escolhidas preferindo as horas nocturnas (entre as 2 e as 3 da manhã) e as casas habitadas, especialmente os quartos dos locatários (com eles deitados); e interessando-se mais que tudo por dinheiro, ouro e relógios, sem esquecer uma revista aos bolsos.

Pormenor fútil

Foi «um pormenor aparentemente fútil e insignificante», não revelado pela P. J., que levou á detenção do estremenho. Este antigo emigrante na França e na Holanda, correu mêio mundo antes de ser deportado há tempos do Canadá.

Confessou dezassete roubos consumados (no valor de 100 contos) e cinco tentativas frustradas. Em alguns casos chegou a pretender atentar contra o pudor de locatárias das casas

O volumoso processo, já concluído, vai ser remetido, juntamente com o preso, ao Tribunal de Caldas da Rainha, sendo enviadas as necessárias peças processuais aos de Alcobaça, Lourinhã, Torres Vedras e de Lisboa.

UM MORTO NO CHOQUE DE UM AUTOMÓVEL COM UMA CAMIONETA

LEIRIA, 10 — Na subida de Almoinhos, na estrada da Figueira da Foz, próximo de Leiria, um automóvel conduzido pelo sr. João Rocha Cadete, de 30 anos, emigrante no Canadá, e a residir na sua terra de Seixo (Mira), indo fora da mão, embateu numa camioneta de passageiros da União Automóvel Leiriense Lda., conduzida pelo sr. Joaquim Santos Alfredo, de 59 anos, casado, residente em Porto de Mós. No veículo ligeiro seguiam, além do condutor, sua cunhada, sr.ª D. Dorcelina Domingos Almeida, de 39 anos, casada, os filhos desta, Maria de Almeida Cadete, de 17 anos e Vítor Manuel Almeida Cadete, de 19 anos, todos residentes em Seixo (Mira) e ainda o sr. Fernando Costa Birré, de 40 anos, agente comercial, residente em Porto de Mós. Todos os ocupantes do automóvel, excepto o condutor, ficaram internados no Hospital de Leiria para onde foram transportados, tendo a sr.ª D. Dorcelina Domingos Almeida falecido depois de ter dado entrada naquele estabelecimento hospitalar.

Policlínica do Intendente

TELEFONE 4 55 87

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — LISBOA

Dr. Abel Alves — Ouvidos, nariz e garganta; ás 14 horas.

Dr. Artur Fernandes — Doença dos olhos (2.ªs, 4.ªs e 6.ªs), ás 14 horas; (3.ªs e 5.ªs), ás 17.30 horas.

Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias; ás 17 horas.

Dr. Armando Valle — Análises clínicas, vacinas; ás 11 horas.

Dr. Benard Guedes — Raios X; ás 16 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues — Doenças nervosas e mentais (2.ªs, 4.ªs e 6.ªs); ás 16 horas.

Dr. Fernando de Castro Amaro — Medicina geral (3.ªs, 5.ªs e sábados); ás 14 horas

Dr. Formigal Luzes — Mecanoterapia, massagem, raios ultra-violetas, ginástica médica, diatermia; ás 13 horas.

Dr. J. Junqueira J.r — Doenças da boca e dentes; ás 17 horas.

Dr. Maia Mendonça — Doenças das crianças (2.ªs, 4.ªs e 6.ªs); ás 15 h

Dr. D. Pedro da Cunha — Partos, doenças das senhoras (3.ªs 5.ªs e Sábados), ás 15 horas.

Dr. Rui Branco — Clínica médica, doenças do coração, electrocardiogramas; ás 15 horas.

Dr. Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações; ás 14 horas.

Dr. Tito de Noronha — Pele e sífilis (2.ªs, 4.ªs e 6.ªs), ás 12 horas.

LOBOS AFOGADOS NA CAVA DE VIRIATO

VISEU, 10 — No poço da quinta do sr. Armando Moreira Fragata, chefe da Electrotecnia dos Serviços Municipalizados desta cidade, a qual se situa na parte posterior da Cava de Viriato, foram encontrados dois lobos afogados. Nesta altura do ano, o aparecimento das feras, causou estranheza, assim como a maneira como morreram.

«MÁRIO & CLÁUDIO, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 16 do corrente mês, lavrada de fls. 7 v.º a 9 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º B-339, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado, foi constituída uma sociedade comercial por quotas que ficou a reger-se pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «MÁRIO & CLÁUDIO, LIMITADA», fica tendo a sua sede no concelho de Oeiras, e o seu domicílio vai ser na Rua Comendador Álvaro Vilela, numero vinte e nove-A, em Tercena — Barcarena, tem por objecto o comércio de café vinhos, além de qualquer outro ramo de comércio ou industria que os sócios resolvam explorar e não dependa de autorização especial, e durará por tempo indeterminado desde hoje.

SEGUNDO — O capital social é de cinquenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, formado por duas quotas iguais de vinte e cinco mil escudos, de que pertence uma a cada um dos sócios José de Jesus Cláudio e Mário José Rodrigues Fernandes.

TERCEIRO — As cessões de quotas, no todo ou em parte entre sócios ficam livremente permitidas. A favor de estranhos ficam dependentes do expresso e prévio consentimento de quem mais for sócio.

QUARTO — A gerência da sociedade fica a cargo de ambos os sócios, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for convencionado, sendo necessárias as assinaturas dos dois sócios, em conjunto, para válidamente obrigar a sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Qualquer dos sócios pode delegar os seus poderes, no todo ou em parte, conferindo para o efeito a necessária procuração.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sociedade fica com a faculdade de constituir mandatários, conferindo-lhes nos respectivos mandatos os poderes que entender.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Aos gerentes fica expressamente proibido obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos e contratos de responsabilidade alheia.

QUINTO — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedência de quinze dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

///

Na parte omitida desta escritura nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione o que se transcreveu.

Está conforme. Lisboa, vinte e dois de Julho de mil novecentos e sessenta e oito.

O 3.º Ajudante,

José Fernando Pereira Pires

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Duarte de Jesus Rodrigues

Faleceu o sr. comendador Duarte Rodrigues, de 70 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Margarida Tinoco de Sá Furtado de Mendonça Rodrigues, pai do sr. arquitecto José Duarte Tinoco Rodrigues, casado com a sr.ª D. Maria de Luz de Castro Sá da Bandeira, irmão da sr.ª D. Leonor Maria Rodrigues. O extinto, que era condecorado com a comenda de Mérito Industrial e Agrícola, foi procurador á Câmara Corporativa, presidente da Junta Distrital das Casas do Povo de Viana do Castelo e do Grémio da Lavoura e, durante 35 anos, gerente do Banco Nacional Ultramarino em Viana do Castelo. O funeral a cargo da Agência Martins, realiza-se amanhã, pelas 6 horas, da Igreja das Mercês, onde se encontra depositado, seguindo o préstito fúnebre para o cemitério de Fontão, em Ponte de Lima.

FUNERAIS

Actor António Sacramento

António Sacramento

Numerosos artistas, escritores e outros intelectuais e amigos incorporaram-se, hoje, no funeral do actor António Sacramento, que saiu, ás 11 horas, da casa mortuária do Sanatório de Sant'Ana, na Parede, para o talhão dos artistas teatrais, no cemitério dos Prazeres em Lisboa.

António Sacramento, ontem falecido, com 86 anos, naquele sanatório (onde entrara há dias, por ter dado uma queda na sua residência do Murtal), foi actor consagrado, ensalador, autor e tradutor teatral. Como actor manteve-se em actividade, nos palcos, de 1905 a 1958. No entanto, continuou a trabalhar na Televisão, onde actuou pela ultima vez em 16 de Julho ultimo, na peça «O Carnaval da Vida», do prof. Jorge Tristão.

Sacramento nasceu em Lisboa, em 1 de Abril de 1882. Chegou a cursar Medicina, mas entrou para o teatro por acidente e nunca mais quis conhecer outra profissão. Estreou-se, em Outubro de 1905, no antigo Teatro Ginásio, na peça «O Comissário de Polícia», embora anteriormente já tivesse representado «A Pérola», de Marcelino Mesquita com Adelina Abranches. Como ensalador e encenador estreou-se, em 1914, em S. Paulo, com a peça «A Garota», de cujo elenco faziam parte, entre outros artistas, as actrizes Adelina e Aura Abranches.

Fez 15 digressões artísticas pelo Brasil, nove pelos Açores e Madeira e esteve um ano em Lourenço Marques.

Como tradutor, adaptou ao português as peças «João III», «Uma Bela Aventura», «Acabou-se o Amor», «Ela ou Diabo». Escreveu um acto em verso, «Uma Noite de Natal», e, também, «A Despedida». De colaboração com Bento Mântua publicou «O Cerco de Tânger» e «A Cigana».

Fez parte do elenco de vários filmes nacionais, como «Rosa do Adro», «O Costa do Castelo», «Capas Negras», «Serra Brava» «As Duas Causas» e «A Garça e a Serpente», e, no Brasil, nas películas «A Dama que Ri» e «A Canção do Berço»

Era um profissional que levava longe o seu brio. Em 1954, em Luanda, recebeu a maior ovação da sua carreira, ao actuar no palco, vindo directamente da cama do hospital daquela cidade, onde estava internado.

Era pai da sr.ª D. Ana do Sacramento, viúva e avô dos srs. Pedro e Gabriel do Sacramento Velasques.

SUFRÁGIOS

João Graciano de Jesus Gomes de Almendra
Coronel de Infantaria

Sua família manda celebrar missa do 7.º dia, pelo seu eterno descanso, no dia 11, ás 12 horas, na igreja de São João de Brito (Alvalade).

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis

Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 66 27 72 28 90 22

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

///

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75

LISBOA

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas.

SCHICK injector

nova arma para um barbear de precisão!

SCHICK injector *é o mais rápido e moderno processo de barbear e o melhor amigo da sua pele.* SCHICK injector *destina-se a homens como você. O seu desenho é novo, diferente, dinâmico. Uma lâmina especial de aço inoxidável, longa duração, um só gume, encaixa no lugar próprio e no ângulo exacto para um barbear de precisão — desliza pelo rosto com segurança, suave e silenciosamente. Resultado — um escanhoar perfeito!*

SCHICK injector

carrega-se como uma pistola automática.

Importadores: João Machado da Conceição & C.ª, L.da

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 10 de Outubro de 1938 publicava:

«MOSCOVO, 10 — As aviadoras Paulina Ossigenko, Girsa Doupoca e Marina Baskova bateram o «record» do mundo feminino de voo em distancia. Tendo partido de Moscovo num bimotor, aterraram perto da aldeia de Duki, a 170 quilómetros a noroeste de Komsomolsk, no rio Amor. A distancia do voo em linha recta é de 5947 quilómetros».

CURIOSIDADES

● Russo em dez dias

Na Universidade de Erlangen (Alemanha) realizou-se, há pouco com êxito absoluto, o primeiro curso intensivo de russo que durou apenas 10 dias. As bases e os métodos utilizados neste curso foram elaborados na Universidade Técnica de Hanover ef undam-se numa investigação conscienciosa do material vocabular por meio de computadores. Resultado: partindo de conhecimentos nulos sobre a língua russa, 38 estudantes ficaram a traduzir artigos da sua especialidade ou, pelo menos, a compreender perfeitomente o seu conteudo.

● Telefones para o Peru

Uma empresa espanhola vendeu já, este ano, vinte mil telefones para o Perú. Novo contrato agora assinado obriga aquela companhia espanhola a fabricar mais 14 mil telefones para aquele país sul-americano.

● A sociabilidade dos ratos

Um prisioneiro da Bastilha, o cavaleiro Satude, provou que os ratos são sociáveis. Com muita paciência, conseguiu domesticar alguns a ponto de se deixarem apanhar e de irem comer no mesmo prato de Satude. Esta perfeição levou o prisioneiro a desistir: a liberdade de comer no mesmo prato tornava-se-lhe incomodativa.

ANEDOTAS

Entre vizinhas:

— Ainda não fui capaz de distinguir os seus dois filhos gémeos, D. Aurora.

— Pois olhe que é muito simples. Um chama-se Antero e o outro Leonel.

●

A criada para o patrão, que está à espera do canalizador na cozinha inundada:

— Senhor Saraiva, a vizinha aqui do lado pede o favor de lhe afogar este ratinho.'

●

Na Faculdade de Medicina:

— Que género de erupções considera o senhor mais perigosas pela mortandade que possam causar?

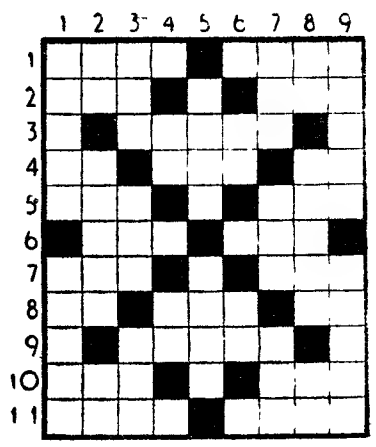
— As do Vesúvio.

— Fica na bicha.. Tu és apenas o noivo

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4965



HORIZONTAIS: 1 — Queima Esperteza 2 — Irmão do pai Artigo definido. Doença. 3 — Nome dum mês. 4 — Nota musical Saudável. Li 5 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Espaço de trinta dias. 6 — Pronome pessoal. Ribeira do distrito de Portalegre. 7 — Sete em romano. Passado. 8 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal Ecoa Preposição. 9 — Ilha do Mediterrâneo, entre a Sicília e a África. 10 — Gosta muito de. Bigorna de ourives. 11 — Enxuto. Cabelo.

VERTICAIS: 1 — Rei dos Hunos em 434. Sentinela (pl). 2 — Troça. Desmonta. Pronome pessoal. 3 — Dote natural. Genro de Maomé. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes escoceses e irlandeses. 4 — Campeão. Apelido 5 — Verbal Trago. 6 — Cobalto (s. q.). Abreviatura de átomo. 7 — Intimo. Reduz a pó. Preposição. 8 — Em o Tenro. O mais. 9 — Içais. Molesto.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4964

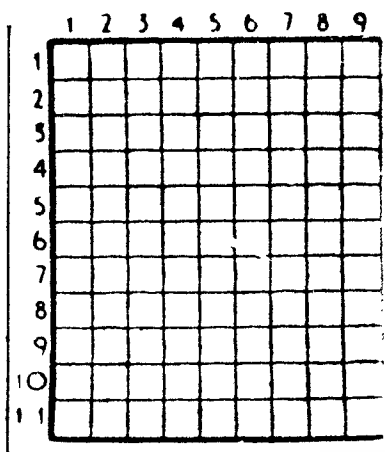
HORIZONTAIS: 1 — Toca. AMOR 2 — Ural. Rapa. 3 — Dra Asi 4 — Aer. Tal. 5 — Prevenira 6 — Te. Ag. 7 — Mad. COM. 8 — Aí Aba Op 9 — Moer. Rolo. 10 — Om Ina Go 11 — Raba. Rera.

VERTICAIS: 1 — Tu. Apa. AMOR. 2 — Arder. Mioma 3 — Carreto 4 — Ala. Vedoria. 5 — SE 6 — Ara. Nacarar. 7 — Mastigo 8 — Opiar. Molar. 9 — Rã. Lãs. PAGA.

Provérbio: AMOR COM AMOR SE PAGA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N. 8809



HORIZONTAIS: 1 — Moeda italiana Em mais alto grau. 2 — Artigo indefinido Rei da Boviera que atacado de loucura foi enclausurado no Castelo de Fustenried 3 — Modelo pelo qual se talha alguma coisa. 4 — Esteiro Abreviatura de idem. 5 — Moeda de oiro. Ave pernalta. 6 — Trame. Içar 7 — O mesmo que três. Agita. 8 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Capa sem mangas 9 — Venera. 10 — Solucara. Amónio (s. q.). 11 — Camareiras. Brame.

VERTICAIS: 1 — Nome dum planeta Cidade do Estado de S. Paulo. 2 — Prefixo de negação. Corda de esparto. Nota musical. 3 — Caminhai. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 4 — Acuda. Vazias. 5 — Cinza Mamífero desdentado espécie de tatu. 6 — Uso geral. Abaixem. 7 — Preposição. Pronome pessoal. 8 — Segula Magnetiza (um corpo) Prata (s. q.). 9 — Investigara. Goste muito de

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8808

HORIZONTAIS: 1 — Nelas. Tal 2 — In. Faca. 3 — Pia. Lemas. 4 — Ta. Miras. 5 — Câmaras 6 — Na. Ni. Ale. 7 — Ofegar. Aí. 8 — Icar. Ida 9 — Anos. Amor. 10 — Dás. Rio. 11 — Ar. Passam

VERTICAIS: 1 — Neptuno. Ada. 2 — Ia. Afinar. 3 — Lia. Ecos. 4 — An Mangas. 5 — Limiar Rã. 6 — Fera Ais. 7 — Tâmara. Imos. 8 — Acasalado 9 — Lãs. Selaram.

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

.....

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para **Preços de Troca**

consulte a TABELA AUTOSIL

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B
telef. 661583-LISBOA

largo do Mercado, 38
telef. 242 14 — FARO

AUTOSIL

rua D. João IV, 643 a 656
telef. 235 66 - PORTO

rua Nuno Velho Pereira
SANTARÉM

FERRAMENTAS ELÉCTRICAS PORTÁTEIS RUPES (MILÃO) O QUE HÁ DE MELHOR E MAIS ECONÓMICO

Distribuidores:
H. CABRAL & SARZEDAS, L.DA
LISBOA — AV. DO BRASIL, 41-B
PORTO — RUA DA ALEGRIA, 294

REBARBADORAS MONOFÁSICAS E TRIFÁSICAS, BERBEQUINS, RECTIFICADORAS DE FÓRMICA, LIXADEIRAS, ELECTRO-SOPRADORAS, ETC., ETC.

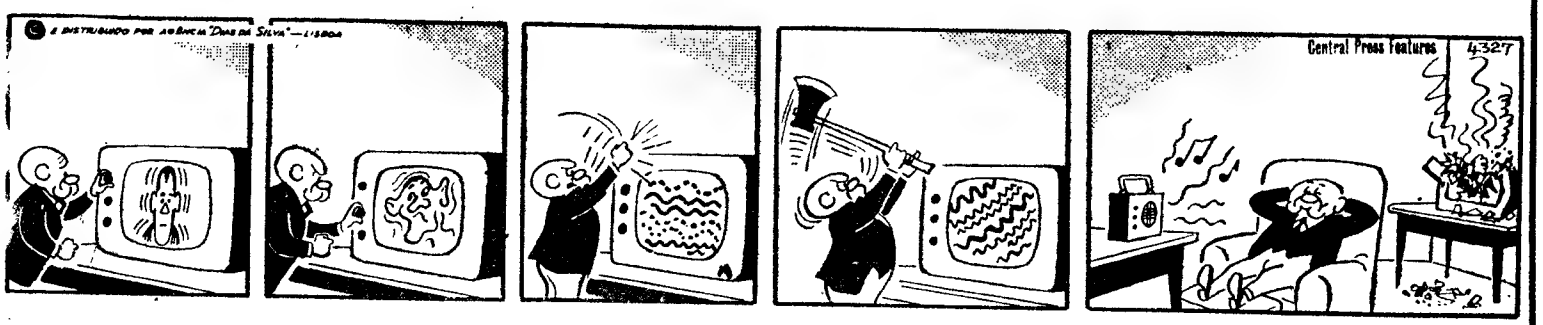
ÁFRICA PORTUGUESA

ESTAMPARIA

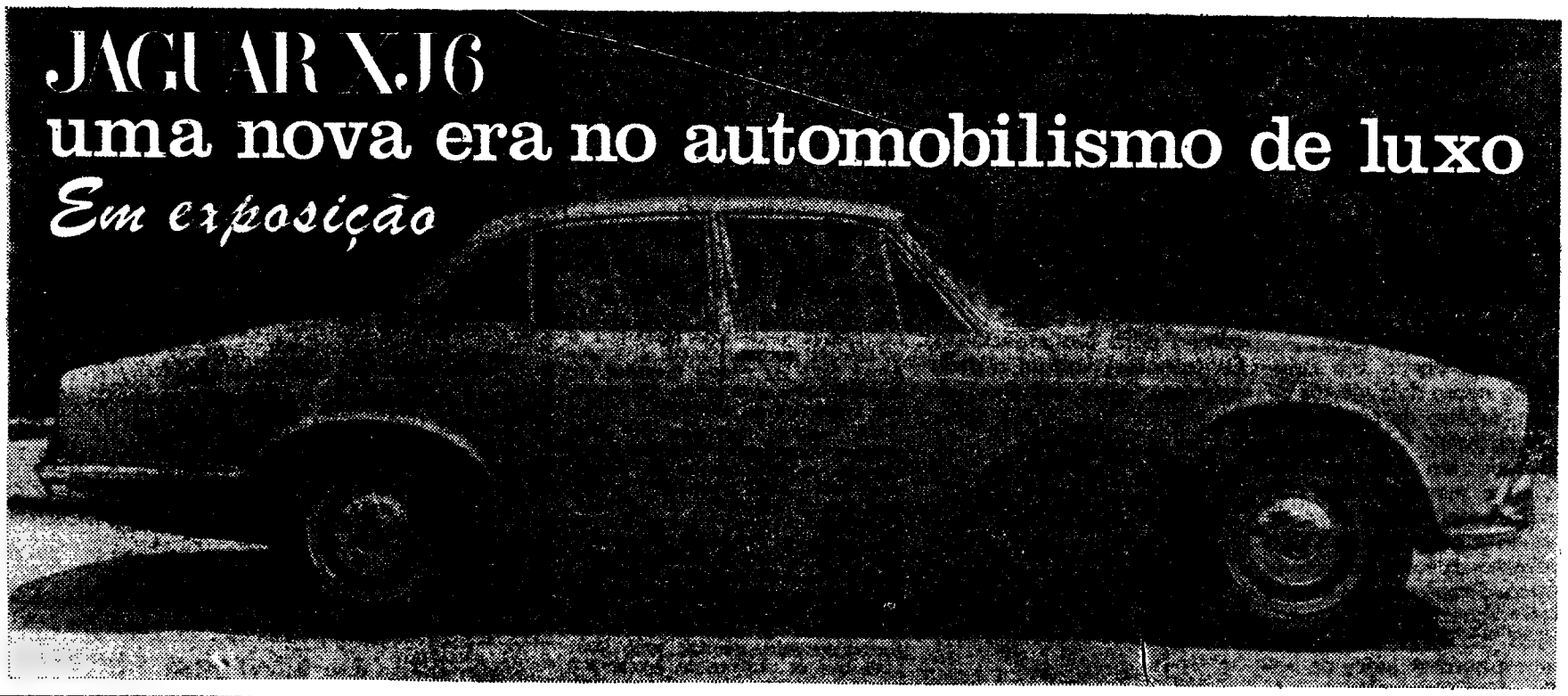
Orientador de desenho e estamparia, com muito gosto e muita prática, oferece-se. Carta a este jornal ao n.º 410.

T.V.
SCHAUB LORENZ
RÁDIO

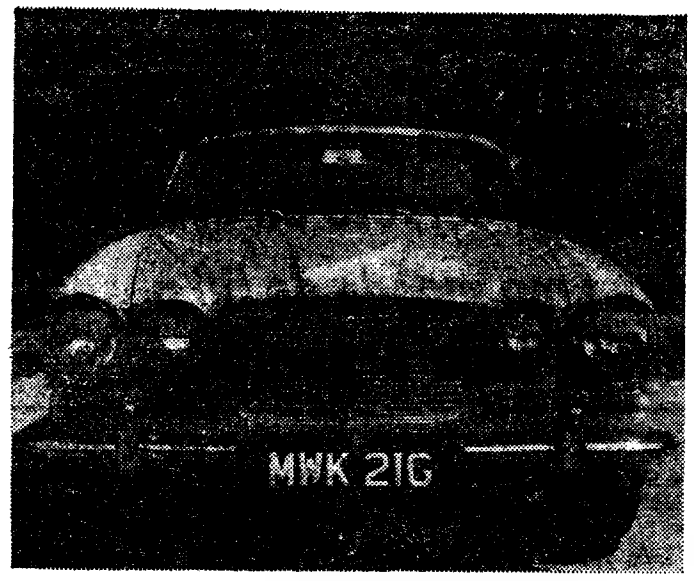
AVENTURAS DO TIO CARLOS

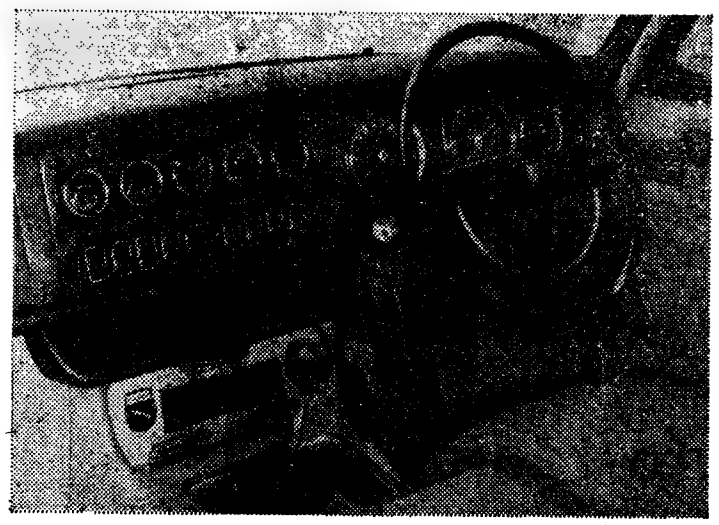


JAGUAR XJ6
uma nova era no automobilismo de luxo
Em exposição



Há quatro anos a Direcção da Jaguar enviou aos engenheiros do seu Departamento de Estudos, a seguinte nota: «Estudar um carro que impusesse novas normas de conforto e de luxo, de condução e de estabilidade, de viragem e de travagem, de rendimento e de segurança — o todo englobado num mesmo carro — para ser vendido dentro dos limites de preços habituais e que são tradição da Jaguar».
A Jaguar anuncia agora a apresentação do novo modelo XJ6, em duas versões: com motor de 2.8 litros e de 4.2 litros.
Convidamos V. Ex.ª a vir verificar pessoalmente que o XJ6 corresponde inteiramente às exigências acima descritas. Observe o seu tejadilho baixo e comprido, a sua carroceria em aço, que foi objecto dum tratamento especial anti-corrosivo, a sua pintura com sete camadas de tinta e seca por três vezes em estufa. Existe uma gama completa de cores à sua escolha.
Entre depois no carro. Sob os seus pés uma carpete espessa que assenta numa grossa camada de feltro. Os ruídos da estrada, já consideràvelmente amortecidos por uma concepção técnica cuidada, foram completamente absorvidos.
O assento sobre o qual toma lugar, foi calculado de forma a não o incomodar. Regule-o, e ajuste também as costas que são completamente reclináveis. Regule igualmente a coluna da direcção. Regule ainda os comandos da temperatura interior com o novo sistema de ventilação.
O seu conforto será total. Olhe agora em volta. A visibilidade em todas as direcções é pràticamente ilimitada.
Ligue a ignição e olhe para o conta-rotações, é a maneira mais segura de saber se o motor está ou não a trabalhar. Como a carroceria foi insonorizada de ponta a ponta, e os dois tubos de escape munidos de silenciosos duplos, dificilmente se ouve o ruído do motor. Além disso, como o motor se encontra duplamente isolado, em razão da sua montagem sobre blocos de borracha sobre uma das travessas da suspensão, que por sua vez, também é ligada por apoios de borracha à carroceria, não lhe será possível sentir o trabalhar do motor.
Com dois ou três pedais? O XJ6 oferece-lhe a escolha: caixa de 4 velocidades totalmente sincronizadas (com overdrive se o desejar) ou caixa inteiramente automática. Os travões de disco às quatro rodas são servo-assistidos.





Verifique, conforme vai andando, como a direcção é suave e precisa. Aparece um obstáculo pela frente? Trave a fundo e descubra uma das características que maior confiança lhe darão no XJ6. A paragem é rápida, mas o carro não baixa a frente sob o esforço da travagem. Deve-se este facto, à geometria da suspensão dianteira, especialmente estudada para contrariar o efeito de abaixamento sob travagem, o que assegura uma estabilidade extrema.
Ande à vontade numa estrada que conheça bem. As subidas parecem menos pronunciadas, as curvas menos apertadas, o pavimento melhor... e o caminho mais curto. O XJ6 reduziu-lhes a escala, e isso por diversas razões: a potência dum motor de 6 cilindros, de dupla árvore de cames à cabeça, criado para competição e que alia à flexibilidade e rendimento, uma estabilidade conseguida pela largura da via e suspensão totalmente independente. Pelos pneumáticos, especialmente estudados pela DUNLOP para resolver os problmas inerentes às possibilidade de tomar curvas muito apertadas com uma margem de segurança sem precedentes, sobretudo devido à largura do seu piso.
A precisão da direcção por carreto e cremalheira, elimina as curvas da estrada. A suspensão totalmente independente torna-a mais suave. Estabilidade, travagem, aceleração, viragem, pneumáticos e conforto, são as características que contribuem globalmente a elevar o índice de segurança a um nível jamais atingido.
Uma última pergunta: O que se passará em caso de acidente?
Esta pergunta não pode ser iludida e a Jaguar abordou-a sob todos os aspectos. No interior: botões, fechos das portas, e interruptores são todos embutidos, as palas contra o sol são flexíveis, o quadro dos instrumentos tem uma cercadura acolchoada para absorver qualquer pancada, as fechaduras não abrem com choques, a coluna da direcção é articulada e telescópica, à prova de choque. Na carroceria, os depósitos de carburante estão alojados em compartimentos separados. Se o motor recuar por força duma colisão frontal, a sua trajectória afasta-o do compartimento dos passageiros.
As secções dianteiras e traseiras do carro são extremamente resistentes, mas não tanto como a parte onde se transportam os passageiros, de forma que, em caso de colisão, as extremidades absorvem a energia do choque esmagando-se, antes da secção central ser atingida.
Mas as palavras não chegam se quisermos verdadeiramente prestar homenagem aos trabalhos realizados durante quatro anos, e um exame detalhado do XJ6 impõe-se. Esperamos a visita de V. Ex.ª e teremos o maior prazer em o receber.

JAGUAR XJ6

Em exposição até às 24 horas nos

Distribuidores Gerais: A. MARTINS E ALMEIDA, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23 — Lisboa

e nos

Sub-Agentes no Norte: VECAR, LDA.
Rua da Constituição, 345 — Porto

DESPORTO

A ACADÉMICA... ELIMINADA POR SORTEIO

É TÃO FEIO JOGAR A DINHEIRO...

A vitória da Académica (1-0) anulou a derrota de Lyon (0-1). Mas uma moeda de 50 pesetas deitou tudo a perder...

MÁRIO ZAMBUJAL comenta

— A moeda foi esta...

O senhor Bueno, um espanhol de quase dois metros de altura, árbitro do empolgante Académica-Lyon ontem disputado em Coimbra estendeu a manapula em que reluzia uma moeda nova de cinquenta pesetas. Não, não estávamos a falar de numismática. Simplesmente com o voltear caprichoso de uma moeda também já se ganham e perdem jogos de bola. E ontem, ao cabo de três horas e meia de aceso despique, foi uma moeda que venceu a Académica, uma moeda que abriu ao Olimpyque de Lyon o caminho para prosseguir na Taça das Feiras

Três vezes, aliás, a moeda nova de cinquenta pesetas foi lançada em veredicto da fortuna.

Primeira vez: escolha de campos. Os franceses pediram «caras». Lá ficou, voltada, para cima, a face do Generalíssimo Franco.

Segunda vez: escolha de campo para prolongamento. Os franceses voltam a pedir «caras». Outra vez o escudo colado à relva ficando à vista a face do Generalíssimo.

Terceiro decisivo e emocionante lançamento da moeda: para conhecer o «vencedor» da eliminatória. Os franceses insistem em «caras». o Generalíssimo insiste em ficar voltado para cima.

O Lyon tinha ganho a eliminatória.

A Académica terminara a sua participação na prova europeia.

Entretanto, a bola, o instrumento do futebol estava para ali abandonada e inútil. Era como se as duas equipas já não estivessem no Estádio. Tinham passado para o Casino...

Foi um belo espectáculo de futebol, tão bom, tão bom, que não merecia este anedótico mas regulamentar epílogo. Durante duas horas o duelo empolgou a multidão que enchia as bancadas do «Municipal» de Coimbra, vivendo intensamente esse choque de ambições levado à superação dos limites da resistência. E durante essas duas horas a equipa da Académica, notòriamente menos dotada no capítulo atlético,terá surpreendido até os seus adeptos pelo *milagrezinho* de suportar um ritmo de jogo alucinante quando já era evidente o desgaste físico dos robustos jogadores gauleses.

Nem sempre, esclareça-se, essa generosa aplicação foi servida pela menhor esplanação de futebol. Nem o podia ser. Verdadeiramente só na primeira meia hora e, depois, em breves espaçados períodos, os estudantes lograram meter no mesmo saco a velocidade ambiciosa e o futebol sereno, hábil e inteligente feito de passes medidos, de desmarcações oportunas, de pequenos requintes de execução.

Nos outros capítulos do jogo avultou o esforço. Também nesse aspecto os futebolistas da Académica mostraram nada ter a aprender com os jogadores do Lyon.

O duelo não teve tréguas. A equipa francesa, forte no interpretação de um futebol de bom «association» e atlèticamente possante, também ameaçou algumas vezes a baliza dos portugueses. Mas o prolongamento a segunda parte do prolongamento, quando tudo indicava que os rapazes da Académica iam tombar vencidos pelo seu próprio esforço, foram os franceses que se viram encurralados no seu meio-campo a defender com desespero ...a «chance» de um apuramento por sorteio.

Viu, depois que tinham razão. O que não haviam conseguido os seus

(Continua na página seguinte)

Quatro jogadores do Lyon barram a fugaz tentativa de Manuel António

Inauguração das instalações de diversas Federações desportivas

O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Elmano Alves, preside esta tarde, às 18 e 30 horas, ao acto inaugural das instalações onde vão funcionar as Federações de Andebol, Basquetebol, Hóquei em Campo, Râguebi e Voleibol, na Rua Sociedade Farmacêutica, 56, 2.º.

BÉLGICA E SUÉCIA VENCERAM JOGOS PARA O «MUNDIAL»

Começa a desenvolver-se o Campeonato Mundial de Futebol, que, nas suas fases iniciais, qualifica para o México, onde, em 1970, se vão desenrolar os jogos decisivos.

Ontem, em Waregen, a Bélgica venceu a Finlândia, por 6-1. Por seu lado, em Estocolmo, a Suécia «cilindrou» a Noruega com cinco tentos sem resposta.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Sanjoanense-Braga	1
Leixões-Belenenses	1
Varzim-Benfica	X
Atlético-Porto	X
Sporting-Académica	1
Guimarães-CUF	X
Famalicão-Boavista	X
Beira Mar-A. Viseu	1
Penafiel-Espinho	1
Tramagal-Tirsense	1
Lusitano-Peniche	X
Montijo-Portimonense	X
Oriental-Sintrense	1

Leia a Revista PALPITE e aumente as probabilidades de ser totalista no Totobola.

O MOMENTO DO SPORTING

PORTO, 10 — Na sua edição de hoje, «Norte Desportivo» aprecia o problema da equipa do Sporting inserindo um artigo de Vasco Resende e uma declaração do dr. Pereira da Silva, além de outro noticiário sobre a crise da equipa «leonina».

Bendix

auto-rádios

especialmente concebidos para os modelos VOLKSWAGEN

A mais moderna técnica em auto-rádios ao serviço da alta qualidade BENDIX

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L.

FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROISMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARAES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (AVENIDA PADRE MANUEL DA NÓBREGA — RUA ESCOLA POLITECNICA), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACEM, SANTO TIRSO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU.

DESPORTO

TAÇA DAS CIDADES COM FEIRA — EM BELFAST: LINFIELD, 1-V. SETÚBAL, 3

Um VITÓRIA brilhantíssimo pulverizou o tímido LINFIELD

BELFAST, 10 — Foi extraordinária, verdadeiramente empolgante, a actuação do clube português Vitória de Setúbal que esta noite, sem apelo nem agravo, derrotou (novamente) o Linfield para a «Taça das Cidades com Feira». Em Lisboa: 3-0. Em Belfast: 3-1. Passagem concludente a nova «ronda» do importante torneio europeu.

A partida desta segunda «mão» disputou-se em Windsor Park, sob arbitragem do inglês Burtenshaw. As equipas alinharam do modo como indicamos:

LINFIELD — McGonigal; Gilliland, Hafton, Bower e Patterson; Andrews, Scott e Hamilton; Coulter (depois Ferguson), Pavis e Catheart.

V. SETÚBAL — Vital; Conceição, Cardoso, Herculano e Carriço; Vítor Baptista, José Maria e Wagner (depois Tomé); Arcanjo, Figueiredo e Jacinto João

Logo aos dois minutos, o Vitória abriu o activo. A bola veio da extrema-direita, passou por entre um «cacho» de jogadores e foi pontapeada, á meia-volta, por FIGUEIREDO.

Com esta vantagem, os portugueses ficaram absolutamente senhores da situação. O Linfield remeteu-se a um conformismo que apenas tinha maior vivacidade em esporádicos contra-ataques conduzidos por Scott ou Hamilton, que esbarravam na bem organizada defesa do Setubal.

Ainda antes da meia hora o marcador funcionou por mais duas vezes, a primeira por intermédio de VÍTOR BAPTISTA e, pouco depois, em remate certeiro do azougado SCOTT. O tento de Baptista foi logrado na sequência de um arranque de Wagner: o médio-direito setubalense aplicou-se com tal generosidade ao lance que ficou «tocado». Por seu lado, o golo de Scott derivou, exactamente, do sábio aproveitamento de um contra-ataque. O guarda-redes do grupo português (Vital) saiu do seu reduto e ainda tocou a bola mas sem conseguir afastá-la do rumo da baliza.

Exactamente quando o ponteiro marcava meia hora de jogo, o negrinho da extrema-esquerda setubalense espalhou o panico na grande-área do Linfield. A oposição de Andrews foi feita em falta, «cobrada» exactamente pelo mesmo dianteiro (Jacinto João). A bola chegaria ás mãos de McGonigal se não fora uma fulgurante entrada de cabeça do pequeno e buliçoso ARCANJO, que colou o esférico ao fundo das malhas. Estava feito o resultado final: Linfield, 1-Vitória de Setubal, 3.

• Comentário de LESLIE MANNION

• Triunfo sem reticências

O êxito do grupo português podia ser mais amplo, uma vez que Wagner não conseguiu converter um «penalty», por derrube de Andrews ao «diabólico» Jacinto João. Mas a expressão final do marcador elucida bem quanto á capacidade técnica do Vitória setubalense, indiscutívelmente uma das melhores equipas que até hoje se exibiram em Windsor Park. Pois se os portugueses ainda viram remates do possante Figueiredo e do tecnicista Tomé embaterem fragorosamente na madeira da baliza de McGonigal...

Foi quase absoluto o domínio dos portugueses, que sómente tiveram um breve período de desnorte (ou de repouso) quando principiou a segunda parte desta excelente jornada de futebol.

O Vitória ganhou o jogo a meio-campo: uma linha harmónica (que incluia Vítor Baptista, José Maria e Wagner) tão depressa surgia a apoiar a defesa como a imiscuir-se no sinal atacante. Nota, sobretudo de todo o realce para Wagner, simplesmente portentoso no toque de bola e no endosso, na finta como na imaginativa.

Outro grande elemento do Vitória: Arcanjo. «Esteve» nos três golos da sua turma e foi sempre um perigo directo para a rede do Linfield. O mesmo se pode acrescentar em relação a Figueiredo e Jacinto João: o primeiro é um dianteiro poderoso, que não desiste com facilidade do «objectivo golo»; o negro da extrema-esquerda é desconcertante, valendo-se do seu espantoso poder de «drible» para desbaratar a enérgica defesa de Belfast.

A equipa irlandesa jogou aquilo que o adversário consentiu. Aqui e além, ainda que sem propósito de molestar, foi um pouco «dura»: era como que a revelação de impotência para resistir ao assédo de um grupo com técnica superior.

Pode também acrescentar-se que a arbitragem foi superior. Inexcedível. Sem quebrar para o lado do clamor público, que, especialmente no período inicial da partida, apoiava incessantemente um Linfield ainda a imaginar uma reviravolta. Que nunca chegaria.

A «DERROTA» DA ACADÉMICA

(Continuação da página anterior)

bons jogadores, oferecia-se-lhes sùbitamente, graças á «preferência» de uma moeda de cinquenta pesetas. De «caras» ...

Quando tudo aquilo acabou — o jogo de futebol e o seu decisivo suplemento (porquê a moeda e não à «sueca» ou ao «sete e meio»?...) — quando tudo acabou, dizíamos, vários foram os jogadores da Académica que não se contiveram e choraram convulsivamente. Compreendamos o seu desespero pela forma insólita como viram anulado todo o imenso esforço, cujo único fruto foi a inútil e esquecediça demonstração de que eram eles quem formavam a melhor das duas equipas em luta.

De mistura com esse desalento, expressavam no entanto os jogadores escolares uma bem legítima satisfação pela maneira extremamente digna e briosa como se bateram e porque, ao fim e ao cabo, deixam a prova devido a uma fantasia regulamentar que nada tem a ver com o futebol.

Iguais no espírito combativo, os jogadores de Coimbra tiveram entre eles, porém, figuras de especial relevo. Caso dos irmãos Campos: Vítor foi o grande impulsionador da equipa para a sua bela exibição na meia hora inicial; Mário, que entrou por volta da meia hora da segunda parte (saindo Belo e passando Gervásio para defesa direito) foi o sangue novo que transmitiu à equipa uma nova vivacidade. Belo, *um ensaio* a defesa lateral mostrou que pode continuar em cena, também neste ponto. Curado também esteve bem no flanco contrário.

Rocha que jogou quase sempre como extremo «à antiga» muito junto à linha, teve jogadas de grande mérito e *uma duração* que talvez não se esperasse em jogo tão longo e disputado. Vieira Nunes, «senhor» da grande área foi bem acompanhado por Rui Rodrigues, embora este sem a autoridade e a presença dominadora dos seus melhores períodos.

O guarda-redes Viegas teve um «serão» relativamente descansado, em contraste com o seu émulo francês, o excelente Chaveau. E essa larguíssima diferença na actividade dos defensores das balizas marca claramente a supremacia portuguesa, que bem justificava o triunfo na eliminatória. Por golos...

Dos outros jogadores da Académica, refira-se que Peres terá ficado um pouco aquém do nível apontado às suas últimas actuações, mas a verdade é que sobre ele recaiu constante e apertada vigilância dos gauleses. Artur Jorge e Manuel António bateram-se estoicamente na zona mais povoada da defensiva contrária: um «polícia» para cada um e depois, ainda, um atlético e eficiente «líbero».

Há sorteios que dão automóveis, outros que atribuem viagens, outros ainda que conferem «taludas» de lotaria. Este, no «Municipal» de Coimbra contentou o beneficiado com um triunfo na primeira eliminatória da Taça das Feiras. Triunfos como este, aliás, já não são novidade para a afortunada equipa do Lyon.

Tomando por base a partida de ontem cremos evidente que o prémio não tocou ao grupo que o merecia, aliás sem necessidade deste episódio de *quermesse* Na verdade, porém, o Lyon é uma boa equipa de futebol possuidora de um estilo dinâmico que não exclui a boa capacidade técnica, particularmente notória em Maison, Perrin, Guy e Rambert. O grande jogador da equipa francesa foi o guarda-redes Chaveau, de uma segurança e elasticidade verdadeiramente invulgares.

Como quase todas as formações do actual futebol francês o Lyon adoptou o «cattenácio» que na primeira parte desempenhou com ligeireza e eficiência para no segundo tempo cair numa fixidez posicional muito próxima do velho «ferrolho» de Rappan.

O jogo foi duro, ao habitual figurino das competições europeias. Ainda ameaçou aquecer excessivamente mas o receio não se confirmou e, no final, houve abraços entre portugueses e franceses Antes assim...

Aliás, o árbitro espanhol mostrou-se inteiramente de acordo com o estilo atlético do jogo, num critério usado nas provas internacionais. O senhor Bueno mostrou saber do «ofício». Mas bueno, bueno... não foi: para além de outros lapsos de menor expressão ficou por marcar uma grande penalidade contra o Lyon, quando Chaveau se lançou deliberadamente sobre as pernas de Artur Jorge, que perseguia a bola.

Enfim, a Académica foi a segunda equipa portuguesa eliminada nas provas europeias que decorrem. Depois do Leixões, afastado por uma alínea do regulamento (os golos fora que valem a dobrar) foi a vez dos estudantes, que saiem da competição porque não pediram «caras».

Paciência — é o regulamento. O que não parece é que regule muito bem.

Jogo no Estádio Municipal de Coimbra. Árbitro: Adolfo Bueno (Espanha). Equipas:

ACADÉMICA — Viegas; Belo, Rui Rodrigues, Vieira Nunes e Curado; Gervásio e Vítor Campos; Rocha («capitão»), Manuel António, Artur Jorge e Peres.

LYON — Chaveau; Glicinski, Desgeorges, Flohing, Nouzaret e Perrin; Maison e Felix; Lekkak, Guy e Rambert.

Ao intervalo: 0-0.

Aos 14 minutos Felix foi substituído por Lhomme e aos 27 minutos Belo saiu, ocupando Gervásio a sua posição, e entrando Mário Campos para o meio-campo.

Aos 76 minutos Manuel António obteve o único golo da partida.

PEIXE

CONSELHOS SOBRE O PEIXE CONGELADO

Acabam de chegar dos mares da África do Sul grandes quantidades de pescada congelada que são vendidas ao publico, em todas as mercearias e peixarias do País, aos seguintes preços:

	Preço por kg
Até 500 g	12$00
De 500 a 800 g	14$00
De 800 a 1,5 kg	16$00
De 1.5 a 2.4 kg	16$50
Postas	16$00

OS COMERCIANTES INTERESSADOS NA VENDA AO PÚBLICO DESTE PEIXE CONGELADO DEVEM DIRIGIR OS SEUS PEDIDOS AO

EM LISBOA:
Travessa da Saude, N.º 2
Telef. 613301 (10 linhas)
EM MATOSINHOS:
Rua Heróis de França — Telef. 932015

SAPP

SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAÍS

Uma moeda desbaratou três hores e meia de esforço...

Mais resultados da «Taça das Feiras»

A «Taça das Cidades com Feira» teve ontem uma jornada de particular interesse, com jogos em diversos estádios europeus.

Para além dos resultados registados em Belfast e Coimbra, verificaram-se mais os seguintes epilogos:

Panathinaikos, 2-Daring, 0
Odense, 0-Hannover, 1
München, 2-Legia, 3
Juventus, 2-Lausana, 0

Transitaram para a eliminatória imediata, Juventus, Panathinaikos, Hannover e o Legia (de Varsóvia).

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
Cursos: BASICO, NORMAL, ACELERADO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CÚRSOS — OUTUBRO

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUÍMEDES
Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380

CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

BOLETIM DO DIA

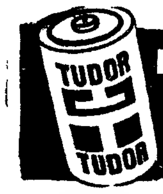
DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

PROGRAMA DA TV

Às 9: Curso de Orientação de Monitores da Telescola 9 e 30 Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica 20 e 5: Vamos Dormir; 20 e 25: TV Mundo — «Depressa Mais Depressa ..», programa realizado com a participação dos atletas Roger Banuister, Emile Zatopek, Ron Clark, John Hines Dan Schalander e Edy Ottoz, 2 e 0: Vamos Jogar no Totobola 2 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico: 2 e 55: Noite de Cinema — «O Último Hurrah». com Spence Tracy, Jeffrey Hunter Dianne Foster, Pat O Brier e Basil Rathsbone. 23 e 55 Actualidade Desportiva — «Taça das Cidades com Feira»: «Académica-Lyon» 0 e 0. Telejornal Meditação e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 9: Abertura — Curso de Orientação de Monitores da Telescola, 9 e 30: Telejorna — edição; '9 e 50: Quarto dos Brinquedos: 20 e 20: Um filme infantil e vamos dormir: 20 e 30: Programa feminino 20 e 40. Tempo de Poesia — «Mensagem», de Fernando Pessoa; 20 e 55: Cartaz TV — Os programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; 2 e 30 Telejorna — 2.ª edição; 2 e 55: Série do Oeste — «High Chaparral»; 22 e 55: Eurovisão — Concerto Promenade 23 e 45: Telejornal—3.ª edição; 23 e 50: Meditação e Fecho



TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 — Às 6: Noticiário; 6 e 05: Luz no horizonte 6 e 30: Que quer ouvir?, 7: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 7 e 25: A orquestra de..., 7 e 35: Do Choupal até à Lapa; 8 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu de Judite Navarro; 8 e 40: Musica e sonho; 9 e '0: Rádio Universidade 9 e 50. A Orquestra Herbert Rehbein; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas Ligeiros: 20 e 39: 29.º episódio do folhetim «Dois Caminhos»; 21: Jorna de Actualidades; 21 e 30: O clarinetista Claude Luter, 21 e 40: Festival 68, 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Goes; 22 e 5': Musica ligeira; 23 e 05 Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6 e 07: Musica de ... o e 30: A ópera em três actos «A Arlesiana»; 18 e 05: Musica do século XX. '9: Horizonte, semanário de Letras e Artes; '9 e 30: Folclore português — Musica regional da Beira Alta recolhida por Artur Santos; 9 e 45: O pianista Walter Gieseking. 20 Diário sonoro 20 e 20: Musica instrumental: 20 e 30: Stabat Mater op 53 (Szimanowski) 2': Concerto pela Academia de instrumentistas de Camara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 2' e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 2 e 50: Sonata em si menor (Liszt): 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23. A voz do Ocidente; e '5: Fecho

3. Programa (cultura em M... — 94,3 mc/s — Às 23 Musica de piano: 23 e 30: Musica francesa, 0: Musica sinfónica; . Fecho

RÁDIO CLUBE — 290, 3 m — 034 kc/s — Às 6: Programa C D C 8 Ela e o seu mundo 8 e 5: Canções ao acaso. 8 e 30: Lisboa à tarde 9 e 5: No mundo aconteceu. 9 e 30: Rádiojornal; 20 e 5 Conjuntos vocais 20 e 30: Jornal dos espectáculos 2 e 45: Tempo de ritmo 2 e 03 Diapasão 21 e 32: Impacto 22 e 30. Quando o telefone toca 23 e 03 Grande roda. 0 e 02: «P B X.» 2: Contacto 3 e 02: A noite é nossa 6 e 02. Diário rural 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 6 e 04: Clube das donas de casa 7 e 57: O nosso programa; 9 e 04: Em órbita: 20 e 52. Boa noite em FM 22 e 02: Programa à Gô-Gô 0 e 02: Alta Fidelidade Philips: = 03: Banda Sonora; 2: FM-67 4 Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 6: Programa C D C.; '8: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo '8 e 45: «Matinée» teatral, '9 e 03: Miscelanea; 9 e 7 Ela 9 e 30: Robbialac; 9 e 45: Crónica feminina; 20 e 05 Rádio Placard: 20 e 20: Norte dia a dia; 2 e 02 Orquestra; 21 e '5: Só-Rádio, 2' e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som: 22 e 30: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 33,2 m — '286 kc/s — Às 6: Radiorama 8: fim de tarde com melodias 8 e 20: Boletim religioso; '8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 9 e 05: Musica seleccionada; '9 e 25: Leitura do programa e boletim do S C R 9 e 30: Página ; 20 e 40: Os nossos artistas. 20 e 55: Meditando 2': Variedades; 21 e 30: Fados de Coimbra 2' e 45: Ritmos em selecção; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30. Pentagrama; 22 e 45: Clássicos da canção. 23 A 23' hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 69 kc/s — Às 6: Radiorama 8: uma orquestra; 8 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa 9 e 05. Musica seleccionada 9 e 30 Página um: 20 e 55: Meditando 2: Mosaico: 2 e 30: Chamadas musicais: 22 A musica é boa companhia 23: A 23 hora 2 Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA— Onda média — 88 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das '2 às 4 e 30 **Rádio Voz de Lisboa** — Das 0 às 2 e das 9 e 30 às 22: **Clube Radiofónico de Portugal** Das 8 às 0 e das 22 às . **Rádio Graça** — Das 4 e 30 às 9 e 30

Serviços urgentes

Telefones

ÁGUA GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla 535521 ✲ Gazcidla (dom e feriados) 382069
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✲ Voluntarios 538524
TRANSPORTES — Aeroporto 72110 ✲ Caminhos de ferro (C P.). 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T Paço) 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha 672445 ✲ Estação Fluvial (Belem) 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno F

AJUDA — **Lidia Almeida** Calçada da Ajuda, 70 (6313 8)
ALCANTARA — **Probidade**. R Alcântara. 5-A-8 (638589)
ALFAMA — **Anunciada**. R do Vigário 14 (866360)
ANJOS — **Guerra** R Andrade 54 56 (8455 3)
AREEIRO — **Central do Areeiro**, Av Paris. 2 e 2-A (720820) ✲ **Belo** — Av de Roma, 53-A (7763 4)
ALTO DO PINA — **Eusil** R Barão de Sabrosa, '04 (84 9 2)
ALVALADE — **Alentelo**, Av Igreja, 28-B (7 2682) ✲ **Rainha Santa**, R Afonso Lopes Vieira, 57-B (76 262 ✲ **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 6-B (725859)
ARROIOS — **Aliança** Av. Almirante Reis 45-B-C (50487)
AVENIDA DA LIBERDADE — **Galénica** R das Pretas, 2- 4 (322588
AVENIDAS NOVAS — **Cardote** Lda., Av Visconde Valmor 28-A-B-C ...49 ✲ **Saldanha**, Av Praia da Vitória, 53-55 43938, ✲ **Latina**, Av António Augusto de Aguiar 7-A (423 2)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso** R 2' 4' (3 2 6)
BAIXA — **Internacional** Rua do Ouro 228 (3220 7-30203)
BELEM — **Restelo** R Duarte Pacheco Pereira, 1-C (Pedrouços. (6 074'))
BENFICA — **Marques**, Est de Benfica 548 700096 ✲ **Vitex** Est Benfica 373-B (780548) ✲ **S João** Estrada da Luz, 24-A (783 79)
CAMPO DE OURIQUE — **Almeida** R Carvalho, 36 (68 126 ✲ **Condes** ravel. R Coelho da Rocha 666206)
CAMPOLIDE — **Imparcial**, R General Borda 28 (68093') ✲ **Rualto**, Lda Rua do Alto do Carvalhão 5-A/5-B (65'721)
CAMPO GRANDE — **Santa Maria** Av. 28 de Outubro, 283-A (7630 6
CHARNECA — **São Bartolomeu** Via Paulo Jorge, — **Galinheiras** (780979
CONDE DE REDONDO — **Contemporaneo** R Conde de Redondo 26-30 45048
ESTRELA — **Aurélio Rego** Calç da Estrela, 39 (66 758)
GRAÇA — **Progressiva** R da S Marinha 8 (8536 9) ✲ **Alves de Carvalho**, Rua do Vale de Santo António 7-9 (840 25)
JANELAS VERDES — **Infante Santo** Av. Infante Santo Dival, 290 (66'003)
LUMIAR — **Patuleia**, **Herdeiros** R Lumiar, 122-124 (790332)
MARQUES DE POMBAL — **Vieira Borges**, R Alexandre Herculano 28 (40536)
OLIVAIS — **Simão**, Av de Berlim Rua D, 6-A (3 058).
PALHAVA — **Curie**. Av Madame Curie, 5-A (778439)
PENHA DE FRANÇA — **Dimas** R Conde de Monsaraz 7-B (842533)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç da Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395)
PRINCIPE REAL — **Oliveira**. R D Pedro V. 23-125 (327880)
REGO — **Prates & Mota** R Beneficência, 9 (773728)
SANTO AMARO — **Santo Amaro** R Filinto Elisio 29-A-8 (637070)
S BENTO — **Valentim**, R do Poço dos Negros, 88-90 (679453)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO—**Grilo** 25
MOSCAVIDE — **Banha**, Av Moscavide, 25 85 8)

● Linha de Cascais

ALGES — **Combatentes** — Av Comb G. Guerra 66 (Tel 2'3953)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A — (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R Costa Pinto, 86 — (Tel 2432034).
OEIRAS — **Godinho** — R Candido dos Reis 98 (Tel 2430094)
PAREDE — **Grincho** — Av da Republica, 37 A (Tel 247 204)
MONTE ESTORIL — **Costa** — Av Sabóia, 29-B (Tel 260085)
CASCAIS — **Cordeiro** — Av Combatentes G Guerra, 40 (T 280 70-28 4 9) ✲ **Nova** — Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel 28 044)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Jardim** — Av Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (Tel 938424). **Melo** — P D João I, lote 46 — Bairro Janeiro (Tel 93855); **Central** — Av Cardoso Lopes, 25 (Tel. 9322'0), **Igreja** — P da Igreja lote 2 (Tel 937740)
DAMAIA — **Confiança** — Estrada Militar Lote D — (Tel 97'023)
QUELUZ — **Correia** — L do Mercado, 3 (Tel 950905) **Zeller** — R da República. 83 (Tel 950045)
CACEM — **Central**, R Elias Garcia 55 — (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia**, Est Mem Martins, 285 — (Tel 29'0012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** — (Tel 980456)
SINTRA — **Misericórdia**, L dr Gregório de Almeida, 2 — (Tel 98039')
COLARES — **Colares**—Abreia (Tel 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — Lg António dos Santos Jorge. 5 (Tel 234'00)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R Cândido dos Reis 30 (Tel 224020.
ALMADA — **Magalhães** — R Capitão Leitão 0 (Tel 270242)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — E Nacional. 74 — (Tel 224302)
BARREIRO — **Central** — Av Alfredo da Silva 48 (Tel 2273207)
COVA DA PIEDADE — **Império** — R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel 274356).
MOITA — **Silva Rocha** — P da República, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — **Montepio**, R Almirante Reis 93 — (Tel 230035)
SESIMBRA — **Lopes** — R Candido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — **Normal do Sul** — P do Bocage — (Tel 22216)
SEIXAL — **Godinho** — L da Igreja, 51 (Tel 22 8580)
MOSCAVIDE — **Banha**, Av Moscavide, 22 (2518518).

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS OXIGÉNIO SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56. 2
Telef 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO

Consolidado 3/4%	525$00	—	525$00
Consolidado 3%	545$00	—	545$00
Consolidado 3 /2%	—	—	650$00
Centenários 4%	1.480$00	—	1.480$00
Obrigs Tesouro 5 %	1.012$00	.01'$00	.012$00
Externo Série	—	775$00	800$00
Externo Série c	845$00	845$00	850$00
Externo 3 Série	—	820$00	—
Externo 3 Série c	—	860$00	890$00
Cautela 3 Série	—	—	—

OBRIGAÇÕES

Águas Lisboa 5%	—	—	490$00
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	930$00	930$00	—
C. P 4 /2% 65	910$00	905$00	—
C. P. 5 /2% 67	1.0'4$00	'013$00	1.015$00
C. U F 6%	—	—	—
C. U F 6% 68	1.000$00	—	1.000$00
Gás Elect 4% 48	—	850$00	—
Gás Elect 4 /2% 51	—	885$00	—
Gás Elect 5% 52	905$00	900$00	—
Gás Elect 5% 58	—	880$00	—
Gás Elect 5% 59	—	880$00	—
Gás Elect 5% 62	—	910$00	—
Gás Elect 5% 63	—	910$00	—
Gás Elect 5% 65	—	900$00	—
Gás Elect 5% 67	1.015$00	1.010$00	.015$00
H. E A Alentejo 5%	—	830$00	840$00
H. E Cávado 5%	840$00	840$00	860$00
H. E Cávado 6%	—	998$00	1.000$00
H. E Douro 5%	840$00	840$00	850$00
H. E Douro 6%	1.000$00	998$00	1.000$00
H. E Norte Port 5%	—	—	—
H. E S Estrela 6%	—	—	—
H. E Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E Zêzere 5% 57	—	840$00	—
Lisnave 6%	1.002$00	1.001$00	1.003$00
Metropolitano 4%	904$00	900$00	904$00
Metropolitano 3/4%	1.003$00	1.003$00	1.005$00
Moçambique 5%	—	750$00	—
Nac Electr 5%	—	836$00	845$00
Nitratos 5 %	—	—	—
Nitratos 5%, 60	—	—	850$00
Petroquímica 5%	—	860$00	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	925$00	—
Sacor 5% 60	—	865$00	—
Siderurgia 5% 2.ª	815$00	810$00	820$00
Siderurgia 5% 3.ª	—	835$00	850$00
Siderurgia 5% 4.ª	830$00	826$00	840$00
Sonete 5%	—	800$00	—
T. A 4%	—	910$00	—
Termoelect Port 5%	—	—	835$00
U E P 3 3/4%	—	—	—
U. E. P 4 %	—	82$00	—
U E P 4 /2%	—	83$00	—
U. E. P 5 %	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	—
U. E. P 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos

Agricultura	—	945$00	955$00
Alentejo	608$00	608$00	610$00
Angola	1.465$00	1 465$00	1.469$00
Burnay	—	—	—
Créd Predial	1.860$00	1.850$00	1.870$00
E. Santo	13.500$00	3.400$00	18 550$00
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
L. G Açores p.	—	—	—
L. G Açores n.	—	—	—

ACÇÕES

Bancos

P Atlântico p	—	—	—
Portugal n	2.240$00	2.230$00	2.270$00
Portugal p	—	—	2.500$00
Totta Aliança	—	4 250$00	4.350$00
Ultramarino n.	1.327$00	1.325$00	.335$00
Ultramarino p	1.550$00	1.540$00	555$00

Seguros

Alentejo	—	75$00	80$00
Douro	—	800$00	—
Mundial	—	365$00	375$00
Sagres	—	—	.190$00
Tranquilidade	—	40 000$00	45 000$00
Ultramarino	—	8 500$00	—

Ultramarinas

Açucar de Angola	—	695$00	720$00
Ag Cassequel	525$00	520$00	530$00
Ag Incomati	—	1.'50$00	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	'10$00	25$00
Buzi	—	60$00	6'$00
Cabinda	—	9'$00	93$00
Diamantes Angola	1.125$00	1 12'$00	130$00
H E Revué	—	600$00	—
Ilha do Príncipe	—	500$00	—
Moçambique	50$00	50$00	52$00
Sonete n	—	—	—
Sonete p	—	257$00	267$00
Zambézia	—	42$00	—

C.ias Diversas

Cidla	—	7.150$00	7.300$00
Cim Leiria	—	1.720$00	800$00
Cim Tejo	—	2.400$00	2.450$00
Col Navegação	—	—	620$00
C U F	—	995$00	.000$00
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	3.000$00
Port e Colónias	1.300$00	1.300$00	1.305$00
Port Celulose	—	3.050$00	3 ''0$00
Port Pesca	—	620$00	—
Port Tabacos	450$00	450$00	452$00
Sacor	4.750$00	4 730$00	—
Siderurgia Nac	1.075$00	—	1.080$00
Socel	2.130$00	2 120$00	2.140$00
Tabacos de Portugal	—	850$00	880$00
Tabaqueira	—	7.000$00	—
U F Azoto	—	690$00	705$00

Águas, Electricidade e Gás

Aguas Lisboa p	—	—	390$00
Aguas Lisboa 34	390$00	390$00	395$00
Aguas Lisboa 36	—	—	395$00
Eléct Beiras	1.500$00	1.495$00	.505$00
Gás Electr	379$00	378$50	379$50
H E Alto Alentejo	158$50	'58$00	'59$00
H E Cávado	—	—	.255$00
H E Douro	1.207$00	.207$00	1.208$00
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	1.750$00
H E Zêzere	1.315$00	1.31'$00	1.320$00
Nac Electricidade	—	1.318$00	1.330$00
Termoeléctr Port	1.340$00	1.340$00	1.342$00
U E P	184$50	184$50	'85$00

F. DE INVESTIMENTOS

F. I Atlântico	—	146$80	151$20
F. I. D E S.	—	102$80	105$90

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	3/10/68	9/10/68	10/10/68
GERAL	103,4	103,2	**103,1**
METROPOLITANAS	102,8	102,7	**102,6**
ULTRAMARINAS	107.8	107,2	**106,9**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de ...	28$25	28$65
Dollar de 5 a 000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$'0	7$30
Austria — Schilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	8$50
Espanha — Peseta	$40,3	$4',8
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,52	$04,7
Marrocos — Dirham	4$65	5$15
Bélgica — Franco	$55	$57
França — Franco	5$50	5$85
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — /2 Libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	36$0C	38$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras papeis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO — Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30 (Adultos) Panavision Technicolor
Dois grandes talentos: **Jack Lemmon** e **Walter Matthau** em
MAL POR MAL ANTES COM ELAS
(The Odd Couple)
SENSACIONAL!!!!!

ESTÚDIO — Tel. 45 51 34
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Um filme de **Francis Coppola**, com **Elizabeth Hartman, Geraldine Page** e **Peter Kastner**
A NOITE É PERVERSA

CONDES — Tel. 32 25 23 : 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M 17 anos)
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com **Doris Day** e **Terry Thomas**
PANAVISION — METROCOLOR

estúdio 444 — Tel. 77 90 95
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
3.ª SEMANA
A excepcional realização de Valério Zurlini premiada no Festival de Cannes
A RAPARIGA DA MALA
com **Claudia Cardinale** e **Jacques Perrin**

AVIS — Tel 47163
Às 15.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
Uma sombra de mulher desliza sobre os telhados de Paris...
A LOBA SOLITARIA
com **Daniele Gaubert** e **Michele Duchanssoy**
EASTMANCOLOR

EUROPA — Tel. 66 10 16
Às 15.15 e 21.30 (M. 12 anos) Colorido
9.ª SEMANA
Um filme inesquecível de **Stanley Kramer** — 2 Oscars
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
Sidney Poitier, K. Hepburn, Spencer Tracy

IMPERIAL
As 15 e às 21 h. (Adultos)
O CIRCO DO TERROR A BEIRA DA VERGONHA

TIVOLI — Telef. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Anthony Quinn num filme eterno
ZORBA, O GREGO
com **Alan Bates** e **Irene Papas**

ODEON — Tel 32 62 83
As 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
EM 3.ª SEMANA
O triunfal filme português
Um caso de infidelidade que arrasta três vidas para uma situação de culpa sem perdão...
ESTRADA DA VIDA
com Paulo Renato e Laura Soveral
(Maiores 17 anos)

ALVALADE — Tel 76 39 86
As 15.45 e 21.45 (Adultos)
O primeiro grande filme de amor da nova época!
COLUMBIACOLOR
INTERLÚDIO DE AMOR
com **Oskar Werner** e **Barbara Ferris**

SÃO JORGE — Tel. 54154
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
(M. 17 anos)
O melhor filme do ano — 5 «Oscars»
NO CALOR DA NOITE
com **Rod Steiger** — **Sidney Poitier**

MUNDIAL — Tel. 53 87 43
Às 15, 18.30 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA DE ÊXITO!
Anthony Quinn, Anjanette Comer e **Charles Bronson**
no vibrante e espectacular filme
OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN
Portentosa realização de **Henry Verneuil**
TELA DE 70 m/m
METROCOLOR

ROMA — Tel. 72 77 78
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
Inauguração da temporada
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com **Doris Day, Terry Thomas** e **Robert Morse**
METROCOLOR

TERRASSE — Tel 32 69 17
As 15 e ás 21 (M 17 anos)
A ESTRADA DE CORINTO UM GATUNO SEDUTOR

S. LUIZ
As 15 e 21 h. (Adultos)
BONNIE E CLYDE COM MINHA MULHER NÃO

EDEN — Tel 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Uma onda de frescura, alegria e ritmo
TECHNICOLOR
O MAIS FELIZ MILIONÁRIO
c/ **Greer Garson, Geraldine Page, Fred MacMurray, Tomy Steele**

SÃO LUIZ — Tel 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
O primeiro grande filme de amor da nova época!
Adultos — Columbiacolor
INTERLÚDIO DE AMOR
Oskar Werner e **Barbara Ferris**

MONUMENTAL — Telef 555131
As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Super Panavision 70 m/m
Ecran Gigante
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
Uma prodigiosa realização de **Stanley Kublick**

POLITEAMA — Tel. 32 63 05
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30
EM 2.ª SEMANA A ARREBATADORA SUPER-PRODUÇÃO
Grandiosa odisseia de um homem que ninguém sabia se era patriota, rebelde ou bandido
OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN
com **Anthony Quinn** numa sensacional criação realista
Panavision-Col. (Adultos)
HOJE, às 18.30 — Sessão Clássica (Maiores 12 anos)

RESTELO — Tel. 61 03 75
As 21.30 (M. 12 anos)
Em Eastmancolor
O extraordinário filme de espionagem e aventuras
O SEGREDO DA CAIXA PRETA
com **Graig Hill, Teresa Gimpera** e **Luís Marin**

CASINO ESTORIL — TELEFONE 26 07 20
As 17 e 21.30 (M 17 anos)
CAMINHO PARA DOIS
(Two for the Road)
PANAVISION — COR DE LUXE
c/ **Audrey Hepburn** e **Albert Finney**

CINE-TEATRO LIDO — Tel. 93 75 93 AMADORA
As 21.30 (M. 17 anos)
MONTGOMERY WOOD num inferno de acção
OS LONGOS DIAS DE VINGANÇA

CINEMA IDEAL — Tel 32 41 94
(M. 17 anos)
A FORÇA PARA UM INOCENTE SETE DIAS DE FESTA

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: Grande Companhia Internacional (12 anos).

TEATROS
VILLARET — Às 2 e ás 23: «Oh, que delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande poeta é o Zé» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21: «Na terra como no céu» (17 anos)

CINEMAS
CINEARTE — Às 21: «Na terra como no céu» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Quanto mais quente melhor» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O solitário de Nevada» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Os olhos da noite»
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Como salvar um casamento e arruinar-se» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Roubaram meu coração» (12 anos).
CINEMA ORIENTE — Às 21: «Gringo não perdoa» (12 anos)
OLIMPIA — Às 19: «Os libertadores» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Norman jornalista» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «O comissário Maigret em Pigalle.
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 15: «O terror dos sete mares» (12 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 30: «353 Passaporte para o Inferno» (12 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21: «Todas as noites ás nove» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Mata Hari — Agente H 21» (17 anos).

● Linha de Cascais
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «As duas mulheres» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A mulher serpente» e «Um marciano em Paris» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Caminho para dois» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Uma poltrona para 3» e «O mais perigoso homem vivo» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Diabolik» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Ladrão que rouba a ladrão» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «Música no coração» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Duelo de gladiadores» e «Califórnia» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «O tesouro dos Aztecas» (12 anos)

● Linha de Sintra
PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21 e 15: «Perseguição perigosa» (17 anos).
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Não perca a cabeça» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «A fera amansada» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O mercenário» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Roma invencível» e «A fúria de Maigret» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O colosso de Roma» (12 anos).

MONUMENTAL
HOJE — 2 SESSÕES 20.45 e 23 H. T. 555133 (Adultos)
VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA REVISTA
com
CAMILO - FLORBELA - NICOLAU
M.ª ADELINA ■ OCTAVIO DE MATOS ■ YOLA ■ LINDA SILVA
CÉLIA DE SOUSA
e as atracções
19.ª SEMANA
M.ª TERESA QUINTA
VUM-VUM ■ UM BALLET
INTERNACIONAL
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

Depois do espectáculo frequente «O CONVES» e o «PORÃO DA NAU»

As 21.45 h. HOJE (Adultos)
NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO
com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
65.ª SEMANA
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

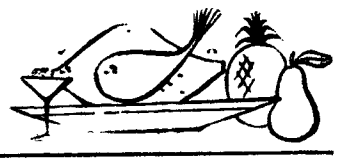
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
VASCO MORGADO apresenta — Adultos
Hoje, 2 sessões: às 21 e às 23 horas
5.º MÊS ● Mais de 200 representações
Bilhetes desde 15$00 — Ar refrigerado

Oh, que delícia de coisa
Disparate cómico de Gila, encenado por Carlos Avilez, com
RAUL SOLNADO
ANA PAULA ★ BARROSO ★ BORSATTI ★ HENRIQUETA ★ LUÍS TITO ★ CARLOS QUEIROZ e ainda FIALHO GOUVEIA

NO
MARIA VITÓRIA
A REVISTA DA GARGALHADA
ADULTOS
GRANDE POETA É O ZÉ!
O triunfo de um notável elenco, com
SALVADOR ★ VIANA ★ MARIEMA
MAX ● ANITA ● DORA
● VITOR MENDES
e a formosa atracção
BRIGITTE ST. JOHN
TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 e 23 H.
● DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS ●

José Viana no «Catedrático do fado»

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

RESTAURANTE DA TRINDADE
R. Nova da Trindade, 10
Tel. 323356
O Seu Restaurante
Amanhã: **Bacalhau á Trindade**
Todos os dias pratos variados, com cozinha portuguesa
Óptimas salas para banquetes

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA C/ ANANAS
E FICARÁ CLIENTE

ESPECIALIDADE
COZINHA PORTUGUESA
MESA REDONDA — 50$00

AMANHÃ Bacalhau recheado à transmontana Iscas de porco na frigideira à portuguesa
AGIDE
RESTAURANTE
LARGO DA BIBLIOTECA, 20
TELF 362123 LISBOA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144 — Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

Tamborim
Restaurante snack Bar Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef 46247

Parreirinha do Rato
Restaurante snack-bar, cervejaria, marisco
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) — Tel 685908
Parque para automóveis

VARANDA — DO — CHANCELER
RESTAURANTE
AMANHÃ — À NOITE
SALA RESERVADA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

PRISÕES EM HEBRON DEPOIS DE UM ATENTADO

JERUSALÉM, 10 — (R.) — Alguns suspeitos foram hoje presos pelas autoridades israelitas na região ocupada da Jordânia, devido ao atentado ontem registado em Hebron, onde uma granada de mão feriu 47 turistas israelitas que visitavam o túmulo dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacob.

O ministro da Defesa, general Dayan, visitou hoje o local do atentado e declarou que este acto de terrorismo não conseguirá perturbar a vida normal nas áreas ocupadas por Israel. Dayan convidou os israelitas a continuarem as suas visitas de turismo a todas essas regiões.

O general visitou as vítimas do atentado no hospital de Jerusalém e declarou aos jornalistas: «Só os culpados pelo atentado devem ser punidos, mas não toda a cidade de Hebron».

AMANN, 10 — (R.) — O jornal «Al-Difaa» desta cidade afirma hoje que mais de 400 árabes já foram presos em Jerusalém, Hebron e Belém em consequência do atentado com uma granada de mão que feriu alguns visitantes israelitas á entrada de uma mesquita na cidade de Hebron

O KAMA-SUTRA NO CINEMA

PARIS, 10 — (F. P.) — «O verdadeiro Kama-Sutra», encenado pelo realizador indiano Suma Indra, e interpretado por jovens actores eurasiáticos, será apresentado em Paris, nos fins deste ano. O filme foi realizado a cores, no Extremo-Oriente, em 1967.

Novo catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa

Na sala dos actos grandes da Reitoria da Universidade de Lisboa, o professor extraordinário da Faculdade de Letras, sr. dr. Fernando António de Almeida e Silva Saldanha, terminou esta tarde as suas provas para professor catedrático de Arqueologia e História de Arte, proferindo uma lição sobre um tema tirado á sorte: «Influências Orientais nas Artes Decorativas Portuguesas do Século XVII». Foi arguente o sr. prof Artur Nobre de Gusmão, da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

O juri, encerrada a discussão, reuniu-se imediatamente e aprovou o candidato por unanimidade.

O novo professor catedrático foi calorosamente felicitado pelos membros do juri, colegas, assistentes e muitos dos seus alunos.

ENCONTRADO MORTO O EMBAIXADOR ISRAELITA NO CANADÁ

OTTAWA, 10 (R.) — O embaixador israelita no Canadá foi encontrado morto dentro do seu automóvel ontem á noite num parque de estacionamento desta cidade, segundo revelou hoje um informador da Embaixada.

O informador disse que o diplomata que contava 56 anos, «aparentemente sofreu um ataque cardíaco».

Mini-saias e blusões

Ante uma assistência constituída na sua maioria por senhoras, desfilaram esta tarde nos Estabelecimentos Eduardo Martins, na Calçada do Sacramento, os modelos «pronto-a-vestir» que vão estar na moda nesta época de Outono-Inverno.

Exibiram-se: — saias e blusões desportivos em várias cores, predominando o laranja, o castanho e o verde. O comprimento dos «tailleurs» apresentados é, em média, normal: comprido, mini e máxi. Muitas boinas (estilo Bonny e Clyde) botas altas e mini-saia (estilo Mary Quant), muitas meias de fantasia, até ao joelho e até á coxa.

Os modelos eram ingleses, franceses, italianos e (alguns) portugueses

OS «VINDIMADORES DA VIDIGUEIRA» NA EMISSORA

A Emissora Nacional transmite amanhã (16 e 5), no seu Primeiro Programa, uma extensa gravação dos «Vindimadores da Vidigueira», recolhida há dias por uma brigada especial. O famoso rancho dirigido por Manuel António Manso, objecto de recente reportagem do «Diário de Lisboa», tem planos para exibir-se em Lisboa dentro de pouco tempo.

O estado de saúde do Presidente Salazar

É do seguinte teor a informação médica sobre o estado de saúde do Presidente Salazar hoje divulgada ás 12 horas:

«Pulso — 60. Pressão arterial — máxima, 11; mínima, 7. Temperatura — 36,5. Respiração assistida. Situação clínica sobreponível á que apresentava ontem. Prognóstico grave.»

de VEZ em quando

Até onde poderemos ir e até quando resistiremos? O ritmo de vida tornou-se quase insuportável. Caminhamos aceleradamente para extremos, cada vez mais depressa, cada vez para mais longe. O que ontem era dez é hoje cem, com tendência para aumentar ainda antes de chegar o amanhã. Quando nascemos já havia aviões rápidos. Hoje são ultra-rápidos. Os explosivos, de destruidores passaram a ultra-destruidores. Até os próprios órgãos, que nossos avós tinham rijos e sãos, são agora ultra-sensíveis, causando-nos compreensíveis preocupações. Começamos a ficar cansados, e pior será se não nos escudarmos convenientemente do perigo que advém dos ultras. Viver sim, mas mais devagar.

V. D.

SANTARÉM
FEIRA DA PIEDADE
Domingo, 13 de Outubro
às 16 horas

CAVALEIROS
MESTRE
BAPTISTA
LUIS MIGUEL DA
VEIGA
ESPADAS
PAQUIRRI
J. FALCÃO
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM comandados por Rhodes Sérgio
8 Toiros de JOÃO GREGÓRIO 8
BILHETES À VENDA: EM LISBOA nos Restauradores, 7 telef. 30769 e 321712, e, em SANTARÉM, na rua Guilherme de Azevedo, 15 tel 485 e no dia da corrida nas bilheteiras da praça

JUNKERS
LUBRIPOR — LUBRIFICANTES E COMBUSTÍVEIS DE PORTALEGRE, LDA.
Largo António José Lourinho, 1
Telf. 313 PORTALEGRE

AS GRANDES CAPITAIS

MADRID	5	Dias	1.200$00
PARIS	7	»	3.400$00
LONDRES	7	»	4.000$00
BRUXELAS	7	»	4.750$00
AMSTERDÃO	7	»	4.900$00
BERLIM	7	»	5.500$00
COPENHAGUE	7	»	7.050$00
ROMA	7	»	5.200$00
VIENA	7	»	6.250$00
ESTOCOLMO	7	»	8.100$00

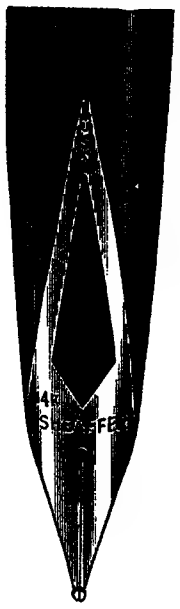
CONSULTE-NOS HOJE MESMO
STAR TURISMO VIAGENS
LISBOA: Av. Sidónio Pais, 4-A — Telef. 539871
LISBOA: Praça dos Restauradores, 14 — Telef. 362501
LISBOA: Rua do Alecrim, 10 — Telef 369503
e ainda: ESTORIL - PORTO - FARO - FUNCHAL - LUANDA
UTILIZE O CREDI-STAR

LIVROS ESPANHÓIS
7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

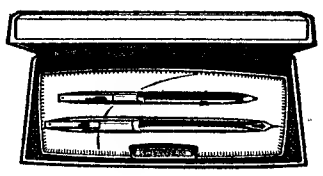
JUNKERS
MATEUS DA SILVA GREGÓRIO
Praça da República, 40
Telf. 269 PORTIMÃO

Boutique
ACABA DE RECEBER AS NOVAS COLECÇÕES DE
OUTONO / INVERNO
MODELOS EXCLUSIVOS
R. Serpa Pinto, 14, 1.º—T. 320843
R. Nova S. Mamede, 38—T. 673077

JUNKERS
ELECTRIX — PEREIRA & SANTOS, LDA.
Rua Cândido dos Reis, 12
Telf. 24666 ÉVORA



Um presente inesquecível
Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.
SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2
/DEPOSITÁRIO NO PORTO: ÉLIO AMORIM

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO
TRADUTORES
INTÉRPRETES
SECRETARIADO
TURISMO
DIRIGENTES DE EMPRESAS
LÍNGUAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
R. do Sacramento à Lapa, 16
Telefs. 676395-673766
Av. da República, 25-1.º Dto.
Telef. 539641
Av. Duque de Loulé, 126-1.º

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisboa
LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Alexandre Pinheiro Torres
Eduardo Prado Coelho
Liberto Cruz
Rocha de Sousa
Urbano Tavares Rodrigues
Victor Silva Tavares

N.º 532/10 DE OUTUBRO DE 1968

um dos maiores romances da literatura portuguesa contemporânea entra no cinema através de um dos nossos mais válidos realizadores

O segredo da «Abelha»

—por Victor Silva Tavares

em conversa com Fernando Lopes

Fernando Lopes

QUANDO da estreia do *Belarmino* escrevi uma prosa que terminava assim: «Fernando Lopes: estou à espera de ti!»

É que eu entendia (e entendo) o *Belarmino* como ensaio, exercício de escrita, experimentação estética e humana para um *outro* Fernando Lopes — talvez *este mesmo* que realiza agora *Uma Abelha na Chuva*.

Aqui está o Fernando Lopes: um rosto destruído e um entusiasmo novo, olheiras de noites brancas e um riso de repente juvenil — os 33 anos de um homem apostado no cinema. E aqui estou eu, que trago para a entrevista o gravador e a curiosidade. Vamos a ver se consigo penetrar no segredo da abelha.

«ADAPTAR», EIS A QUESTÃO

F. L. — O primeiro ponto de vista que interessará focar é o da criação de um certo universo fílmico.
Evidentemente que se levanta o problema da existência de um universo anterior, que é o do romance — aliás susceptível de várias leituras. A D. Maria dos Prazeres, por exemplo, para mim é uma coisa e para os dez mil leitores (para ai...) que teve *Uma Abelha na Chuva* pode e vai ter variadíssimas facetas.

D. L — *Como é, para ti, a D. Maria dos Prazeres?*

F. L. — Para mim, de certa maneira, é um fantasma — coisa que eu só relativamente tarde descobri. Creio que foi até uma das descobertas mais importantes para a adaptação que acabei por fazer do livro. Posso dizer que à partida e desde sempre eu pensei que uma adaptação da *Abelha* seria de qualquer modo uma adaptação *aberta* — não portanto literal (que esteve sempre fora de causa) nem o embarcar fàcilmente nalgumas ideias feitas que o leitor tem sobre certos livros, a *Abelha* como o último livro do Cardoso Pires. É normal as pessoas dizerem «isto dava um filme»: ora aqui, parece-me, há uma primeira falácia, que é a de se confundir um método literário com um método cinematográfico. Se a maneira como um escritor narra um romance se assemelha às vezes com o cinema, isso não quer dizer que possa ser transcrita (assim) para o filme, quer dizer que o escritor utilizou determinados processos narrativos de que o cinema se serve mas que a partir do momento em que são utilizados na literatura adquirem um outro valor, um outro significado. A tranferência *tout court* seria ou primária ou pelo menos mecânica.

D. L. — *Em relação à Abelha...*

F. L. — Em relação à *Abelha* punha-se o mesmo problema. Muita gente dizia que o livro era extremamente cinematográfico. Por exemplo, pela maneira como nele se jogava com o tempo — um dos pontos de interesse literário do livro e uma experiência que o Carlos de Oliveira fez na literatura portuguesa há já bastantes anos. Foi por esse lado que eu peguei na *Abelha*. Não logo de início mas à medida que o ia *possuindo*. Ora uma adaptação é de certo modo uma *posse* — e aqui começa normalmente o primeiro ponto de polémica (chamemos-lhe assim) entre o autor do filme e o autor do livro. Porque ninguém gosta de se ver possuído...

D. L. — *Houve qualquer tipo de polémica entre ti e o Carlos de Oliveira?*

F. L. — Não. Pelo contrário, o Carlos de Oliveira levantou desde o início um problema exactamente igual ao que eu estou a levantar: «Não nos enganemos, isto efectivamente tem alguma coisa a ver com o cinema. Não é uma influência directa mas as coisas estão no ar, nós vivemos no tal aquário de imagens e portanto é natural que o cinema tenha vindo a criar em mim um certo número de estímulos — do ponto de vista literário, também. Mas eu acho que V. tem razão, que não se pode agarrar num livro e pura e simplesmente transferir para a criação de um filme certos processos narrativos que nele existem».

Laura Soveral em filmagem. Na câmara Costa e Silva

Na primeira fase do trabalho fizemos os dois uma tentativa de passagem para o papel de um esquema do filme. Depois fomos ler a história e tanto eu como ele achámos que ela continuava igual ao livro. De modo que deixámos aquilo de lado. Fizemos a crítica e o próprio Carlos acabou por dizer: «Não há nada a fazer, o melhor é V. trabalhar sózinho; porque se eu estou ao pé de si, V. acaba por sentir-se relativamente *compungido* para não fazer determinadas alterações — pode achar que essas alterações vão contra mim». E possivelmente — ou — e *certamente* as minhas alterações até irão muitas vezes contra o Carlos. Porque, em última análise, acabarão por ser o meu ponto de vista sobre aquele livro, sobre aqueles personagens...

D. L. — *Um dos meus enigmas, ao ler o livro e ao saber que tu ias adaptá-lo ao cinema, foi o seguinte: para além da intriga romanesca há no livro todo um universo introspectivo, os sonhos, os terrores, as frustrações, os conflitos interiores de determinados personagens — universo esse que acaba por se tornar extremamente dramático, angustiante, e que se impõe ao esquema da anedota. Como é que tu o podes captar nos termos do filme?*

F. L. — O que te posso dizer é que o filme é muito mais feito sobre essa parte do que sobre a outra — resultado não só da minha leitura do livro mas de um grande convívio com o Carlos e de um grande convívio com o Carlos em todos os sentidos, inclusivamente com a poesia do Carlos de Oliveira. Digamos que não vou fazer um filme sobre o livro *Uma Abelha na Chuva* mas sobre um certo universo que é familiar ao Carlos de Oliveira.

D. L. — *Insisto, ainda, na adaptação...*

F. L. — Há um lado inexplicável. Atenção: não estou aqui a fazer a rábula do mistério...

D. L. — *Não estamos no reino das bruxas...*

F. L. — Pois. Mas que há bruxas há, como dizia o outro. O que é que acontece? Eu por princípio sou uma pessoa incapaz de trabalhar com uma planificação perfeitamente férrea...

D. L. — *És o anti-Henrique de Campos...*

F. L. — Absolutamente. Eu normalmente trabalho com uma folhinha de papel que tem um mínimo de indicações das cenas que vou filmar. Neste caso, e como é uma fita com actores, há a própria existência deles, que na medida em que vão criando um personagem vão tendo a sua interpretação e o seu próprio peso pessoal; eu quero aproveitar-me disso e portanto, durante a rodagem, vou fazendo alterações — o que até cria vários problemas do ponto de vista técnico. Cria, por exemplo, um problema ao chefe operador: «Mas finalmente como é que vais fazer a cena? Agora mesmo dizias que ele (o actor) vai fazer isto assim assim, vai passar por aqui, beber um copo e dizer depois não sei o quê e agora de repente já não vai fazer isso e nem sequer dizer a frase». Porque, efectivamente, durante o ensaio nós podemos descobrir que há um gesto, que há um pequeno movimento de corpo que é extremamente mais significativo do que tudo quanto eu pudesse dizer. O que é preciso então é pôr-lhe a câmara em frente e deixá-lo dez minutos a falar...

Enfim, coisas deste género... Portanto, trata-se do jogo que existe entre uma certa estrutura prévia, a sua *desorganização* durante a rodagem e depois, na montagem, a sua nova *reorganização*.

Na *Abelha* é assim exactamente que as coisas se passam. Aí, volto a jogar com aquilo que disse ao princípio: del-me conta que a D. Maria dos Prazeres era um fantasma, digamos que era um fantasma duma Madame Bovary, um personagem de qualquer forma anacrónico. Para mim, ela não anda: *desliza*... Como, de resto, todos os outros personagens são relativamente fantasmas e de certa maneira tudo aquilo se passa num universo sem tempo, sem espaço... Aí está o *côté* fantasmagórico que existe no livro e pelo qual eu puxei na adaptação.

D. L. — *Mais do que, por exemplo, as diferenciações de classe que existem entre a D. Maria dos Prazeres e o Álvaro Silvestre?*

F. L. — Sim, mais. Se bem que eu suponho que essas diferenciações acabarão por vir ao de cima. Não de uma maneira gritada mas de uma maneira subterrânea e muito mais corrosiva, suspeito eu. Vamos ver...

D. L. — *No livro do Carlos de Oliveira transparece uma linguagem muito clara, muito despida, muito directa. Conseguiste tu para o filme, e nesse aspecto, um paralelismo?*

F. L. — É aí que eu acho que entra a única fidelidade que vale a pena. Até por ser de meu temperamento, o filme é extremamente austero, muitíssimo mais austero que o *Belarmino*. E isso eu acho que corresponde não só ao livro do Carlos de Oliveira mas à *escrita poética* do Carlos de Oliveira.

D. L. — *Estás a referir-te a* Sobre o Lado Esquerdo, *que até era um livro de cinema?*

F. L. — Sim. De certa maneira a *Abelha* anda muito à volta daquele universo, daqueles *travellings* pelas paredes. É um filme em que há cenas de três minutos sem qualquer corte. E em três minutos sem corte

(Continua na 7.ª página)

Urbano Tavares Rodrigues:

Pontos altos da novelística brasileira

Se as narrativas de Samuel Rawet afloram por vezes o problema da solidariedade (e até em páginas muito belas, que transpiram a ânsia de libertação moral e social), a verdade é que ora negam, ora afirmam a possibilidade da solidariedade humana. É a solidão que dá à obra de Samuel Rawet a sua tonalidade profundamente original. Solidão que esbraceja, que se debate, que divisa e aponta os ridículos, solidão para além da catarse. Solidão de uma consciência que permanece sempre crítica. Entre a margem das revoluções totais e o mistério das fracções de segundo sem sentido, Samuel Rawet explora remotas existências. Explora-se na rua comezinha, descobre no vizinho do bar ou de restaurante a raça antiga do vagabundo. É esse o seu herói: um vagabundo que seria quase sartriano, não fora a sua propensão para o delírio. Com algo de semelhante ao Antoine Roquentin de «A Náusea», mas demasiado empenhado, embrenhado em eternas desesperanças, em raivosas dúvidas, para se interrogar cartesianamente, a não ser em clareiras de identificação. A reminiscência, o gesto premonitório, a obsessão de morte, a tentação permanente do nada e, ao mesmo tempo, a suspeita de uma plenitude porventura só existente no abandono de todas as roupagens tradicionais, na deposição de todas as virtudes burguesas, no abandono dos actos interessados — essa plenitude perseguem-na algumas das personagens estranhas e inquietantes de Samuel Rawet.

Este autor de figurino metafísico levanta todavia problemas (e extremamente complexos), que concernem aos dramas da sociedade semi-industrial. As duas faces do Brasil — a zona atlântica em vias de desenvolvimento, a zona interior com um atraso secular — nos aparecem, através de uma fina análise da transformação das relações humanas e consequentemente das transformações da língua, deixando pressentir até que ponto o culto da eficácia, com uma multiplicidade de consequências na vida pública e privada dos homens, pode provocar casos de isolacionismo e associalismo como alguns que tão impressionantemente consegue gravar a pena incisiva de Samuel Rawet. Chegamos, não raro, a pensar no LSD e noutros alucinogéneos, na sua acção catársica, na libertação de uma parte do corpo em relação a alguns membros, ao lermos estas estranhas, inquietantes, actualíssimas histórias de um dos mais originais autores brasileiros contemporâneos. Dir-se-ia que um vento de renovação sopra da América do Sul. Ao lado de Jorge Luís Borges, de Júlio Cortazar, de Alejo Carpentier, vem inscrever-se o nome deste jovem ficcionista. Desde os apontamentos em que satiriza o belo orador, o burocrata egoístico, o filósofo frio, àqueles em que nos coloca frente a frente com o explorador do onírico, Samuel Rawet está sempre beirando a sombra de uma realidade maior, que na cadeia dos sonhos lhe foi anunciada.

A extraordinária novela do livro, aquela que podemos considerar verdadeira obra-prima, é a «Crónica de um Vagabundo», com a extensão de um pequeno romance. Nela temos como figura central o **outsider**, emigrado da vida quotidiana normal, homem sem amanhã, cujo hoje escorre numa torrente de sensações entre os dejectos do passado e o zero de um futuro que ele resolveu anular. Este anti-herói, que gasta os últimos dinheiros, vende o próprio relógio, deixa-se vigarizar com irónica indiferença, mas luta pela vida, ante o brilho de uma faca, na noite dos instintos primitivos; que, pisando a fita incolor do vago, do impreciso, na margem dos sentimentos indefinidos, deambula por uma cidade concreta, onde lhe sucedem coisas extraordinárias como ser pago por um desconhecido para dar banho a uma velha quase paralítica ou abordado por um jovem e triste sodomita, a cujas instâncias não cede mas do qual se compadece e confraterniza, dar todo o seu dinheiro (mas sem piedade, sem descortinar sequer a que móbil profundo obedece), a uma prostituta envelhecida, esse anti-herói, novo Ulisses de um pesadelo quase paranóico, faz o périplo da cidade dos nocturnos temores, dos gritos que ecoam noutros gritos, cidade onde todas as vozes se fundem num só rumor indistinto...

O pitoresco convizinha com o mistério profundo, com o horror e com o lirismo nestas páginas apaixonadamente geladas. Por vezes, o nome de um grande escritor português actual nos acode à lembrança, ao lermos certas passagens de Samuel Rawet. Refiro-me a Vergílio Ferreira. Eis um exemplo porventura representativo:

«Não tinha sono, não tinha fome, não tinha sonhos, e o mistério das coisas já não o interessava, naquele momento, nem as coisas. Era um homem mergulhado nos factos, ou que procurava mergulhar neles, tão mergulhado que estava quase identificado com eles, anulado por eles, tão imbricado que eles se desvaneciam e o que permanecia era quase uma abstracção. De que é feito um homem? De actos? De intenções? De um passado? Ou de uma ficção criada pelos outros, volúvel como uma sombra de animal a se deslocar em imprevistos? Ousou um dia pensar numa indiferença total, que seria uma espécie de comportamento sem limites, aceites todas as consequências, uma indiferença a princípio como arma contra a estupidez e depois como um modo mais largo e calmo de aceitar as coisas, uma indiferença como a do objecto que se afirma com a única qualidade fundamental do objecto, uma indiferença como o único recurso para sobreviver sem temores infantis. Mas eram esse temores que trespassavam sua couraça e o envolviam no redemoinho de fantasias e horrores, e eram esses temores, quase o afirmava, o sal de uma actividade, de uma coerência apenas vislumbrada, de um recuo diante da muralha cinzenta e espessa do nada. Apenas esses temores vinham de outra infância, mais remota, desligada de lembranças mais ou menos desagradáveis que possam premoldar um futuro. Eram temores de uma infinidade de infâncias adultas coexistindo na própria formulação de seus temores, em aparência sem justificativa, porque não tinha sono, não tinha fome, não tinha problemas, e caminhava por um dos recantos mais belos do mundo. Da infância mesmo, infância infância, o que recuperar? Que valor tem a coragem de uma afirmativa no qual transborda um ódio irrecuperável e só muito depois tornado consciente? Que dizer de um homem murado em sua cela quando lhe perguntam por que insiste em permanecer ali e a sua resposta é a pergunta: «haverá outra coisa além disso que vocês chamam cela?»

O homem, nas novelas de Samuel Rawet, não escolhe a sua responsabilidade, herança de um condicionamento imposto. Não chega pròpriamente a haver exaspero contra a sociedade neste ataque sistemático ao mundo visto pelos olhos bem pensantes: há, sim, uma espécie de indiferença ante a pena castigo, uma exaltação — mas exaltação crivada de perguntas, fecundada pelos poderes irracionais do ser. Há eventos que não passam de equívocos. Centelhas de luz fulguram no vazio de um mundo que troca o essencial pela minudência e do qual a personagem foge, buscando, se não a salvação, pelo menos aquela indiferença rebelde, na satisfação de necessidades elementares. Quando todos os rumos são absurdos, quando qualquer meta é a morte, quando a noite ameaça tornar-se um feixe, uma labareda de lamentos e furores, restam as criaturas do desencanto. «...Mas se quiser ficar eu poderei falar do incógnito da solidão. Algum dia já lhe falaram nisso? Tenho a impressão de que não, é uma coisa ainda não estabelecida, existe de um modo imanente em todos nós, alguns o desenvolvem bem, mas não creio que alguém lhe tenha dado a forma concreta, que alguém tenha estabelecido, aliás não é bem estabelecer, mas captar as normas existentes e implícitas, se se quer continuar; devo-lhe dizer que não tenho o mínimo interesse em ser compreendida. A primeira norma é: por favor, não me ajude! (...) Ainda não formulei o Código inteiramente, há uma quarta norma que ainda não cheguei a precisar, refere-se à palavra e ao silêncio. Se fosse possível eliminar a palavra, a mentada e a falada! Seríamos objectos, viveríamos num mundo apenas de acontecimentos, e todos estritamente necessários. Reduziríamos a nossa inteligência ao fazer, e ao raciocínio destituído de vocábulos, que estaria implicitamente ligado à acção.»

*

Outro livro de novelas brasileiro que últimamente me impressionou, sendo bem diverso de Samuel Rawet, é a colectânea «Duas Vezes Perdida» de Josué Montello. O autor de «A décima noite» e de «Labirinto de espelhos», do qual Manuel Bandeira diz que a sua escrita parece, como a de Machado de Assis, passada a limpo, sem um excesso, sem um desleixo, atinge na novela que dá o nome ao volume, «Duas vezes perdida», uma naturalidade, um poder de evocação ao mesmo tempo realista e elegíaca, uma sobriedade de processos narrativos, uma capacidade introspectiva, e, com tudo isso, um poder de caricatura incisiva e leve, que envolve e prende o tempo e o local, e de tal maneira consegue levar-nos embebidos na leitura, no desenrolar dos acontecimentos romanescos, que nos reconciliamos com as técnicas tradicionais da ficção. Segredo de simplicidade, de ironia, de pureza estilística. Aqui deixo associadas duas obras que têm de comum a qualidade literária, embora se situem aparentemente em pólos opostos da construção e da perspectiva narrativa. Digo aparentemente porque, na verdade, Josué Montello tem na sua técnica clássica o saber do ensaísta, do intelectual advertido que conhece os perigos do já dito, que, ao escolher a clareza da evocação nostálgica e aguda de vidas falhadas, de tardes provincianas, de velhos colégios bafientos, de sanatórios onde despontam, na solidão da doença, renovos líricos, e um pouco cediços, do coração e da carne, tem a noção precisa e moderna daquilo que permanece e permanecerá na arte de contar. Dois pólos da moderna ficção brasileira, duas afirmações de singular altura.

SUPLEMENTO Diário de Lisbôa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS:

O Pícaro em Aquilino, *por Alexandre Pinheiro Torres*

LETRAS ESTRANGEIRAS:

Pontos Altos da Novelística Brasileira, *por Urbano Tavares Rodrigues*
A Ponte Alemã, *por Sheppard de Moraes*

CRÍTICA:

Ainda Jorge de Sena, *por Eduardo Prado Coelho*

ARTES PLÁSTICAS:

A Arte Junto do Público, *por Rocha de Sousa*

CRÓNICA:

O Citadino Pipote, *por Alexandre O'Neill*
Madame Kabal, *por Liberto Cruz*

CINEMA:

«Uma Abelha na Chuva», *por Victor Silva Tavares*

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE SÉRIES
DE 20 BILHETES SEM DATA
Viaja menos apertado a partir das 11 horas.
Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANÍBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A arte junto do público

por Rocha de Sousa

OBSERVANDO o movimento que se esboça na preparação da época artística que vai começar, e de acordo com a disciplina dos nossos hábitos urbanos, é possível prever para 1968-69 uma acção de novo centralizada nas galerias, já que estas se constituíram, nos últimos anos, o aparelho mais vivo na promoção deste ramo da cultura.

A CONVERGÊNCIA POSSÍVEL

Os esquemas de comportamento destes organismos autónomos, dirigidos com lúcida persistência por individualidades responsáveis que procuram, sobretudo, instaurar entre nós o nível da modernidade operante, vão, com certeza, orientar-se de novo para a reafirmação ou para a descoberta dos valores plausíveis. E vão, também, persistir, naturalmente, na defesa de doutrinas em convergência, sobretudo na medida em que todos se empenham na mesma definição de actualidade, na mesma procura de uma verosimilhança dos nossos objectos de afirmação criadora, no mesmo intento de sublinhar a consciência de uma temporalidade irrecusável. Convergência, portanto, no plano dos aspectos gerais desta realidade em movimento, ao nível da moral que daí se pode extrair, não pròpriamente no âmbito das ideias definidas dentro de cada um dos sectores de acção, muito menos no confronto dos grupos aí reivindicando maior representatividade vanguardista. Desse ponto de vista, o individualismo das opções é nota que se salienta com particular evidência. Os rumos traçados, que coincidem na forma por filiação numa actualidade geralmente assumida, divergem no regime das suas orientações mais profundas, consoante as tendências estéticas que destacam ou que primeiramente sublinham para uma hierarquização dos valores.

AS RELATIVIDADES ESQUECIDAS

A despeito das relatividades negativas da nossa produção (com base na ausência de estruturas socio-económicas adequadas, na falta de correntes de informação capazes de consequências decisivas, na reduzida consciência do artista sobre os direitos e deveres da sua função social integrada ou contestativa, e, ainda, por desfasamento completo dos sistemas de promoção e das fontes consumidoras) insiste-se num trabalho de caracterização a nível europeu, no apontamento doutrinário de uma crítica alheia dos objectos e dos homens — em busca de coordenadas linguísticas exteriores às coordenadas técnicas do meio. Não preconizamos, em vez disso, o conformismo da visão crítica a estruturas que encerrem o homem português no centro dos seus próprios defeitos ou dos aspectos inutilizados da sua tradição; mas anotamos que o aparelho das segregações valorativas se comporta, em geral, desfasado do verdadeiro enquadramento do artista nas fronteiras do nosso horizonte. E nos limites assim apontados é possível enunciar prèviamente a carência de uma cobertura cultural múltipla, adequada aos diferentes sectores da criação artística e da sua absorção pela rede de consumo. Noutro sentido, esta rede não se encontra suficientemente escalonada em ordem aos seus pontos de solicitação, de acordo com as especialidades que a devem servir, tendo o artista de conformar-se no âmbito de profissões marginais e reservando a sua produção para um circuito abstracto onde se dissolve amadoristicamente, perdidos o carácter social da sua pesquisa, o sentido da sua revolta ou o papel activo da sua contestação.

Num colóquio há tempo desenvolvido na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e a propósito de certas tendências da arte americana actual, alguém procurou esclarecer o auditório sobre a verdadeira grandeza física das peças ali produzidas, mostrando como os artistas portugueses apenas se dedicavam ordeiramente a *copiar* as reproduções dessas obras a uma escala mais-reduzida, descaracterizada, produzindo por isso objectos de grau expressivo inadevertidamente oposto.

Este exemplo pode servir para ilustrar alguns aspectos do problema atrás focado. Porque, com efeito, no exercício da crítica aos artistas portugueses não foram introduzidas as condições em que estes trabalham, em oficinas cujo espaço é limitado e num desamparo económico quase sempre sufocante. A crítica desenvolvida também não estabeleceu nenhum parágrafo onde coubesse a deliberação consciente dos nossos artistas num sentido pessoal, ou seja o da transposição de um critério monumentalista, de um gigantismo fora da sua escala humana, social e técnica, para o formato de outro tipo de convivência e de intimidade. Aqui não encaramos o problema da mutilação da fonte inspiradora no sentido negativo, mas antes admitimos que as diferentes formas de assimilação de uma tendência podem incluir desvios daquela natureza, logo inscritos na verdade temperamental e cultural de quem os pratica.

Mas para invertemos honestamente o exemplo, o que também é possível em muitos casos, teremos de admitir que a prática dos nossos pintores se fundamenta por vezes naquele tipo de apropriação superficial dos elementos informativos, assim realizando um comportamento criativo repleto de absurdas concessões à frivolidade das maneiras e alheio à estrutura dos modos. Naturalmente que esse facto não fica a dever-se em exclusivo à sua impertinência, à fragilidade do seu critério ético, mas decorre sobretudo do seu dramático isolamento.

INAUGURAÇÃO DA CONVIVÊNCIA

E é deste isolamento que importa falar na hora em que a actividade das galerias recomeça, na hora em que as escolas oficiais e particulares reabrem as suas salas, na hora em que os diferentes organismos ligados às artes decidem novos programas de acção. Em boa verdade, mais importante do que o número de exposições a realizar é a prática de reconduzir o artistas ao lugar dignificante que lhe pertence. É isso mais importante, com efeito, do que a defesa *intransigente* de um critério selectivo, de uma imposição de valores, do que a promoção circunstancial de um grupo de artistas afinal isolados. Isolados mesmo quando aplaudidos pela crítica, ou subsidiados pela suficiência provisória de um mecenas, ou garantidos pela utilização temporária de um empreendimento volumoso. As galerias, que desempenham entre nós uma função significativa no campo desta actividade, têm já possibilidades de atravessar as fronteiras do seu recinto doméstito para promover uma acção pública mais vasta em certos sectores da vida nacional, onde se estuda e onde se trabalha. Podem, por isso, em íntima ligação e para além dos seus esquemas característicos de trabalho interno, tentar a estruturação de um papel social mais amplo, procurando garantir ao artista um sistema de mercados mais efectivos. Na mesma base, e se atendermos ao facto de que as galerias mais importantes funcionam em livrarias, é estimável pensar-se que o apoio da informação gráfica pode igualmente desenvolver-se com outra intensidade. Os programas de acção, que em geral parecem traduzir a suficiência das galerias ou dos artistas e se dirigem sobretudo a um público abstracto, devem ser revistos no sentido de um mais largo debate sobre a condição social dos operadores que produzem objectos de arte, sobre a sua responsabilidade e os seus direitos, sobre a incidência do seu trabalho na vida dos outros homens e o significado da sua proposta no quadro das profissões correspondentes. Não basta incendiar os artistas a fim de que revolucionem o seu compromisso público, inovando o que permanece, destruindo o que é excedente, contestando o que se institui. É preciso que se estabeleça um sistema de trabalho capaz de dar sentido a essa constante redescoberta de posições. É preciso que o artista não se baste, no isolamento, a produzir objectos de espectáculo que desenquadradamente expõe, que esporàdicamente coloca. É preciso, em suma, que o artista conquiste a consciência do sentido colectivo do seu trabalho, procurando mistrurar-se definitivamente com os outros homens.

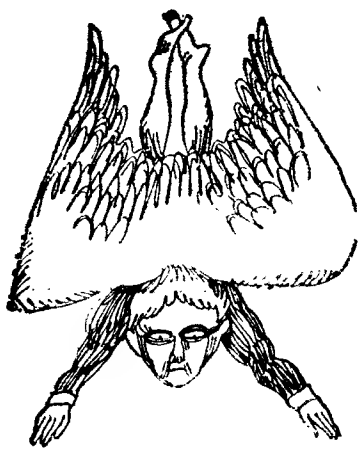
Noronha da Costa: Aparência e Realidade

Uma iniciativa de real importância

Três individualidades ligadas ao quadro da nossa vida artística, Rui Mário Gonçalves, Fernando Pernes e Artur Rosa, assinam um texto introdutório às exposições permanentes recentemente inauguradas no «foyer» do 1.º Balcão do Cinema Império. A tendência desta iniciativa original entre nós envolve necessàriamente uma resposta directa às habituais reservas de comunicação entre o público e o artista. Apesar de se poder sublinhar de um modo negativo a escolha, em primeiro lugar, de um local onde é maior a capacidade de consumo e menor a urgência de esclarecimento, registamos com o devido apreço a importância do precedente.

As obras expostas, «cedidas pelas Galerias Buchholz e Quadrante, deverão ilustrar, na sua sucedaneidade, várias das mais significativas tendências do panorama estético nacional, incluindo representações dos diferentes expositores das referidas Galerias. Pretende-se assim criar laços mais íntimos entre as artes plásticas e um público que, sendo apreciador do bom cinema, se nos oferece como particularmente predisposto à receptividade de outras expressões estéticas onde, anàlogamente, mas em linguagens diferentes, se articulam os valores morais e espirituais duma modernidade comum aos autênticos artistas como aos autênticos criadores da sétima arte. E a observância e análise crítica dos pontos de convergência entre as várias linguagens da arte contemporânea, considerada na sua totalidade, impõe-se na evidência de imperativo dominante sobre a própria consciência sociológica dos nossos dias. Com menor ambição, *aqui e agora*, visa-se algo de mais modesto quanto de imediatamente necessário. Trata-se de proporcionar uma primeira possibilidade informativa da actualidade artística decorrente em Lisboa, pela qual se admite contribuir para posterior capacidade formativa do público no referente à problemática das artes plásticas».

O artista seleccionado para esta primeira proposta foi Noronha da Costa, com uma renovada dimensão plástica em objectos que apresentará brevemente na Galeria Buchholz.



«O CITADINO PIPOTE» OU «UMA PERSONAGEM PARA JOÃO ABEL MANTA»

por Alexandre O'Neill

AINDA bem que Pipote não é judoca. Pipote não passa de Suspensório Lilás. Pipote judoca seria o fim. Pipote entra nos eléctricos a ombro. Diz com licença depois de ter passado. Cheira a cebola e a camisa de anteontem. Fala curto. Assim tem mais tempo para chupar os dentes. Pipote usa elástico de câmara-de-ar a envolver a carteira. *Traz* negócios de ferro-velho, *traz* o filho nos estudos, *traz* uma viúva debaixo de olho. Agora que os móveis (quinanes, principalmente) estão a dar, Pipote vai comprar fragoneta. Já o vejo agarrado ao volante com medo que a fragoneta desalvore. Já o topo a fazer mudanças no joelho da viúva.

Contam-se muitas de Pipote. Parvenu, parvo nu, Pipote não é pior nem melhor, escusam de se estar a rir, que vocês. Pipote começou difícil. Vocês tiveram colégio, manteiguinha no pão, Bucha & Estica nas matinés de quinta-feira. Pipote teve cachações e casqueiro ao mata-bicho. Veio a pulso, Pipote — e com muita honra!

Das que se contam de Pipote, não sei ainda se conte a que me apete contar. É que não é nada típica, sabem? Remonta aos 14 anos de Pipote, quando Pipote, quer dizer, ainda não era Pipote. Era a cédula Joaquim Serrano Deusdado — Quincarvoeiro para os inimigos.

Não me faço mais rogado. Subtítulo:

DE COMO JOAQUIM SERRANO DEUSDADO, ALIÁS QUINCARVOEIRO, ALIÁS PIPOTE, DEIXOU APODRECER OS DENTES TODOS MENOS UM

Às 6 horas da manhã, chutaram Quincarvoeiro para a consulta externa de Todos-os-Martírios. Questão dum obcesso bochechado a aguardente e a raiz de alteia com desinflamação subsequente e recidivas de ganir. Bochecha infla, bochecha desinfla, a cara do pobre já era como um cartucho e o misérias estava por tudo. A quatro de frente, de cara amarrada, a bicha para os Serviços de Odontologia consumia-se e refazia-se ao longo das horas e dum corredor conventual. Quando chegou à porta da sala dos alicates, Quincarvoeiro compreendeu, num ápice, a utilidade das bichas: terem cauda. Um menino que saía da sala segurava os queixos com a manita, vexado de todo, e dava pontapés de desespero na estúpida mãe carinhosa.

Uma cigana (sedentária) apiedou-se do chavalito probecito e começou a desenrolar uma lamúria meio r e z a d a entrecortada de cuspinhadelas raivosas para o lado. Um digno velho remendado e limpo reprovava mudamente tudo, não escondendo, na sua sobranceria, que só o mau destino fora responsável por ele se encontrar ali, misturado com a gentalha.

«Trezentos e quinze», disse uma voz entreportas que parecia mesmo a voz do creosote. Era a senha de Quincarvoeiro. Este deu um passo ao lado e uma grande coragem de fugir pôs-lhe as pernas em movimento. Pisgou-se para a cauda da bicha, a tomar tempo e balanço.

Ainda hoje o citadino Pipote fala com um dentinho de orgulho desse caso da sua vida de rapazelho. Aliás, é sempre com orgulho que Pipote se revê em Quincarvoeiro, seu querido filho na perspectiva do tempo. Espero que a vossa credulidade chegue onde chegou a minha, quando ouvi esta história da infeliz boca de Pipote: três ou quatro vezes Quincarvoeiro foi atacado pela coragem de fugir, três ou quatro vezes se atrasou para a cauda da bicha, a tomar tempo e balanço. Ao meio-dia, na derradeira repescagem de senhas não respondidas, a bicha era Quincarvoeiro. Até um dentista, alicate em punho, se avantajou nos umbrais.

Foi apanhado.

Já na cadeira, já de boca ocupada por ferros, dedos, espelhinho, o cédula Joaquim Serrano Deusdado tentou articular uma queixa, soprar uma indicação, subtrair-se o mais que podia à mordedura metálica dos alicates, que andavam, por ali, a planar de mão em mão. Os odontologistas trabalhavam rápida, firme, irrevogàvelmente. Se os deixassem entregues à sua própria inércia, desdentariam o mundo mal o apanhassem a bocejar de tédio. Três dores agudas, fininhas. Uma patada no estribo da cadeira. Um compasso de espera com ferros a retinir, torneiras a trepidar, desconhecidos cheiros violentos a subirem-lhe ao nariz. Depois, um ríspido «abre a boca!». Abriu a boca. Não abriu os olhos. O alicate veio, entrou. Sentiu o choque no alto da cabeça, por dentro. O alicate mordeu. Queriam virar-lhe a caixa dos pirolitos do avesso?

Descomandou-se. Gritou. Mas já, triunfante, o diabo-dentista lhe mostrava o dente, que o alicate continuava a morder.

E Pipote, hoje, comenta, num sorriso de aqueduto em ruínas:

— Sôr Aníbal (*eu já lhe disse que não era Aníbal, que era O'Neill...*), Sôr Aníbal, a vida é assim: o dente que me tiraram estava bom; o estragado cá ficou. Já passaram pra cima de trinta anos e nunca mais voltei a esses diabos! Cá me vou governando com os dentes que tenho. Mas diga-se a verdade: o dente que me tiraram foi o único dente bom que eu tive...

E o aqueduto sorri, enquanto Pipote o vai chupando paulatinamente.

SHEPPARD DE MORAES:

A ponte

O romance *A Ponte* («Die Brücke»), que revelou o nome de Manfred Gregor ao público da Europa e da América, é a interpretação de uma juventude alemã — de uma certa juventude, diga-se antes — da experiência do nazismo. Melancòlicamente, a geração traída revê o caos nessas duas centenas e meia de páginas mas a atitude que assume está longe de ser combativa, isto é, de transmitir ao leitor toda a responsabilidade que uma parte da juventude fanatizada teve de facto na ascensão e queda do III Reich.

«É preciso libertarmo-nos dos complexos de culpa», disse há anos o dr. Spiller, dirigindo-se aos jovens de Frankfurt. Essa determinação (que tem servido a muitas conveniências) paira levemente sobre *A Ponte*. Gregor com inegável mestria descreve um episódio de guerra a que consegue dar uma transfiguração simbólica: a ponte entre a morte e a vida, entre o passado e o futuro, é um aviso que permanece de pé. «Quem me dera morrer aqui», comenta um soldado de Hitler; «Quem me dera viver aqui», responde outro — «e ambos queriam dizer a mesma coisa), conclui dez anos depois o romancista.

O filme extraído desta novela foi há anos recebido pelo nosso público com alguma controvérsia. Realizado por Bernard Wicki, jovem director fulgurantemente lançado à celebridade (como aconteceu com o próprio Manfred Gregor), o texto cinematográfico acentuou de modo concludente, por um lado, o salutar e decidido ódio à guerra e o terrível peso do esforço malogrado que o romance põe em foco e, por outro lado, uma quase passividade que se esboça por parte das gerações do futuro relativamente a essa experiência das gerações anteriores. «A juventude não é boa nem má! É fruto da época em que vive!» — diz no fim do livro, um jovem sobre a Ponte. E um velho ali ao pé, observa-lhe com a autoridade da sensatês: «O senhor é ainda muito novo para sentenças dessas!»

Que quer isto dizer? Um aviso ao futuro contra uma nova fanatização colectiva? Um pedido de compreensão mais tolerante dos erros do passado? Eis um tom realmente característico do livro de Manfred Gregor que como protesto contra o passado é literàriamente válido mas que não enfrenta com a veemência desejável os problemas decorrentes de uma carnificina naquilo em que os herdeiros dessa derrocada são o reflexo mais empenhado. E todavia nem tudo é esquecimento ou passividade no santuário do milagre alemão. Hans Magnum Enzensberger e o grupo de novos escritores demonstram-no à evidência. Dutshke e os jovens da Alemanha Ocidental, sem olvidarem o passado, intervêm no presente. A ponte não é um memorial que se visita para meditar nos desastres da guerra. Cresceu, ganhou amplitude e novo significado. É uma extensa passagem que, dia a dia, vai sendo percorrida por gerações sucessivas e que serve de testemunha a novas lutas e a novas ameaças.

Para o chanceler do III Reich a Luftwaffe foi a ponte dos milagres. Com o poderio fulminante dos bombardeiros lançou-se sobre a Inglaterra e quando tudo estava prestes a soçobrar era ainda num sortilégio das elites da força aérea

O pícaro em Aquilino

por Alexandre Pinheiro Torres

ESCREVEU Benedetto Croce que o verdadeiro Herói da célebre novela picaresca *Lazarillo de Tormes* é a Fome.

Já se sabe que em relação à literatura portuguesa tem de se empregar o adjectivo picaresco com muita reserva, com a reserva que diz respeito à legitimidade de se poder usar de tal qualificativo em relação a determinadas obras nas quais se tem querido rastrear elementos característicos que o justifiquem, e, só para citarmos um exemplo, recordamos a a n á l i s e da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, da autoria de António José Saraiva.

Sem nos adiantarmos mais sobre este complexo problema recordo apenas que vários críticos usaram o termo para qualificar situações e personagens de romances de Aquilino Ribeiro.

Pegando no tópico *fome*, promovido a Herói por Benedetto Croce, mas certamente diagnosticado como motor inicial por quem quer que analise a novela picaresca, há com efeito, argumentos dentro da obra aquiliniana que justificam, até certo ponto, a utilização do qualificativo. É que, pela primeira vez na ficção p o r t u g u e s a contemporânea, surge não a fome mas o pavor da fome, que na obra romanesca do autor do *Malhadinhas* desperta uma reacção em cadeia que vai até à avareza explicada não pela avidez da contemplação do ouro — como o faria o Grandet de Balzac — mas pelo medo de uma terrível necessidade futura que o «pé-de-meia» afugenta para um futuro o mais remoto possível.

Se uma personagem como o padre Claro guarda avaramente 4000 reis na carteira será apenas com receio que o filho lhe roube o dinheiro? É certo que o filho Isaac lho rouba e chega ao ponto de o confessar com todo o desplante. Mas a reacção do pai é excessiva. Em consequência de uma breve luta com o filho morre

de apoplexia, e este perante o drama que desencadeou, suicida-se.

O tio Aleixo da *Via Sinuosa* tem o seu farto «pé-de-meia», mas protesta sofrer da mais negra das misérias. O povo chama-lhe o «Fome-Negra.» Quando o Padre Ambrósio o procura a fim de lhe pedir auxílio financeiro para o sobrinho que, ao desamparo, ele não protege quando o poderia fazer, como não pode negar ao padre (sempre é o representante da religião de que se diz crente) que dispõe de meios, grita que precisa do «rico dinheirinho» para, depois de morto, lhe rezarem muitas missas pela alma, ao que o Padre Ambrósio responde:

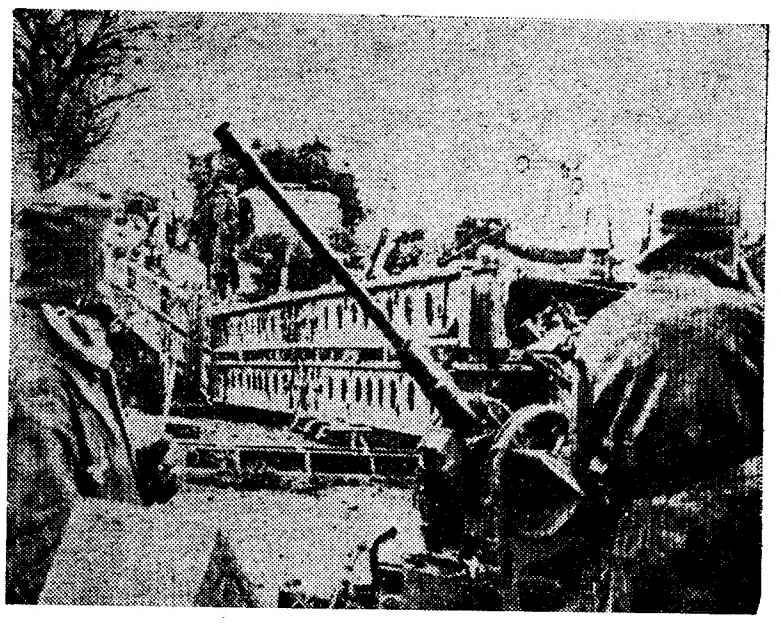
«A alma cuida-se em vida, praticando boas obras». Podemos talvez dizer que toda a primeira parte das *Terras do Demo* é (ainda dentro do tópico da «fome») um exemplo talvez significativo de situações possivelmente picarescas. Essa primeira parte trata — como se sabe — da luta surda entre a velha Rosa Gaudência, que tem quarenta libras escondidas no casebre e o genro que lhas quer roubar. É curioso notar que a velha passa fome para não passar a tal *fome* que ela quer evitar no futuro. Tocar no «rico dinheirinho», isso nunca! Passam anos durante os quais o genro tenta descobrir onde a velha tem as libras. Não serão elas afinal um mito? Mas, um belo dia, no mais imprevisto dos lugares, as libras vêm parar ás mãos do genro. Não é menos curioso o que este drama desencadeia: a morte, pois a velha Gaudência, descoberto o

alemã (ontem e hoje)

A PONTE
romance de
Manfred Gregor
trad. Ana de Freitas
Publicações Europa-América, 1968

A HISTÓRIA DA LUFTWAFFE
por Cajus Bekker
trad. José Dinis Zambujo

A BATALHA DAS ARDENAS
por John Tolland
trad. Jorge Rosa
ed. Livros do Brasil, 1968



A ponte militar: nas Ardenas construída pelas tropas alemãs

que residia a derradeira hipótese de salvamento. Com efeito o mito salvador das bombas V e dos foguetões esboçava os primeiros passos por iniciativa de Luftwaffe e já, muito antes de eclodir o conflito — 1936 — Von Braun ensaiava a propulsão por jacto.

Cajus Bekker ao traçar a *Ascensão e Queda da Arma Aerea Alemã na Segunda Guerra Mundial* serve-se de uma exaustiva documentação que se traduz, a muitos passos, em assombrosas revelações. Em seis anos a Lugtwaffe pôs em movimento mais de 113 mil aparelhos de todos os tipos e cerca de 150 mil homens desta arma perderam a vida em combate. Alguns deles realizaram proezas lendárias, como o comandante Erich Hartman que derrubou 352 aviões inimigos; outros foram inglòriamente abatidos em missões desesperadas nos últimos dias de Berlim.

Manfred Gregor: a ponte suspensa

De qualquer modo, o que Cajus Bekker demonstra, em última análise, é que na guerra moderna o avanço do poderio bélico não é um trunfo definitivo. Cada nova arma de ataque traz no seio dela própria a defesa correspondente e quando se lê *A História da Luftwaffe* e se assiste à assombrosa mobilização de cérebros e de capitais que ela envolveu, compreende-se efectivamente que a sorte das armas depende, mais do que tudo, do aviso dos políticos e da consciência dos guerreiros.

Depois de *A Batalha de Leninegrado*, de Dimitri Pavlov, a «Colecção Vida e Aventura» (ed. Livros do Brasil, Lda.) lança a reportagem de John Tolland *A Batalha das Ardenas* «a maior batalha formal em que os Estados Unidos tiveram participação», como sublinha o autor, «a única luta de importância travada por aquele país em pleno inverno».

Tolland em páginas vivas e bem documentadas reconstituiu o cenário histórico e humano desse episódio de guerra que envolveu da parte aliada mais de um milhão de homens e que, ao contrário de qualquer outra campanha da Segunda Guerra Mundial, foi inteiramente orientada por Adolfo Hitler. «Durante mais de dois anos andei na pista da Batalha das Ardenas, o que exigiu entrevistas com mais de mil pessoas em dez países diferentes» — escreveu o autor, que desse modo, e através de arquivos e do apoio dos departamentos militares, levantou o véu de uma das principais derrotas de Hitler.

Analisando com entusiasmo o papel humano do G. I., o simples e desprevenido soldado raso americano que viera para a guerra sem espírito de missão mas que nas Ardenas aprendera a combater, John Tolland aborda, à margem do livro, algumas questões clássicas do desencontro entre o aparelho militar norte-americano e as desinteligências da Administração. Figuras históricas como Eisenhower, Bruce Clarke, Maxwell Taylor e James Gavin aparecem na luta das Ardenas sob uma perspectiva nova e complexa. Eles estão perante uma guerra que escapa aos manuais e havia a agravar a situação uma lamentável carência de informações porque o sistema americano neste sector era «algo primitivo e ingénuo, baseado em grande parte nos processos utilizados pelos Pinkertons na guerra civil».

Malmedy foi, na Batalha das Ardenas, o lugar dos suplícios. As violências cometidas pelas tropas alemãs naquele sector são em muitos casos comparáveis às que levaram a cabo na frente russa e constituem um «dossier» tristemente célebre. Dos responsáveis ao mais alto grau pelo comportamento das tropas, alguns sofreram a pena dos tribunais outros, como Model, preferiram o suicídio. Von Rundsted terminou os seus dias num recolhimento de pessoas idosas em Wienhausen, Peiper e Dietrich — implicados directamente nos acontecimentos de Malmédy — foram julgados em Dachau e condenados a pena perpétua. Skorzeny «vive em Madrid ao abrigo de um passaporte Nansen. Engenheiro próspero, acalenta o sonho de ir para os Estados Unidos ensinar as tácticas de comandos que o tornaram famoso. Manteuffel dedica-se à política. É um dos dirigentes do Deutsche Partei e foi membro do Senado de Bonn até às eleições de 1957».

Mas o julgamento de Dachau — observa Tolland — pecou por parcialidade. Encabeçada pelo senador Joseph McCarthy procedeu-se a um revisão do processo da qual resultou que Dietrich e Peiper fossem postos em liberdade — e esse é um outro ponto negativo no saldo compensador da acção militar americana nas Ardenas. Na reconstituição dos acontecimentos históricos John Tolland assume uma posição tipicamente liberal.

Com tudo isto a ponte alemã sobre a Europa ficou interrompida e sofreu uma das suas mais rudes brechas. Como Manfred Gregor e como Cajus Bekker, John Tolland vem, noutro plano, relembrar a tragédia de um povo que se encontra perigosamente entre o esquecimento e o futuro, entre a aventura e a prosperidade.

roubo, e não chegando a trocar qualquer palavra com o genro a tal respeito, vai direitinha deitar-se a afogar.

Estas reacções primitivas não seriam certamente possíveis no mundo de hoje. Elas estão localizadas, com efeito, nas primeiras décadas do século. Mas quando chega a segunda Grande Guerra, o que ouvimos dizer a Maria Aires do romance *Volfrâmio?*

«A serra está no osso, esburgadinha até mais não poder. O que se encontra à farta por essas famílias é fome e lêndeas... A Serra, se não se acode, está a dar o cadilho».

E então verifica-se que o ideal do «pé-de-meia», ligado ao pavor da *fome*, corresponde àquilo a que o povo — recriado nos romances de Aquilino — chama «dar um pontapé na mofina» ou «dar um pontapé na macaca». O objectivo a atingir é dar este pontapé sem o qual não há *futuro*. Por isso o Padre Claro morre de apoplexia? Por isso a velha Gaudência se suicida?

Para este objectivo ser atingido todos os meios são bons, como na boa tradição picaresca. Cambais, pai de Teodora, namorada do Augusto Aires, repudia o pretendente da filha dizendo-lhe isto:

«Dinheirinho, menino! ganho não importa de que maneira, mesmo de trabuco na quadrilha do Olho-Vivo».

Este «pé-de-meia» estabelece rígidos abismos sociais entre os camponeses. Quando qualquer deles consegue umas leiras e uns cobres a mais do que os estritamente necessários para não morrer de fome — quando, portanto, conseguiu «dar o pontapé na macaca» — considera-se um ser privilegiado e tem pruridos de classe. É o que acontece a Augusto Penalva de *Batalha Sem Fim* a quem José Algodres vai pedir a mão da filha Filomena. Diz-lhe o homem-que-já-deu-o-pontapé-na-macaca ao homem-que-ainda-o-não-deu:

«Quando tiveres vinha para dez pipas, chã para três geiras e casa de soalho vem-me ver».

O que interessa, portanto, é amealhar de qualquer maneira. Como nos descreve Aquilino o Gadunhas de *Volfrâmio?* Deste modo: «A sua casa era feita disto: de trabalhar à bruta e aferrolhar. Tudo lhe parecia pouco para o dia de amanhã. O dia de hoje para ele não entrava em linha de conta no tocante a dar à vida o que requer da maior parte dos homens na satisfação dos apetites ou gozo dos bens granjeados. Chamavam-no Gadunhas, porque tudo no crispamento da sua mão se resumia em «venha a nós» e em deitar para o saco».

A *fome* acaba por desencadear a alienação mental. Não que ela surja (nos romances de Aquilino) como consequência da fome sofrida pelas personagens. Surge antes dos actos em que se envolvem por quererem dar um pontapé na mofina.

É o que vemos no último livro que citamos. Pedro Algodres estava convencido que no Pinhal do Urso, para os lados da Praia de Vieira, os Crúzios haviam enterrado, no tempo das invasões francesas, 800 000 cruzados. Durante anos e anos vai para lá cavar, na esperança de o descobrir. Morre desiludido. O filho, José Algodres, herda-lhe a «tarântula». Um dia resolve fazer escavações em larga escala e associa-se para o efeito com um lavrador de Ervedeira, Eudóxio Bixolim. São precisos largos capitais e Algodres compromete na sociedade a armação de pesca que herdara do pai. A duna começa a ser escavada. À volta, um autêntico arraial cigano. Trabalhadores e famílias em tendas «colmadas com velhos oleados e ramos». Tudo fica possesso com a febre do tesouro. Passa um mês e nada. Começam a chegar mirones para gozar o espectáculo. Mas uma das condições exigidas pela lenda para que os 800 000 cruzados pudessem ser encontrados era que o «achador» fosse alguém «sem eira nem beira nem ramos de oliveira». Ora Algodres ainda possuia um casebre onde vive com a velha tia. Pois, para estar dentro das condições impostas pela lenda, não hesita em pegar-lhe fogo. Será escusado dizer que os cruzados nunca aparecem.

Comenta um mirone citadino no fim da narrativa:

«Drama arqueológico, com seres arquelógicos».

E Aquilino acrescenta: «A duna era como a Nau Catrineta; deitariam solas de molho na esperança sempre viva de se porem a salvo da macaca».

Há, ou parece haver, na verdade um determinado tipo de aventureirismo em situações e personagens aquilianas que ligadas ao tópico da *fome* justificam, em certa medida, o emprego do qualificativo de picarescas para as classificarmos. Que o adjectivo não tem sido para desprezar por escritores mais recentes verifica-se pela circunstância de um autor como Joaquim Pacheco Neves não ter hesitado em dar por título a um dos seus livros o seguinte: «Histórias Picaras», onde a principal personagem é aquele tipo de anti-herói que largamente o pícaro por definição pressupõe. Mas será isto suficiente para a legitimação da hipótese de haver um capítulo de «picaresca» na nossa novela? Por muito boa vontade que se tenha, penso que a resposta terá de ser negativa.

University of Cardiff
Novembro de 1966

as leituras à margem

Itália: hora das consagrações

UM CARTAZ DE PROJECÇÃO

DENTRO DE SEMANAS será comunicado o nome do triunfador do prémio de narrativa «Brancatti Zafferana» (2 milhões de liras) a atribuir ao melhor volume de novelas ou romance publicado em Itália entre 30 de S[illegible] de 1967 e 1 de Agosto de 1968.

Galardão de grande prestígio europeu, o «Brancatti Ferrara» é encabeçado por um júri altamente representativo no qual figuram entre outros: Rafael Alberti, Eugénio Montale, Alberto Moravia, Pier Paolo Pasolini e Leonardo Sciasci. Dos 17 elementos que compõem a comissão, cada um apresentará uma obra a concurso, escolhida em toda a produção literária do ano, e será do conjunto desses títulos concorrentes que se elegerá a obra premiada.

PRÉMIO DE JORNALISMO

Igualmente para breve, está anunciada a decisão do júri do «Trofeo Dama Bianca» destinado a recompensar o melhor artigo publicado na imprensa italiana ou transmitido pela Rádio ou pela Televisão. O prémio, patrocinado pelo Sindicato da Imprensa em colaboração com a Azienda de Turismo de Trieste é representado por uma escultura em prata e por várias compensações monetárias, além da oferta de circuitos turísticos para duas pessoas.

PROMOÇÃO DA CRIANÇa

Aberto a arquitectos, desenhadores e educadores, acaba de instituir-se em Itália o Prémio para Novos Produtos destinados à Infância. A importancia a atribuir é de 7 milhões de liras e a ele podem concorrer os autores de trabalhos que nos mais variados demínios de produção — desde instalações infantis ao livro e ao brinquedo — revelem contribuições verdadeiramente inovadoras para o bem-estar da criança.

«Esquire»: trinta e cinco anos

O número (especial) de Outubro de *Esquire* aparece vistosamente consignado (diz a nota da Redacção) ao tema «Salvemos o Século». Três americanos em fundo de cemitério (os irmãos Kennedy e Luther King) abrem simbòlicamente esta edição comemorativa do 35.º aniversário do conhecido magazine *yankee*. F. Scott Fitzgerald, William Styron, Frank Conroy e Jacob Brackman contribuem com depoimentos sobre «o que significa — para quatro gerações sucessivas — ter nascido nos Estados Unidos» a que se seguem intervenções de Barry Goldwater, Mickey Rooney, David Rockfeller, Mae West, Billy Graham, etc.

William F. Buckley Jr., figura de eleição no naipe conservantista da *inteligentzia* norte-americana e colaborador dilecto de *Esquire*, expõe, uma vez mais, e com a costumada agressividade e algumas metáforas, as suas teses sobre a crise do homem do nosso tempo repetindo algumas asserções produzidas noutras ocasiões e, em particular, nas polémicas que travou com o romancista Norman Mailer. Truman Capote fala de «Crime e Castigo», relatando as opiniões de oito condenados à morte e pondo em causa o sistema penal dos Estados Unidos. William Humphrey e Jess Stuart preenchem a parte da ficção deste número que, na linha tradicional de uma tendência «republicana», é indiscutivelmente bem elaborado. Três vozes discordantes — as de Gore Vidal, Linus Pauling Stokely Carmichael.

Depois de ter analisado o *campus* americano e a juventude universitária (número de Setembro 68), *Esquire* retoma agora os seus argumentos de cepticismo, desta vez com elevado nível de colaboração. Tradicionalista como o *New Yorker* mas de espírito menos local, esta publicação mensal representa uma das tendências dos chamados (abusivamente) *magazines for men* de que *Playboy* é indiscutivelmente o melhor (e mais exigente) exemplo. Ambos se opõem na qualidade dos textos e no sentido de actualidade que postulam: ambos preenchem largas zonas de público intelectual não obstante as aparências sensacionalistas de que se revestem. Após 35 anos de publicação ininterrupta, *Esquire* continua fiel a um programa em que o perfil do *homo americanus* se define numa base convencional e no retorno às tradições.

«Seara Nova»: Renovação

O número 1476 (Outubro 68) de *Seara Nova* vem, uma vez mais, com variada colaboração de que se destacam *O Desenvolvimento do Comércio Medieval na Sociedade Portuguesa* (1.ª parte) de Armando de Castro, *Cultura, Informação e Meios Audiovisuais*, de Alberto Pedroso e *Os Pequenos Vadios de Bogotá* de Edith Muharay. Fernando Correia, em *Duas Concepções do Desporto em Conflito*, analisa, com clareza e oportunidade, o panorama social em que vão localizar-se os Jogos Olímpicos do México; José Vaz Pereira sob a rubrica *A Porta Fechada* refere-se às linhas mestras da política alemã de leste; David Ferreira publica uma contribuição ao estudo da I República Portuguesa — *Eleição de Deputados à Assembleia Nacional Constituinte de 1911*.

Na interpretação literária, além das notas críticas de José Saramago — *Quem gosta deste mundo?* (de José Cardoso Pires), a propósito do romance *O Delfim*, e *Uma Nova Geração de Maravilhas*, dedicado a *O Despojo dos Insensatos*, de Mário Ventura — assinala-se o breve ensaio sobre *O Conto — Via para a Renovação da Actual Literatura Brasileira*, da prof.ª Maria Lucia Lepecki, em que se foca a personalidade notável de Rubem Fonseca, um escritor que na sua reduzida obra publicada é (basta ter lido *A Coleira do Cão*) um dos casos mais originais das letras brasileiras dos últimos anos. Contribuição valiosíssima a este número da *Seara Nova* é a de Augusto Costa Dias (*O Velho, o Rapaz e o Burro*) em que se levantam alguns problemas sugeridos pela publicação de *O Rapto das Sabinas*, de Garrett. Respondendo a algumas objecções de João Gaspar Simões, Augusto da Costa Dias argumenta que a importancia fundamental do poema em causa está no testemunho que ele constitui da formação filosófica e doutrinária do jovem Garrett.

Completam este número um artigo sobre a Evolução da Economia Espanhola, por Eduardo Guerra, uma reportagem de Mário Ventura — *Terras e Gentes do Alentejo* — e uma crónica de J. S. sobre os E. U. A.

ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — Poesias Completas 1956--1967
Autor — António Gedeão
Editora — Portugália Editora — Lisboa
Colecção — «Poetas de Hoje» — n.º 17
Número de páginas — 311
Preço — 70$00

Título — A Salvação do Mundo — Tragicomédia em três actos
Autor — José Régio
Editora — Portugália Editora — Lisboa
Colecção — «Teatro» — II
Número de páginas — 248
Preço — 45$00

Título — Almanaque Bertrand 1969
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Número de páginas — 270
Preço — 30$00

Autores estrangeiros

Título — Como foi Salvo um Milhão de Judeus
Autor — André Biss
Tradutor — Raul Rego
Editora — Livros do Brasil — Lisboa
Colecção — «Vida e Aventura» — n.º 17
Número de páginas — 391
Preço — 70$00

Título — Para onde foi o Amor — Romance
Autor — Harold Robbins
Tradutor — Jorge Vidal Pessoa
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova
Número de páginas — 311
Preço — 50$00
Título — A Casa de Nossa Mãe — Romance
Autor — Julian Gloag
Tradutor — A. Pereira de Figueiredo
Editora — Portugália Editora — Lisboa
Colecção — «Contemporânea» — n.º 106
Número de páginas — 311
Preço — 45$00

Título — O Rachdingue — Romance
Autor — Henri-François Rey
Tradutor — Vera Pedroso
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Colecção — «Autores Universais»
Número de páginas — 275
Preço — 40$00

Título — Um Negro que Quis Viver
Autor — Richard Wright
Tradutora — Luísa Sampaio
Editora — Ulisseia — Lisboa
Colecção — «Série Literária», n.º 86
Número de páginas — 417
Preço — 50$00

Título — Quando os Aliados Abriram as Portas — Último acto da Tragédia da Deportação
Autora — Olga Wormser-Migot
Tradutor — António Barahona da Fonseca
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Colecção — «Documentos de Todos os Tempos»
Número de páginas — 392
Preço — 70$00

Título — A História da Luftwaffe
Autor — Cajus Bekker
Tradutor — José Dinis Zambujo
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova
Colecção — «Círculo Azul»
Número de páginas — 489
Título — Ave Marciana
Autor — Edmund Cooper
Tradutor — Eurico Fonseca
Colecção — «Argonauta»
Número de páginas — 210
Preço — 15$00

OFERTA EXCEPCIONAL

10 VOLUMES ENCADERNADOS À ESCOLHA PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 35$00

ENTREGA DAS OBRAS CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
FERNANDO NAMORA
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG
WALTER SCOTT
E OUTROS

180 autores de várias nacionalidades, sendo: 260 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 260 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19×0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitada. Solicite imediatamente a lista à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - PORTO — Telef. 22286, ou à sua Filial em Lisboa — Avenida Almirante Reis, 102 - r/c-Dt.º - LISBOA 1 — Telefs. 58796 e 58798.

Remeter este cupão à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

R. Alberto Aires de Gouveia, 27 — Porto

(O. E. D. L.) Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição

Nome .....

Morada .....

.....

A entrevista com Fernando Lopes

(Continuação da 1.ª página)

é muito difícil fazer o truque, fazer o golpe, é muito difícil enganar. Porque não há nada a fazer: é o centro da praça e é o touro a investir. Ou aguentas ou não aguentas... Isto corresponde bastante à própria posição *moral* do Carlos de Oliveira — moral no sentido do corpo a corpo dele com as palavras. Neste sentido, acho que a *Abelha* tenta acompanhá-lo.

D. L. — *Falaste em cenas de três minutos...*

F. L. — ...que acabam por parecer uma eternidade — e são-no. Isso é que é fabuloso, no cinema. E aqui voltamos a um certo lado quase mágico, que eu estou a tentar meter no filme. Não te admires muito se a *Abelha* vier a parecer-se com um filme mudo. Até no tom da fotografia. Neste aspecto, posso dizer que é até um filme contra a corrente — o que também está certo com o meu feitio.

A EPOPEIA DA PRODUÇÃO

D. L. — *Seria interessante focarmos agora a epopeia da produção...*

F. L. — A fita esteve para ser feita variadíssimas vezes, foi recusada por muita gente — alguns distribuidores que achavam que era uma história muito pessimista, muito fechada, excessivamente pantanosa e onde ninguém se salvava. Claro, resta perguntar o que é que eles entendem por salvação...

D. L. — *Salvação é o Calvário casar com a Madalena...*

F. L. — Passado aquele período inicial que foi aí de 60 a 63 — vá lá, até 64 — incluindo a fita do Paulo *Mudar de Vida*, verificámos que o chamado novo cinema português não se tinha conseguido impor do ponto de vista comercial. Que além disso, ou pior que isso, havia mais pessoas que também queriam fazer filmes e que não encontravam maneira de os fazer, havia projectos antigos (como era o caso da *Abelha*) que não tinham qualquer *chance* de vir a concretizar-se — tudo isto porque havia (também) uma certa desorganização de nós próprios. Quer dizer, nós próprios estávamos cada um para seu lado. Ora a única maneira de corrigir isso (e verificámo-lo nas discussões que houve no Porto) era a de se tentar realmente uma organização das forças que apesar de tudo já tínhamos — porque já tínhamos, digamos, um certo nome feito, ninguém nos acusava de sermos mais incompetentes ou menos competentes que os anteriores cineastas portugueses. Restava apena saber se acreditávamos suficientemente em nós e no cinema que queríamos fazer, se estávamos dispostos a correr os riscos.

UMA HISTÓRIA DE COMPROMISSOS

(E aqui, Fernando Lopes nega as soluções de compromisso. Vem à baila o filme Sete Balas para Selma, *do António de Macedo. Eu provoco. Fernando Lopes sempre diz que as* Sete Balas *é um compromisso relativamente especial», que não pode dizer que o filme seja como a* Operação Dinamite, *que é «mais qualquer coisa do que isso», mas que «apesar de tudo, para mim, é menos qualquer coisa do que eu posso esperar do Macedo». Com a minha fisgada, puxo a linha).*

D. L. — *De qualquer modo, acho que poderemos dizer que as* Sete Balas *é um compromisso em relação a uma determinada engrenagem...*

F. L. — Até me vou servir das *Sete Balas* como paralelo. Eu acho que o Macedo aceita um determinado princípio e um determinado jogo que são os de umas certas estruturas que existem aqui. Há o distribuidor e há o exibidor, que desejam um determinado produto. O Macedo, colocado perante a situação (a de um realizador português que quer continuar a exercer a sua actividade, inclusivamente para poder evoluir), põe o problema, defensável até certo ponto, de que «sim senhor, eu faço esse produto porque posso meter nele as minhas ideias, as minhas obsessões, os meus gostos». Ora eu desconfio que isto não é possível aqui em Portugal. E desconfio porque os resultados, lá fora, nem sempre são brilhantes. O que acontece, portanto, é que o Macedo não lhes dá (às estruturas vigentes) o que elas querem e por outro lado também não faz a fita que quereria. A mim, ao propor a *Abelha*, os dois distribuidores que contactei disseram-me: «não estamos interessados nesse tipo de filme».

D. L. — *Que distribuidores?*

F. L. — A Doperfilme e os Castelo Lopes. «Não estamos interessados nesse tipo de filmes porque estamos convencidos que vamos perder dinheiro. O que nós pensamos que pode dar dinheiro no cinema português não está você interessado em fazer.» Forçado a esta situação, tive que inventar. Aqui nasce a ideia de nos juntarmos — três, quatro ou cinco cineastas — numa casa e servirmo-nos das estruturas vigentes a um determinado nível. Sabemos os perigos que isso comporta, igualmente, e sabemos muito bem que nós nos estamos a servir delas mas que elas se estão igualmente a servir de nós. É normal, é natural, aceitemos o jogo. Vamos tentar, portanto, utilizar um certo tipo de meios que essas mesmas estruturas exigem para fazer determinado tipo de filmes — quer publicitários, quer de prestígio ou não sei quê — para os poder utilizar depois nos filmes que nós estamos interessados em fazer e que, de algum modo, são a contradição daquilo que fazemos na curta metragem. Uma contradição que é interessante em si e que até pode ser estimulante no ponto de vista criador. Resta agora, dentro desta espécie de cadeia, dentro deste círculo, tirar ou não partido. Economicamente — e em relação à *Abelha* — até funcionou. Ao fim de dois anos estávamos em condições de fazer o filme.

D. L. — *Sem recurso a distribuidores ou exibidores?*

F. L. — Absolutamente. Utilizámos equipas de gente nova que trabalhavam connosco, utilizámos o mínimo de dinheiro que podíamos arranjar entre nós, utilizámos todo o material técnico que já tínhamos. E, inclusivamente, há uma coisa que começa a acontecer no cinema, como de resto acontece já nas artes plásticas: uma certa quantidade de pessoas que

Uma coisa começa a acontecer em Portugal: certos grupos de pessoas estão realmente interessados em participar monetàriamente em determinado tipo de filmes nacionais.

(Fernando Lopes)

estão dispostas a interferir na medida em que estão dispostas a participar monetàriamente na existência de um determinado tipo de filmes. Isso aconteceu-me na *Abelha*.

D. L. — *Essas pessoas tinham qualquer intuito lucrativo?*

F. L. — Não. Não estão interessadas em lucros, não põem prazos para a devolução do dinheiro. São para aí umas dez pessoas, de profissões muito variadas: desde uma hospedeira de bordo a um sociólogo. É estranho — mas acontece neste país.

Logo, parece-me importante que o filme pudesse ter sido feito sem qualquer interferência de exibidores ou de distribuidores. É um filme que nós controlamos absolutamente. É (para aí) o primeiro filme do cinema novo português que é totalmente controlado pelos seus autores, pelas pessoas (e não me estou a pôr como autor único) que o fizeram. Por outro lado, é quase certo que isto não será um fenómeno isolado. O Manuel de Oliveira, por exemplo, quer fazer um filme — e é possível que várias pessoas colaborem com ele. É o caso do Matos Silva, do António Pedro, do Seixas Santos, do Tropa, que vão fazer filmes pròximamente — talvez dentro de dois anos, ou menos ainda... Há um projecto de um filme de *sketches*, com quase todos os novos que ainda não fizeram um filme de fundo...

D. L. — Uma Abelha na Chuva *terá aquele mínimo de aceitação para que não constitua um fracasso económico?*

F. L. — Estou convencido que o filme tem bastante mais defesas que o *Belarmino*. Até porque estamos a fazer muitos esforços nesse sentido. Temos umas possibilidades de defender o filme mesmo fora do país.

D. L. — *Ou principalmente fora do país...*

F. L. — Ou principalmente até fora do país.

D. L. — *E não é um sonho?*

F. L. — Não. Há já uma série de contactos. Até por troca com filmes de outros. A *Abelha* poderá ser trocada com outro filme do mesmo tipo.

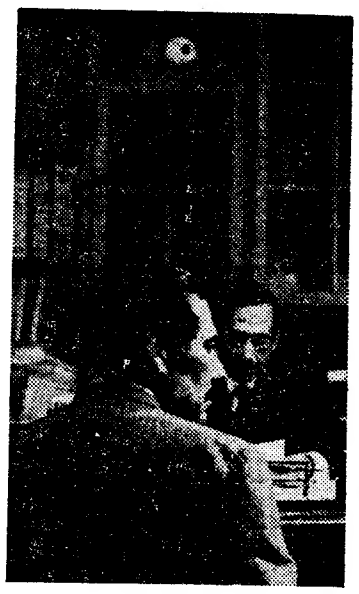
D. L. — *...Que serão vocês a distribuir?*

F. L. — Ou a distribuir ou a dar à distribuição, ficando nós a controlar. Isso dá-nos a possibilidade de, em vez de trazer para aqui um Joselito, ir a Espanha e trazer de lá um filme do meu amigo Carlos Saura — que tem dois ou três filmes muito bons, que ninguém consegue trazer cá porque ninguém está disposto a dar mil dólares sequer por um filme dele.

É muito possível que eu troque a *Abelha* com *A Caça*, do Carlos Saura. E quem diz o Saura diz também um realizador novo do cinema francês ou inglês que esteja disposto a fazer esse tipo de troca — embora com os realizadores de Nova Iorque seja mais fácil conseguir isso.

DO QUE INTERESSA (E DO QUE SE DEVE) FALAR

(Da troca de filmes com um mínimo de exigências estéticas passamos naturalmente aos lugares onde eles podem ser exibidos — e à inexistência de um circuito de cinemas de arte e ensaio em Portugal. Lopes diz que a Abelha *«não é um filme para passar no Coliseu» e que, a haver um circuito de salas especializadas, o* Mudar de Vida *teria tido, possivelmente, outros resultados. Mas a conversa vai longa e eu quero, por último, arrancar ao Fernando Lopes o ponto no i. Que surge enfim. E fim).*



João Guedes em filmagem: na pele do remorso, a coragem

F. L. — Ao fazer *Uma Abelha na Chuva* a minha intenção básica, e principal, foi de contribuir para — de ajudar a — preencher aquilo que tem faltado no cinema português: uma paisagem humana. Que é muito variada, que pode ir de *Belarmino* ao *Mudar de Vida*, do *Domingo à Tarde* aos *Verdes Anos* e à *Abelha na Chuva*. Há vários mundos sobre os quais nós devemos falar. Este, o da *Abelha*, é um dos que me interessa.

VICTOR SILVA TAVARES

Madame Kabal

(Continuação da 8.ª página)

presentado por actores, intitulado «Goto».

Esperemos. Quantos anos? Não interessa. Borowczyk está a filmar. Está a criar e sabe que o tempo nada vale e a obra de arte fica. Tem de ficar.

Querem saber o que diz Ado Kyrou no *Positif*?

Apenas isto: «Ela (Madame Kabal) é tão indispensável como Borowczyk o é para o cinema moderno.»

É natural que muita gente considere levianamente este polaco como um misógeno. A esses lembro as suas palavras a propósito de Madame Kabal:

«Das personagens do meu filme, tenho uma preferência por Madame Kabal, pela simples razão de que gosto das mulheres: Théâtre de Monsieur et Madame Kabal é uma homenagem à mulher».

SETÚBAL NINFA DO SADO
DE SANTOS CRAVINA
PREÇO 30$00

Eduardo Prado Coelho:

Ainda Jorge de Sena

EM artigo anterior, procurei definir a especificidade de *Arte de Musica* (*) na obra de Sena. Na verdade, enquanto *Metamorfoses* corresponde a um tipo de *poesia englobante*, implicando um modelo de *sujeito dilatado* pela realidade toda que absorve (isto, pelo menos, ao nível das aparências), em *Arte de Musica*, a realidade contrai-se na concentração de um puro virtual, onde o sujeito se absolutiza e simultaneamente se nega. Há portanto uma *metamorfose* do estatuto da subjectividade (mas a leitura deste novo livro pode vir alterar os esquemas de leitura do anterior, e assim anular o efeito de metamorfose).

SE voltarmos agora ao inquérito que *O Tempo e o Modo* (*) lançou sobre a obra de Sena, encontraremos aí um texto exemplar desse admirável leitor de poesia que é Fernando Guimarães. Diz-nos ele que há em Sena uma recusa do «círculo definido apenas pela subjectividade», e que isso constitui a base original, e nem sempre como tal apercebida, duma poética. Porque é fácil apontar em Sena um discursivismo desenfreado e estonteante de inteligência, e supor que ele é a explosão de um eu excessivo e incontrolável. O que é difícil é conciliar isso com uma facto irrecusável: o facto de esta poesia, no seu desenvolvimento aparentemente linear de discurso subjectivo, possuir uma estruturalidade, uma harmonia, uma arquitectura interna que inevitàvelmente pressupõe uma relação primordial a um movimento de estruturação pré-subjectivo. É isso um pouco o que Ramos Rosa também aponta quando aproxima esta poesia da técnica fenomenológica. Mas Fernando Guimarães vai talvez mais longe ao dizer que a poesia de Sena é inesperadamente um exemplo privilegiado de que «entre o eu enquanto sujeito e eu do discurso há um intermediário; e esse intermediário pressupõe várias mediações: o eu desdobrado, o tu, o outro ou os outros. As nossas palavras são o suporte desta alteridade». E assim: «a poesia é, afinal, um diálogo de que os verdadeiros interlocutores se afastam cada vez mais para dar lugar à linguagem».

É talvez assim possamos compreender como esta poesia torrencial nos aparece distinta dum discurso inspirado. Não há inspiração mas, como diz ainda Fernando Guimarães, «algo de homólogo, talvez um automatismo em que o inconsciente se converte no lugar que marca a alteridade possível da linguagem». E Fernando Guimarães cita ainda estes dois versos lapidares:

«De mim a ti, de ti a mim,
quem de tão longe alguma vez re-
[gressa?»

ORA é na medida em que a música é o puro desenvolvimento duma estrutura que ela se aproxima da poesia — que é relação com a estrutura da linguagem como alteridade. Daí duas consequências. Em primeiro lugar, o processo é irreversível: «não há regresso após tanta invenção». Tudo é constante metamorfose: «Nem a música, nem nós, somos os mesmos já». Em segundo lugar, se a estrutura é a experiência dum vazio organizado, da invisibilidade percutida duma escrita, do abismo anterior ao espaço da noite e ao espaço do dia, ela é a *suspensão da realidade*, conjugação premente do virtual e da evidência das coisas.

«Será que alguma vez, senão aqui
aconteceu tamanha suspensão da
[realidade a ponto
de real e virtual serem idênticos,
[e de nós
não sermos mais o quem que ouve,
[mas quem é? A ponto de
nós termos sido música sòmente?»

O que é um aspecto importante: aqui, onde a arte atinge a sua expressão máxima, aqui o sujeito se dissolve para serenamente se incluir no fluir inicial do que apenas é estrutura, movimento — ou música. Aqui é ainda o sujeito que morre — amortecida a sua queda numa rede de sons. Mas, nesse processo de conversão que já conhecemos, a sua morte acontece, existe, é concreta, e é portanto um momento da vida, nela se integra ainda, e ainda como a música: «o fluir da música nascida / de não fluir mais nada que não seja a vida».

E o mesmo sucede no acto de ouvir essa música. Seria um erro reduzi-la às dimensões da nossa emoção subjectiva: ela não é «vida minha, mas humana vida / de que sou parte apenas porque escuto».

E, no entanto, se tudo é vida (com a morte e o nada nela incluídos como momentos do que ela é), esse ser que a vida é na irredutibilidade do seu ser existe contornado de mistério, feito enigma no seu emergir da noite que o precede. A arte é o modo mais firme de conter o anel de vazio que nos oprime: «Ó vida feita uma detida morte!». E contudo, se a arte a detém, é porque dela se aproxima e corajosamente a afronta para nos dizer a mudez longínqua dos seus olhos vazados.

Não é o nada, porque o nada *ainda é:* é o facto de ser — ser nada. Aqui é algo de mais terrível, algo de mais sinistro, é o indizível que se exige e se impõe, é o incontornável que se ergue, é a pura ausência, tão viva na sua vibração, duma palavra que o diga sem nela o negar no aviltamento do dito.

«Música do vácuo, do vazio, do inútil
[do insensível, do sem vida,
mas, mais terrível que isso, não do
[nada,
já que o nada, a negação, seria
ainda um pouco de consolo dúbio,
um pouco de ternura e de ilusão».

CONTUDO, esse puro exterior que sempre se subtrai à luz que apenas ilumina o que dele é vazio, esse puro exterior é inevitàvelmente o *inominável*, essa «inevocabilidade divina», esse «seu existir tão fora do discurso com que nos visamos chamando-lhe Deus» de que fala Eduardo Lourenço. E o discurso, esse, por um gesto de traição que o faz humano, nomeia.

Donde, a queda é inevitável. Se a música, introduzindo-nos na experiência que é a «solidão da morte sem palavras», aborda a face do indizível, ela está condenada a dizer-se quanto mais não seja a dizer de si mesma que é música e música é.

Daí a cumplicidade entre Deus e o Demónio que Eduardo Lourenço indica. Se Deus é o infigurável, toda a arte que o significa é ainda a sua figuração possível. E se o demoníaco tem como essência o nomear das coisas, dizer o infigurável é já nomeá-lo, é já conjugar o Demónio e o Deus no novelo indestrinçável da sua aliança.

A arte é o mistério e a luz que como mistério o determina. A arte é o interrogar e a justificação do que nesse interrogar é já sentido, é já liberdade apropriada, é já espaço e tempo combinados, é já «raiz profunda / daquilo que será provável ou possível / como consciência, quando houver palavras / ou quando puramente inúteis forem».

Mas se a arte é apenas o rastro que ficou duma impossível aventura, ela é a experiência do que na impossibilidade nos é humano e possível — apesar de toda a imensa e tão sórdida ausência que nos cega e amordaça. Ela é

desejo ansioso de que um Agnus Dei
se interponha (ao contrário da mor-
[te) mediador e humano
entre um nada feito música
e outro possivelmente Deus.
E a esperança desesperada de que seja
uma grandeza nossa quanto fique.
de pé, no intervalo entre ambos.

(*) Jorge de Sena *Arte de Música*, Livr. Morais, Lisboa, 1968.

Revista *O Tempo e o Modo* — número dedicado a Jorge de Sena — n.º 59 — Abril de 1968.

MADAME KABAL

por Liberto Cruz

Ainda não tem a popularidade da Rosa do Adro, não é tão discutida como a Madame Bovary nem tão-pouco é admirada como qualquer Fifi Pirosa cujos gorjeios são um autêntico calvário para o contribuinte em dia. Não, não é. Mas podem ter a certeza que o seu nome há-de ultrapassar fronteiras, galgar muros e quintais, percorrer continentes e transformar-se num exemplo cómodo e barato para todos os frustrados do matrimónio. Atenção pois, gente da cultura!

Mme. Kabal. «Não tão popular como Mme. de Bovary...»

Permitam-me que a apresente:

Madama Kabal (Alice Kabal) é alta, feia, usa postiços, tem pernas de alicate, uma boca enorme e a celebérrima penca do Cirano de Bergerac era um amorzinho de nariz comparado com o desta respeitável senhora. Alice (chamemos-lhe assim porque a gente conhece-a bem) é implacável, destruidora, tirana, deliciosamente cruel até ao requinte, mas desde que aparece no *écran*, com a cara que ela própria escolheu, (as caras fazem-se a si próprias, como diria o filósofo Luca Giovanni...) o espectador sente-se atraído e dominado (também) por essa mulher fatal. E num louco e obsessivo ritmo assistirá durante uma hora e vinte minutos ás aventuras do quotidiano vividas por Madame Kabal e seu pequeno, triste e definhado mas altamente erótico cara-metade. Como um rafeiro que teme os pontapés do dono, o senhor Kabal adivinha-lhe os pensamentos, corre célere a levar-lhe o que ela necessita, sempre tristemente forçado a interromper os lúbricos e gulosos olhares que, mercê dum binóculo de longo alcance, lança para a mulher do próximo ou não. Compreensivo e amigalhaço o realizador substitui a bonecada por figuras de mulheres, a cores e tudo.

Terminado o espectáculo, Madame Kabal acompanha-nos, obriga-nos a olhar à nossa volta, a descobrirmos que aquele mundo alucinante onde penetrámos durante oitenta minutos não está, no fim de contas, muito longe do nosso tristonho e diabólico cosmos.

Sátira impiedosa ao matriarcado, o autor desta longa metragem de desennos animados, que a elástica (por vezes) censura francesa proíbe aos menores de 18 anos, chama-se Borowczyk. Melhor: Walertan Borowczyk. Nascido na Polónia em Kwilez, há 45 anos, realizou até agora uma boa dúzia de curtas metragens. Estudou pintura em Cracovie e interessou-se pela litografia. Na Polónia fez: *Era uma vez* e *O Sentimento Recompensado* (1957); *A Escola* (1958). Em França: *Os Astronautas* (1959); *O concerto* (1962); *Holy Smoke, Enciclopédia da Avó, Renascença* (-963); *Brincadeiras dos Anjos* (1964); *O Dicionário de Joaquim* (1965); *Rosália* (1966).

Chegado à Pátria dos irmãos Lumière em 1959, Borowczyk tem trabalhado exaustivamente com uma meticulosidade, um escrúpulo e um profissionalismo dignos da maior consideração. Aliás a atribuição do Prémio Max Ernst em 1967 pelo conjunto da sua obra não surgiu por mero acaso nem pelas razões que há tempos neste jornal apontava Constantino Esteves. O *Théâtre de Monsieur et Madame Kabal* (é este o nome completo da fita) ocupou-o durante dois anos. Daí resultou este incisivo estudo, este panorama atento e lúcido, dolorosamente cruel e ridículo sobre a nossa época.

Mas este teatro do Senhor e da Senhora Kabal está ainda recheado de monstros terríveis que não pertencem a nenhuma categoria dos animais domésticos mas os ultrapassam delirantemente. São monstros devoradores cheios de manhas e habilidades, de encanto e ferocidade. Imagens e música completam-se e ajustam-se perfeitamente dando origem a seres e coisas estranhíssimos. Coisas que o espectador tem e precisa de descobrir. É necessário estar atento, ter olho vivo, seguir com o mesmo cuidado tanto os passos mecânicos de Madame Kabal como a direcção dos binóculos do senhor Kabal. Ambos nos fornecem perspectivas inesperadas, o outro lado da realidade, o mistério tantas vezes oculto do comezinho. Em cada um se geram pesadelos, se arquitectam vinganças, se desenvolvem sonhos cor-de-rosa, se deslumbram lavos de loucura, de serena crueldade, de pacata criminalidade de fortuita esperança.

Assim não se devem estranhar os tiros subitos e inexplicáveis que fazem cair pássaros, que põem em movimento novos seres e novas coisas, que fazem correr pequenos e grandes monstros, que nos arrastam até à casa medonha e fascinante deste simpático e atraente casal. Aí o *home, sweet home* onde tudo é possível, até o amor dum casalinho de falcões. Alçapões que se abrem, tampas que se fecham, postigos que rangem, chaminés que se deslocam canos que gemem, paredes que se queixam, o que é isso numa casa onde alguém reina beatamente?

Revestido duma aparente e real loucura, duma propositada e consciente desordem, duma firme monstruosidade, duma anárquica beleza, dum abominável mas salutar humor, esta fita de Walertan Borowczyk dá-nos pontapés nas canelas sem dó nem piedade. Servindo-se da imaginação e abusando do abstracto, acaba por nos fornecer um quadro eficaz, como ele próprio afirmou. Altamente eficaz acrescente-se.

A segurança com que trabalha, a certeza com que narra, a humildade com que envolve a fita, a paixão delirante com que filma levam-nos a concluir (parafraseando Almada Negreiros) que não sabe ser outra coisa se não pelo cinema. E não tenhamos medo de gritar que é um homem de talento.

Segundo os *Dossiers Art et Essai* (n.º 28 de 7/6/67) Borowczyk prepara uma nova longa metragem, onde abandona o animado por um cinema re-

(Continua na 7.ª página)